**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS JUDAICOS E ÁRABES
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS ÁRABES**

Nisreene Matar

**O ENCONTRO DO RIO NEGRO E O MAR MEDITERRÂNEO: Uma
análise dos termos culturalmente marcados na tradução para o árabe do
romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum**

São Paulo
2020

Nisreene Matar

**O ENCONTRO DO RIO NEGRO E O MAR MEDITERRÂNEO: Uma
análise dos termos culturalmente marcados na tradução para o árabe do
romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum**

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo para a obtenção de título de Doutora
em Letras.

Programa: Pós-graduação em Estudos Judaicos
e Árabes.

Área de concentração: Estudos Árabes

Orientadora: Profa. Dra. Safa Alferd Abou
Chahla Jubran

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M425e Matar, Nisreene
O encontro do rio negro e o mar mediterrâneo: uma análise dos termos culturalmente marcados na tradução para o árabe do romance Dois Irmãos, de Milton Hatoum / Nisreene Matar ; orientadora Safa Alferd Abou Chahla Jubran. - São Paulo, 2020.
110 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Orientais. Área de concentração: Estudos Judaicos e Árabes.

1. Tradução para o Árabe. 2. Tradução Cultural. 3. Dois Irmãos. 4. Milton Hatoum. 5. (In)Visibilidade de Venuti. I. Jubran, Safa Alferd Abou Chahla, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Nisreene Matar.

Data da defesa: 30/04/202

Nome do Prof. (a) orientador (a): Safa Alferd Abou Chahla Jubran

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 10/06/202

(Assinatura do (a) orientador (a))

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS JUDAICOS E ÁRABES
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS ÁRABES**

**O ENCONTRO DO RIO NEGRO E O MAR MEDITERRÂNEO: Uma
análise dos termos culturalmente marcados na tradução para o árabe do
romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum**

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Membro titular interno ao programa

Prof. Dr. Michel Sleiman- USP

Membro titular externo ao programa

Profa. Dra. Shirlei Lica Ichisato Hashimoto - USP

Membro externo à USP

Prof. Dr. Felipe Benjamin Francisco - UFRJ

Suplentes

Profa. Dra. Christina Stephano de Queiroz (ext.)

Profa. Dra. Christiane Damien Codonhoto (ext.)

Prof. Dr. Mamede Jarouche (DLO)

São Paulo
2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente ao meu pai. O grande homem que marcou a minha vida e me ensinou, principalmente, a ser feliz.

Aos meus filhos Nathalie, Lara e Daniel, razões das minhas lutas e conquistas.

Agradecimentos

Aos meus filhos Nathalie, Lara e Daniel por entenderem sempre os motivos da minha ausência e me apoiarem em tudo.

À minha filha Nathalie, pelas revisões e colaborações durante o trabalho.

À minha orientadora, Profa. Dra. Safa Alferd Abou Chahla Jubran, a minha eterna gratidão pela paciência, orientação precisa, disposição, generosidade e mesmo à distância soube compreender todas as dificuldades e transmitir confiança durante os anos do estudo.

À minha Irmã Maya Abou Matar pelo apoio incondicional desde o início até o fim, como sempre ao meu lado.

Ao meu pai (*in memoriam*) que sempre incentivou os meus projetos profissionais e acadêmicos e a minha mãe que sempre me apoia, incentiva e torce pelo meu sucesso.

Aos professores Dra. Shirlei Lica Ichisato Hashimoto e o Dr. Michel Sleiman pelas sugestões precisas feitas no Exame de Qualificação.

À minha amiga e colega Márcia Almeida pelo apoio e amizade durante os anos do curso.

Ao meu professor do curso de letras e orientador de TCC, Dr. Paulo Nunes, a gratidão por ter colocado em minha mão o livro *Dois Irmãos*, também tema do então TCC.

Ao autor Milton Hatoum pela sua disponibilidade em fornecer material de consulta para a realização deste trabalho.

Ao escritor e amigo Assad Zaidan pelo incentivo e empréstimo de livros de consulta.

Ao compadre e amigo Carlos Salgado dos Santos pelo apoio no início desta jornada.

Ao Rafael Alexandrino Malafaia pela revisão do texto da tese e pelo apoio durante o curso.

Ao Instituto Federal Do Pará- IFPA por conceder uma licença de dois anos e meio para o desenvolvimento do estudo.

*“Vieram jovens para jovens terras,
dos velhos montes para o novo chão
olhos brilhando, brilho de esperança,
e um velho cedro em cada coração.”*

*“Plantaram frutos na terra bendita,
deram seus filhos como gratidão,
são brasileiros com brilho nos olhos,
e um velho cedro em cada coração.”*

Rizkalla Tuma

RESUMO

MATAR, Nisreene, O ENCONTRO DO RIO NEGRO E O MAR MEDITERRÂNEO: Uma análise dos termos culturalmente marcados na tradução para o árabe do romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum. 2020. 110f. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade De Filosofia, Letras E Ciências Humanas da Universidade De São Paulo, São Paulo, 2020.

O presente trabalho tem como objetivo geral elaborar uma análise comparativa dos termos e expressões culturalmente marcadas na tradução para o árabe do romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, e explorar a estratégia de visibilidade adotada pela tradutora para assegurar que o leitor da língua árabe tenha acesso e conheça os traços culturais existentes no texto original. Esta análise é feita com base na teoria da visibilidade do tradutor, tratada por Venuti (1992, 1995/2004, 1998/2002, 2013), levando em consideração a afinidade existente entre os estudos da tradução e os estudos culturais dentro do campo da tradução literária, atribuindo igual importância para as diferenças linguísticas e culturais entre a língua de partida e a língua de chegada. A metodologia adotada nesta investigação foi dividida em duas partes, na primeira, um levantamento bibliográfico e, na segunda, o mapeamento dos termos e expressões culturalmente marcados, análise e interpretação dos dados. O levantamento do *corpus*, em língua portuguesa, contou com o auxílio do programa WordSmith Tools (SCOTT, 2007), e, no texto de chegada, o levantamento do *corpus* foi realizado manualmente, devido a limitação do WordSmith de não reconhecer a escrita árabe. Os resultados obtidos revelaram que não somente a tradutora manteve-se visível, como preservou o aspecto cultural do texto original.

Palavras-chave: Estudos da tradução; Tradução Cultural; *Dois irmãos*; Milton Hatoum; Pesquisa de *corpus*.

ABSTRACT

MATAR, Nisreene, THE CONFLUENS OF THE BLACK RIVER AND THE MEDITERRANEAN SEA: An analysis of the culturally marked terms in the translation to Arabic of the book *Two Brothers* by Milton Hatoum. 2020. 110f. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade De Filosofia, Letras E Ciências Humanas da Universidade De São Paulo, São Paulo, 2020.

The present work aims to make a comparative analysis of the culturally marked words and expressions in the Arabic translation of Milton Hatoum's book "Two Brothers" and to explore the visibility strategy adopted by the translator to ensure that the Arabic language reader has access to and knows the cultural traits in the original text. This analysis is based on the translator's visibility theory, treated by Venuti (1992, 1995/2004, 1998/2002, 2013), taking into account the affinity between translation studies and cultural studies within the macro field of literary translation, attaching equal importance to the linguistic and cultural differences between the source language and the target language. The methodology adopted in this investigation was divided in two moments, in the first, a bibliographic survey and in the second was made the localization, analysis and interpretation of the data. I used the WordSmith Tools program (SCOTT, 2007), which offers necessary tools for collecting data in corpus of translated texts and manually in the target text, as it was not recognized in Arabic by the program. The results revealed that not only the translator remained visible, but also preserved the cultural aspect of the original text.

Keywords: Translation Studies; Cultural translation; Two Brothers; Milton Hatoum; Corpus Research.

ملخص البحث

لقاء نهر النيجرو والبحر المتوسط: تحليل للمصطلحات ذات التأثير الثقافي في ترجمة كتاب "شقيقان" للكاتب ميلتون حاطوم وأهمية ظهور المترجمة في النسخة العربية

تلعب الترجمة دورًا مهمًا ليس فقط في التواصل بين أشخاص مختلفة ودول مختلفة، ولكن أيضًا في تطوير السياسة والثقافة والمجتمع في الدولة. فلذلك يهدف هذا العمل إلى إجراء تحليل مقارن للكلمات والعبارات التي تحمل علامة ثقافية في الترجمة إلى العربية لكتاب ميلتون حاطوم "شقيقان" وتبيين أهمية ظهور المترجمة والحفاظ على السمات الثقافية للنص الأصلي. واستكشف استراتيجيات الرؤية التي اعتمدتها المترجمة لضمان وصول قارئ اللغة العربية إلى الصفات الثقافية في النص الأصلي ومعرفتها. يستند هذا التحليل على نظرية ورؤية المترجم فانوتي (١٩٩٥)، التي تعاملت معها في سياق التقارب بين دراسات الترجمة والدراسات الثقافية وفي مجال الترجمة الأدبية بشكل عام، مع إيلاء أهمية متساوية للاختلافات اللغوية والثقافية بين لغة المصدر واللغة المستهدفة. أظهرت النتائج التي تم الحصول عليها أن المترجمة لم تبقى مرئية فحسب، بل احتفظت أيضًا بالجانب الثقافي للنص الأصلي.

الكلمات المفتاحية: دراسات الترجمة؛ الترجمة ثقافية؛ شقيقان - ميلتون حاطوم؛ الترجمة النصية.

Lista de Figuras

Figura 1.	Uma imagem do glossário na tradução para o árabe do livro Dois Irmãos	97
Figura 2.	A inserção do glossário (COSTA, 2016)	97

Lista de Tabelas

Tabela 01.	Lista de palavras mais frequentes no romance	69
Tabela 02.	A frequência da palavra “caçula” e as suas respectivas traduções.	70
Tabela 03.	A frequência da palavra “rede” e as suas respectivas traduções.	72
Tabela 04.	A frequência da palavra “Seringueira” e as suas respectivas traduções.	75
Tabela 05.	A frequência da palavra “cortiço” e as suas respectivas traduções.	76
Tabela 06.	A frequência da palavra “Igarapé” e as suas respectivas traduções.	78
Tabela 07.	A frequência da palavra “palafita” e as suas respectivas traduções.	81
Tabela 08.	A frequência da palavra “Boteco” e as suas respectivas traduções.	83

Lista de Abreviações

ETBC	Estudos da Tradução Baseados em Corpus
EI	Expressão Idiomática
LC	Língua de Chegada
LP	Língua de Partida
PCM	Passagens Culturalmente Marcadas
PUC	Pontifícia Universidade Católica
TC	Texto de Chegada
TCM	Termos Culturalmente Marcados
TP	Texto de Partida
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I	23
1.1 Do autor e da obra	23
1.2 Do Romance <i>Dois Irmãos</i>	29
1.3 Da tradutora e da tradução: o intercâmbio e os desafios	37
CAPÍTULO II	45
2.1 Da Tradução Literária	45
2.2 Cultura, Estudos de Tradução e Tradução Cultural	47
2.3 A (In)Visibilidade do Tradutor Segundo a Teoria de Venuti	51
2.3.1 Domesticação e estrangeirização	54
2.3.2 A Autonomia do Tradutor	57
CAPÍTULO III	60
3.1 Conceituação de Termos/Passagens Culturalmente Marcadas (TCM/PCN)	60
3.2 Conceituação de <i>Corpus</i>	61
3.3 O Software <i>WordSmith Tools</i>	63
3.4 <i>Corpus</i> de Pesquisa	63
3.5 Metodologia e Procedimentos da Apresentação e Análise dos Dados	64
3.5.1 Análise e Interpretação de Termos Culturalmente Marcados	65
A. Termos estrangeirizados ou em forma de empréstimo linguístico	65
B. Termos culturalmente marcados traduzidos para o árabe	70
1. Caçada	70
2. Rede	73
3. Seringueira	75
4. Cortiço	77
5. Igarapé	79
6. Palafita	81

7. Boteco	84
3.5.2 Análise e interpretação de Passagens Culturalmente Marcadas	86
1. <i>Hábitos de Vida Social</i>	86
2. <i>Hábitos Alimentares</i>	89
3. <i>Hábitos Religiosos</i>	90
4. <i>Aspectos Regionais da Natureza Amazônica</i>	92
3.5.3 Tradução das expressões idiomáticas	96
3.6 A inserção de glossário na Tradução	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104
Anexo	108

INTRODUÇÃO

De acordo com o antropólogo britânico Edward Burnett Tylor (1920), cultura é uma criação dos seres humanos dentro das mesmas épocas, áreas e etnias, refletindo-se em todos os modelos de sociedade, em crenças, tradições e valores culturais. É todo modelo de comportamento de um grupo social. Uma nação não tem somente sua própria língua, também possui uma cultura surgida de certo ambiente, condições históricas e realidade social. Ambientes que desenvolveram uma cultura em comum deram origem a uma mesma língua.

Em contrapartida, quando pessoas de língua diferentes necessitam de interação, aparece a tradução, sendo a língua o instrumento mais importante da cultura. O papel do tradutor é o de agente intercambiário, por sua capacidade de possibilitar, na cultura alvo, uma maior compreensão acerca da cultura fonte, expressa por outra língua.

A noção de cultura é essencial no processo tradutório, pois, cultura e língua se apresentam como inseparáveis. Bassnett e Lefevere (1990), ao trataram os problemas de correspondência na tradução, atribuíram igual importância para as diferenças linguísticas e culturais, entre a língua de partida e a língua de chegada, concluindo que as idiossincrasias culturais podem causar complicações mais graves para o tradutor, no processo tradutório, do que as diferenças de estrutura linguística.

O linguista Edward Sapir (1884 – 1939) e seu aluno, Benjamim Lee Whorf (1897–1941), valeram-se da noção de relatividade linguística apresentada por estudiosos alemães, que apontavam para a não dissociação dos conceitos de língua e cultura. Tais visões acerca da interdependência entre língua e pensamento se tornaram conhecidas sob o nome de Hipótese de Sapir-Whorf, qual diz que a estrutura da língua, habitualmente utilizada por um indivíduo, influencia a maneira pela qual ele pensa e/ou se comporta. Sendo assim, tal hipótese, interpretada de modo mais radical, inviabilizaria a possibilidade de tradução. Em sua análise da hipótese de Sapir-Whorf, Kramsch (1998, p.11) declarou que “a compreensão [entre duas línguas distintas] não depende de equivalências estruturais, mas sim de sistemas conceituais em comum, gerados a partir de um contexto mais amplo de experiência”.

Portanto, durante muito tempo, os estudiosos da tradução se limitaram a considerar os fatores linguísticos, enfatizando a mudança na forma linguística e as diferenças entre os sistemas linguísticos envolvidos. Todavia, ao perceber que diversos elementos sociais e culturais também constituem o processo de tradução, notou-se a impossibilidade de explicar

ou analisar muitas questões envolvidas na atividade tradutória levando apenas em conta o nível linguístico.

No processo tradutório, em suma, não se pode omitir o corpo como um todo, isto é, o contexto de produção do texto original, o contexto social, histórico e cultural, de modo que o tradutor trate o texto de uma forma isolada da cultura na qual está inserido. Assim, o contexto cultural é crucial para a tradução e, segundo Bassnett e Lefevere (1998), “os tradutores devem ser biculturais e não somente bilíngues”. Para Kramsch (1998), essa incompatibilidade linguística e cultural não significa *impossibilidade de se traduzir uma língua*. Se falantes de diferentes línguas não se entendem, isso não significa que suas línguas sejam mutuamente intraduzíveis, mas sim que eles não compartilham de uma mesma maneira de ver e interpretar eventos, além de não concordar com os sentidos e valores dos conceitos subjacentes às palavras usadas.

No caso específico do texto literário, a tradução torna-se uma transação não entre duas línguas, ou mesmo um ato mecânico de “substituição” linguística, mas sim uma complexa negociação entre duas culturas. Portanto, na tradução literária, a unidade de tradução, que é um segmento textual que o tradutor trata como uma unidade cognitiva isolada com o objetivo de estabelecer uma equivalência, não é mais uma palavra, frase, parágrafo, página ou mesmo um texto, mas toda a língua e a cultura em que o texto foi constituído, pois é sabido que a tradução torna possível o intercâmbio de conteúdo político, literário e até religioso entre culturas diferentes.

Desse modo, a tradução literária desempenha um importante papel, uma vez que o texto oriundo de outra comunidade social revela seus costumes regionais, sua cultura. O romance “*Dois Irmãos*”, de Milton Hatoum (2000), objeto de análise deste trabalho, traduzido para doze línguas, apresenta vários elementos que compõem o rico universo amazônico e, apesar de o romance não ser classificado como regionalista¹, é possível observar que o tradutor se depara frequentemente com termos culturalmente marcados, tais como: “seringueira”, “açaf”, “aturia”, “rede”, “palafitas”, “caboclo”, “tapioquina”, etc.; somados a trechos inteiros culturalmente carregados com imagens tipicamente regionais, como “...caçavam calangos com uma baladeira. Quando chovia, os dois trepavam na seringueira do quintal da casa,...”, “...e o caçula, só de calção, enlameado, se atirava no igarapé” (p. 17). “... Yaqub... não lambuzava as mãos com cerol, mas bem que gostava de brincar e pular nos bailes de Carnaval no sobrado...” (p. 18). “Olha as batuínas e as jaçanãs... apontando esses

¹ Hatoum rejeita o rótulo de regionalista, assunto a ser tratado no capítulo I desta.

pássaros que triscavam a água escura ou chapinhavam sobre folhas de matupá...” (p. 74). “... cantavam e pediam esmola para São João. O povoado de Jurubaxi já se animava com rezas e danças, [...] e chegavam caboclos e índios para o festejo...” (p. 75).

Assim, levamos em consideração no nosso estudo as relações de correspondência, de afastamento e de perda observadas na tradução dos termos culturalmente marcados (doravante, TCM) e das passagens culturalmente marcadas (doravante, PCM), identificados no texto em língua de partida (doravante, LP) e em língua de chegada (doravante, LC), o domínio de conhecimento cultural do tradutor e a variação da tradução de cada termo conforme o contexto.

Considerando, portanto, a importância da tradução cultural e a importância da visibilidade do tradutor, tratada por Venuti (2004), o objetivo geral desta pesquisa é fazer uma análise comparativa dos termos e passagens culturalmente marcados na tradução para o árabe² do romance “Dois Irmãos”, de Milton Hatoum, e explorar a estratégia de visibilidade adotada pela tradutora para assegurar que o leitor da língua árabe tenha acesso e conheça os traços culturais existentes no texto original. A análise será demonstrada por meio do cotejamento do original e da sua tradução para o árabe.

Para tanto, e como objetivos específicos, fez-se necessário: a) Investigar, na versão árabe, a possibilidade da aplicação do conceito venutiano a respeito da visibilidade do tradutor; b) Mostrar a importância da tradução cultural como um esforço simultâneo de compreensão no encontro de duas culturas; c) Abordar o papel do tradutor, sua autonomia, sua produção artística e a importância do trabalho realizado por ele/a na cultura e na língua de chegada; d) Demonstrar a importância da tradução literária sendo interpretada como uma recriação artística no uso do sentido conotativo; e) Fazer uma análise qualitativa por meio do cotejamento de termos e passagens do texto e suas respectivas traduções.

A condução metodológica deste trabalho se orienta de uma natureza comparativa que exige um modelo descritivo que permita medir, quantificar e qualificar o grau de aproximação\distanciamento entre o texto fonte e o texto traduzido, levando em consideração as palavras e expressões culturalmente marcadas.

Na primeira etapa, foi feito um amplo levantamento teórico de temas relacionados com o nosso objetivo de pesquisa, tais como: Venuti (1992, 1995/2004, 1998/2002, 2013), Bassnet e Lefevere (1990), Brisset (2010), Arrojo (2007) e Darin (2012) que versam sobre a tradução cultural. As teorias a respeito da tradução literária foram consultadas em Gonçalves

² Tradução para o árabe, por Safa A. C. Jubran e publicada no Líbano em 2002, por Dar Alfarabi.

(1999), Sarmiento (2006) e Olmi (2012). Sobre a autonomia do tradutor, consultamos as teorias de Ottoni (2005), Rónai (1981) e Robinson (2002). Leituras específicas sobre a conceituação de TCM, os estudos de tradução baseados em *corpus* e os da linguística de *corpus* foram consultados respectivamente em Aubert (1993, 2006), (BAKER, 1995, 2000, 2004) e (BERBER SARDINHA, 2000, 2004, 2009);

Na segunda etapa, selecionamos dois *Corpora Paralelos*³ compostos pelo romance “Dois irmãos”, de Milton Hatoum, considerado o texto de partida (TP) e a sua tradução para o árabe, considerado texto de chegada (TC). Será feita uma análise comparativa entre os dois textos, baseada na Linguística de *Corpus*, essa que é definida por Berber Sardinha (2004, p.03) como a área de estudos que trata da “Coleta e da exploração de corpus para o conjunto de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente com propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística”.

Segundo Baker (1993) as pesquisas envolvendo *corpus* de textos traduzidos resultam em uma mudança do enfoque prescritivo para o descritivo e favorecem a exploração das normas de tradução em contextos históricos e socioculturais específicos. Entretanto, Baker (1996, p. 179-180) ressalta que os traços característicos de textos traduzidos são, algumas vezes, conceitos vagos e abstratos. Por isso, o pesquisador deve buscar o tipo de manifestação concreta que cada traço pode manifestar no texto de chegada, para depois considerar a forma de identificação dessas manifestações, já que o mesmo traço pode ser expresso de diferentes maneiras. Para essa finalidade, adotou-se como metodologia a pesquisa quantitativa e qualitativa.

A análise quantitativa foi realizada em duas etapas: **a)** levantamento quantitativo dos TCM no TP, com o auxílio do software *WordSmith Tools*⁴ (2007), projetado para facilitar a extração dos dados e possibilitar ao pesquisador interpretar, de modo mais completo e abrangente, os dados da investigação em toda a extensão dos textos, em uma perspectiva descritivo-comparativa; **b)** localização, no TC, da tradução dos TCM, de uma forma manual, pois o software *WordSmith Tools* não reconheceu os caracteres da língua árabe.

A análise qualitativa é realizada por meio do cotejamento de termos e passagens do TP e suas respectivas traduções no TC, de acordo com os objetivos desta pesquisa e com base no

³ Baker (1993, p. 238) distingue tipos de corpus no tocante à tradução: definido como “Corpora Paralelos: corpora de textos fonte e suas respectivas traduções”, no capítulo III foi feita a conceituação.

⁴ Criado por Michael Scott, o programa *WordSmith Tools* (SCOTT, 2007) é muito utilizado em pesquisas por auxiliar na descrição da linguagem da tradução a partir de corpora de textos em formato eletrônico. O programa apresenta três ferramentas de busca, a *WordList*, a *KeyWords* e a *Concord* e os respectivos aplicativos (*colocados* e *clusters*). O procedimento para o tratamento computacional dos textos é feito a partir do seu escaneamento, utilizando-se o Reconhecimento Ótico de Caracteres

nosso referencial teórico. O capítulo III se ocupará dessa análise, que levará em conta, três categorias, a saber:

- 1- A análise comparativa de **Termos Culturalmente Marcados** que são apresentados:
 - a) Os termos culturalmente marcados que foram mantidos em português no texto de chegada.
 - b) Os termos culturalmente marcados com base na lista de frequência e na lista de palavras-chave selecionados pelo software *WordSmith Tools* (SCOTT, 2007)
- 2- A análise comparativa de **Passagens Culturalmente Marcadas**.
- 3- A análise comparativa da **Tradução das expressões idiomáticas**, que são expressões com um significado figurativo diferente do seu significado literal.

Desta forma, em termos estruturais, a tese é composta de três capítulos, como segue:

No **Capítulo I** apresento a vida e a obra do autor, Milton Hatoum (1952), e o enredo do livro *Dois Irmãos* (2000), a história dos personagens principais e a importância da obra no contexto literário brasileiro e estrangeiro atual. Tais colocações visam apresentar um questionamento a respeito da narrativa: se é um drama árabe, brasileiro ou meramente manauara. Como esse teve até agora uma única tradução para o árabe, tradutora, Safa Jubran, escolhida pelo próprio autor, esse capítulo, faz uma menção às atividades da tradutora, cujo nome se figura, ainda hoje, entre os poucos que se dedicam no Brasil ao ofício da tradução/versão direta do árabe para o português, e do português para o árabe. Além de abordar alguns dos muitos desafios da tradução para o árabe e do intercâmbio cultural.

No **Capítulo II**, apresento, primeiramente, a tradução literária e seu importante papel no intercâmbio sócio-histórico-cultural e questões relacionadas à recriação textual. Em seguida, trato da tradução cultural; após um debate introdutório sobre a relação entre a cultura, estudos de tradução e a tradução cultural. Em seguida discute-se em a teoria de (in)visibilidade do tradutor segundo a “Teoria de Venuti”, fundamento que subsidia e justifica a análise e interpretação dos dados nesta pesquisa. Apresento dentro da teoria venutiana e os conceitos de domesticação e de estrangeirização. E, por último, discorro sobre a autonomia do tradutor por ser mediador do intercâmbio cultural e o principal elemento da teoria de visibilidade venutiana.

No **Capítulo III** desenvolvo a conceituação de termos e passagens culturalmente marcados de uma forma resumida, segundo Aubert (1993, 2006,); a conceituação dos estudos da tradução baseados em *corpus* (BAKER, 1995, 2000, 2004) e da linguística de *corpus*

(BERBER SARDINHA, 2000, 2004, 2009). Descrevo, em seguida, como foi realizada a seleção de dados, a decisão de usar o software *WordSmith Tools* (SCOTT, 2007) e como apresento e analiso os dados coletados. Por último, apresento a composição do *corpus* paralelo de estudo, os procedimentos de análise adotados na pesquisa e a análise e interpretação dos dados. Por fim, tecemos as considerações finais.

Capítulo I

O romance é um artifício verbal, feito com sentimento, inspiração, paixão. E a arte não está desvinculada da reflexão. Os grandes romances narram os dramas familiares e sua arte está em retratar uma vida particular. O que atrai o leitor é a vida das pessoas.

Milton Hatoum

1.1 Do autor e da obra

Em uma entrevista, Hatoum faz a seguinte declaração, se referindo a seu primeiro romance “Relato de um certo Oriente” de 1998, ganhador do prêmio Jabuti:

No começo dos anos 90, meu primeiro romance (Relato de um certo Oriente/Tale of a certain Orient) foi traduzido para vários idiomas e publicado em sete países, inclusive na França. Foi essa tradução francesa que motivou a publicação de artigos sobre o meu romance na imprensa libanesa. Esses jornais atravessaram o oceano e chegaram às mãos do meu pai, em Manaus, mais de meio século depois de sua partida definitiva do Líbano para o Brasil. Uma das lembranças mais comoventes que tenho do meu pai é vê-lo na varanda de sua casa em Manaus, lendo, sentado, um desses artigos, publicado no jornal libanês An-Nahar. Lembro que ele convocou toda a família para ouvi-lo, como se fosse uma cerimônia solene. Foi a primeira vez que o vi chorar, sem alarde: o choro silencioso de uma dor inaudita. Naquele momento, ao olhar para um homem idoso que um dia seria enterrado num lugar muito distante de sua pátria, pensei na dor dos imigrantes, dos exilados e dos expatriados que dificilmente retornam a sua terra natal para reverem parentes e amigos, ou simplesmente para contemplar a paisagem da infância, quando todos os outros já morreram. Pensei que uma sociedade, qualquer que seja ela, deve alguma coisa a esses imigrantes: homens e mulheres que, movidos pela vontade de viver uma vida menos penosa ou por um desejo obstinado de sobreviver, nem que seja como almas penadas, elegem uma outra pátria cultural. Emocionado, meu pai leu o artigo em árabe, sua língua materna, e traduziu-o lentamente para o português, sua língua adotada. Quando ele terminou a tradução, disse: “É curioso, nunca pensei que eu ia voltar ao Líbano através de um livro escrito pelo meu filho”. (HATOUM, 2013)⁵

⁵ HATOUM, Milton. Artigo “Arabescos Brasileiros”, para a revista Mashriq & Mahjar, Vol 1 No 2, p: 3-13 ISSN 2169-4435, 2013.

Onze anos depois de seu elogiado romance de estreia, Hatoum publica o seu segundo romance, “*Dois irmãos*”, em 2000, que ganhou outro Jabuti e foi traduzido para doze idiomas e adaptado para televisão, teatro e histórias em quadrinhos. O romance, outro mergulho no universo dos imigrantes árabes na Amazônia, que retoma o mito bíblico de Esaú e Jacó.

Seus livros têm sido traduzidos para diversos idiomas – como inglês, francês, espanhol, alemão, holandês, árabe, grego, italiano, catalão e norueguês –, confirmando a sua vocação literária que não conhece fronteiras.

Milton Hatoum nasceu em Manaus, Amazonas, em 1952. Filho de pai libanês e mãe amazonense, filha de libaneses. Ele descreve Manaus como o lugar de muita mistura e o de encontro de muitos imigrantes. Em suas palavras,

Nas escolas públicas de Manaus convivi com crianças e jovens filhos de índios nativos da Amazônia, negros, portugueses, espanhóis, alemães, judeus marroquinos e tantos outros imigrantes que povoaram a região onde nasci. No Brasil esse tipo de convívio parece ter sido a regra, e não a exceção. Não quero idealizar nem mistificar a mestiçagem da sociedade brasileira. (HATOUM, 2013, p. 11)

Aos 15 anos caiu na aridez de Brasília, o menino da Amazônia encontrou-se com a realidade dura e seca do Brasil de 1968. Formou-se em arquitetura pela Universidade de São Paulo, fez pós-graduação em literatura francesa em Paris, depois de morar na Espanha. Hatoum atravessou o oceano de volta, renunciando as metrópoles internacionais e reinstalando-se, depois de 15 anos distante, em Manaus, “Até hoje não sei por que voltei”.

A divulgação internacional do livro “Relato de um Certo Oriente” começa com a tradução para o alemão, o italiano, o francês e o inglês. Em entrevista, o autor se refere às traduções como “gratificantes, porque de certa forma, o livro assume um caráter universal.”

A crítica literária procurou descobrir os traços autobiográficos e familiar nos dois livros. Mas Hatoum afirmou para a revista *Brav⁶o* que, embora a família influencie, seus livros são mais ficção do que um relato de vida familiar.

Como cronista, Hatoum publicou mensalmente na Revista *EntreLivros*; durante todo o tempo de sua duração: de 2005 a 2007. Em 2009, lançou o livro de contos *A cidadeilhada*, pela Companhia das Letras, e, em 2006, pela CosacNaify, uma bela tradução, dividida com Samuel Titan Jr., de *Três contos*, de Gustave Flaubert.

Com *Cinzas do Norte*, de 2005, Hatoum ganhou os prêmios Jabuti, Bravo, APCA e Portugal Telecom. Em 2008, sua primeira novela, *Órfãos do Eldorado*, que foi adaptada para o cinema em 2013 e teve suas crônicas reunidas em *Um solitário à espreita*, em 2017 e, por

⁶ Por Michel Laub – Revista Bravo, 2000, http://www.miltonhatoum.com.br/wp-content/uploads/2011/03/DoisIrmãos_Bravo4_2000.jpg

último, *Pontos de Fuga* em 2019. É colunista dos jornais, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. Em 2017, recebeu do governo francês o título de *Officier de L'Ordre des Arts et des Lettres*.

O romance “Dois Irmãos” teve três adaptações para três mídias diferentes. Em 2008 foi vertida para a dramaturgia pelo encenador brasileiro Roberto Blat Lage. Os irmãos Gabriel Bá e Fábio Moon adaptaram a obra para a linguagem das histórias em quadrinhos em 2015. Já em 2017, o diretor Luiz Fernando Carvalho transformou o texto em uma minissérie de televisão, atraindo um público leitor considerável.

Uma das marcas importantes nas obras de Hatoum é a questão da mestiçagem, tanto da sociedade brasileira, como no mundo, ele critica fortemente os que falam em choque de civilizações. Segundo ele,

Infelizmente, alguns “intelectuais” preferem construir teorias frouxas e mirabolantes sobre “choque de civilizações”, sobre o “Mal” enraizado nas sociedades islâmicas ou asiáticas, e, mais recentemente, sobre a disfunção social e cultural que podem causar imigrantes mexicanos e hispânicos à sociedade branca e puritana da Nova Inglaterra. Trata-se de uma assertiva cínica, para não dizer racista de alguém que pertence a um país que, em sua essência, é formado por expatriados e imigrantes. Pureza e superioridade são argumentos perigosos do discurso racista, são as armas ideológicas dos impérios. (HATOUM, 2013, p. 12)

Hatoum sempre, nas entrevistas, enfatiza “a importância da coexistência de diferentes etnias e origens, mesmo que isso pareça uma utopia.” (HATOUM, 2013, p. 11). Para o autor “o hibridismo e a mestiçagem não são atributos exclusivos do Brasil e da América Latina, pois fazem parte também do passado da Europa.” (HATOUM, 2013, p. 11).

Milton Hatoum e sua obra literária, atualmente, composta por sete romances, vários contos, crônicas, poesias, ensaios e quatro traduções, ocupa um lugar de destaque no contexto literário contemporâneo brasileiro. Sua obra, especificamente o romance “Dois Irmãos”, é citada por centenas de monografias, dissertações e teses⁷, e objeto de estudo de dezenas delas; mais de 36 entrevistas para jornais e revistas, nacionais e internacionais; e mencionado por muitos artigos, e ensaios:

Nas obras, Hatoum joga todos os dados no tabuleiro da profusão de imagens e sensações caudalosas que marcaram sua vida. Transforma-se no mercador da bela prosa poética, no mascate cuja embarcação permanece atracada no cruzamento de culturas tão díspares quanto coexistentes. De sua mala saem vozes da tradição oral milenar oriental, cânticos de tribos perdidas no paraíso perdido, sons emitidos por curumins na selva, fala de judeus marroquinos estabelecidos na província. De suas histórias brotam os conflitos da família árabe, as lendas amazônicas, irrompem os caboclos. O escritor funde carneiro e arara, tanga e túnica, cedro e jacaréuba,

⁷ Alguns são listados e publicados no site oficial do autor: <http://www.miltonhatoum.com.br/categoria/sobre-autor/livros-teses>

narguilé e tabaco de corda, tucum e jasmim, cunhantãs e matriarcas, mediterrânico e amazônico. Hatoum espalha um punhado de zatar no rio Negro. (KASSAB, 2001)⁸.

Milton Hatoum está inserido no sistema literário brasileiro de uma forma contemporânea, porém, dialoga com a tradição da literatura com Euclides da Cunha sobre o norte do país e com Machado de Assis a respeito da questão do local e do universal. Segundo Hatoum, em uma entrevista,

A literatura brasileira começou como um espelho distorcido da literatura europeia. O Machado de Assis não seria o Machado se não tivesse lido literatura francesa, inglesa, russa. Mas também poder ler os grandes escritores brasileiros. Aqui, vocês têm um grande contista, o Dalton Trevisan, tem grandes narradores contemporâneos, por todo o país, como Graciliano Ramos Osman Lins. Nós já temos alguma tradição. Não tenho nenhum complexo de inferioridade com a literatura brasileira. Porque a partir do Machado, que foi de fato o maior escritor da América Latina do século XIX, esse grande arco que vai até Clarice Lispector e Guimarães Rosa, a gente não deve nada à literatura americana, por exemplo. Qual escritor americano, a não ser William Faulkner, pode ser comparado ao Guimarães Rosa?⁹ (HATOUN, 2011)

Sobre Hatoum, após o lançamento de *Relatos de um Certo Oriente*, em entrevista a Carlos Graieb, na época editor de opinião no jornal *Estado de São Paulo*, fez uma análise no panorama contemporâneo e disse que Hatoum poderia ser citado ao lado de Salman Rushdie, Micheal Ondaage ou V. S. Naipoul “pelo espírito e qualidade de seus textos que são autores que descrevem o mundo pós-colonial povoado por pessoas que os movimentos políticos arrancaram de seus países de origem. É um tipo de literatura que pergunta o que pode ser, atualmente, uma identidade cultural.” (Estado de São Paulo, 1995). David Jackson (2010), da Universidade de Yale, ratifica o interesse dos leitores estrangeiros: “temas evidentes em Hatoum, como imigração, aculturação, erotismo, orientalismo e a realidade amazonense, atraíram o interesse e a atenção de uma parcela do público leitor internacional”¹⁰.

O autor revela por meio de suas narrativas os problemas sociais da região ignorada pelo continente americano. Manaus, sob o olhar de Hatoum, é uma cidade totalmente modificada pela implantação da modernidade. Hatoum se empenha em tratar de questões da nação e da identidade nacional e dos problemas sociais da região Amazônica ao revisitar nas suas obras essa região. Percebemos, por essa razão, as características do regionalismo brasileiro nas obras, cujo intuito não é potencializar a exuberante natureza, mas chamar a atenção para os problemas sociais da região, especificamente, da capital do Amazonas.

⁸ KASSAB, Alvaro. Jornal da UNICAMP, Campinas 2001, Ano XV, nº 163.

⁹ HATOUN, Milton. Um escritor na biblioteca: Milton Hatoum. Curitiba, PR: Biblioteca Pública do Paraná, 2011.

¹⁰ “[...] his themes and narrative style speak to broad international interests whether in demography or literature”

Contudo, mesmo não almejando uma verdade absoluta, “ainda que inventada, as ficções não são inverídicas, nem meras construções do tipo ‘como se’, porque dizem respeito aos seres humanos e ao habitat que ‘essas criaturas inacabadas’ estão sempre criando.” (ISER, 1996, p. 156- grifo do autor). Logo, um texto narrativo deve ser encarado como uma representação da realidade, mas não deverá significar algo dado, mas sim, compreendido como se fosse algo dado.

Segundo Fernandes (2004, p.115) “basta o narrador viver e conviver, através da narração, com a realidade anunciada. [...] Pouco importa a certidão de nascimento do autor porque sua ascendência, seu lugar de enunciação, se objetiva no modo de sua narração.” Na construção de seus personagens, caracterizados por uma autêntica polifonia, é constituída a pluralidade de vozes presente ao longo da narrativa, que se misturam com a voz do narrador. Como consequência, o intuito das narrativas era apresentar uma Amazônia multicultural, complexa, mestiça, entendendo também que “literatura é uma produção cultural, originada pela relação do homem com o meio e com a paisagem que ele produz.” (FERNANDES, 2004, p.114).

Em 2005, o livro “Dois Irmãos” foi escolhido como a melhor prosa ficcional brasileira dos últimos 15 anos pelo *Correio Braziliense*. O livro ganha destaque no palco literário nacional e internacional. Do ponto de vista literário, o que destaca na prosa de Hatoum é o poder e a persuasão de contar as lembranças do passado como se fossem fantasias.

Enquanto o trabalho de Hatoum recupera a experiência do imigrante, responsável por dobrar a população brasileira do final do século XIX até o início do século XX, ele escreve através de um filtro de retrospecto e memória fragmentada, como que para preencher uma necessidade de reviver ou recapturar momentos e experiências incompletos, e que muitas vezes são imagens intrigantes e fragmentadas de um Brasil que existe na mente do narrador.

Para criar uma narrativa moderna, Hatoum se vale do papel crucial da linguagem na determinação de como sua história será contada. Ele equipara a selva brasileira diretamente com a linguagem, optando por aliar sua ficção às correntes da escrita latino-americana representadas por autores como, Jorge Luís Borges e Guimarães Rosa. Os temas evidentes de Hatoum sobre imigração, aculturação, erotismo, orientalismo e realidade amazônica ganharam o interesse e a atenção de um público leitor internacional.

Muitas declarações de jornalistas e de críticos literários, nacionais e internacionais, confirmam a importância da obra:

Hatoum is wonderful with smells and colours, with feasts and rivers, with cultural misunderstandings and rages. He is good at metaphors. Snakes, real and metaphorical, slide through this novel, in a world both equatorial and biblical (A. S. Byatt, Guardian, 2002)¹¹.

There are, to be sure, plenty of other realistic fictions about the Amazon. Hatoum's novel is, however, quite different from these other works in a number of ways. First, the book is one of a very small number of works by authors born in the Amazon that have obtained national and international recognition. The only real comparison in this regard is the work of Márcio Souza, also from Manaus, author of *Mad Maria*. Then too, in its focus not upon the forest but on the city, the novel stands apart from the great majority of other literary portraits of the region. (Candace Slater, 2006)¹²

Depois de dois irmãos ter chegado ao teatro em 2008 e logo a TV é a vez do cinema mirar suas câmeras para a curta, mas profunda obra. Marcelo Gomes diretor de cinema vem trabalhando no roteiro inspirado em “Relato de um Certo Oriente” o primeiro livro publicado por Hatoum e ao mesmo tempo o Guilherme Coelho debruça diariamente em “Órfãos do Eldorado”, o mais recente do escritor, a fim de começar a sua versão cinematográfica ao perceber que ambos trabalhavam com mesmo autor e grande coincidência, Gomes e Coelho decidiram unir esforços trocando ideias e sugestões (*Estado de São Paulo*, 2011)¹³

Com apenas dois romances publicados, “Relato de um certo Oriente” e “Dois Irmãos”, o ficcionista que vive hoje em São Paulo está entre os grandes nomes da literatura nacional; recorrendo sempre ao encanto de sua terra natal, Manaus, Hatoum, indicado para o Prêmio Estadão, diferencia-se de outros escritores ativos por correr riscos, por andar na fronteira entre dois mundos, entre o culto e o coloquial, o simbólico e o real, o particular e o histórico. (Daniel Piza, *O Estado de São Paulo*, 2001)

Milton Hatoum: The Flowering of Memory in “Eve’s Verandas” When Milton Hatoum (b. Manaus, 1952) came onto the international literary scene in 1989 with his first novel, *Relato de um certo Oriente* [*Tree of the Seventh Heaven*, 1994 *Tale of a Certain Orient*, 2004], he was already a mature author with a complex narrative style, whose subject related to his own family background of Lebanese immigrants who settled in one of Brazil’s most fascinating regions, the Amazon, and specifically in its capital city of Manaus. The Flowering of Memory in “Eve’s Verandas. (por K. David Jackson, Universidade de Yale)¹⁴

Certamente, a importância literária e o destaque da obra, no contexto literário brasileiro e internacional, tornam as traduções um objeto de foco e análise. Sabemos que a tradução ocupa um papel importante na difusão da literatura brasileira em todo o mundo e contribui para a construção de imagens e representações da cultura nacional no exterior. Como qualquer texto, a tradução é decorrente de procedimentos mediadores complexos e sofre alterações inevitáveis para se adequar à língua e ao contexto de chegada. De acordo com

¹¹ A. S. Byatt, Guardian, junho de 2002, Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2002/jun/01/asbyatt>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

¹² Disponível em: <<https://historycooperative.org/journals/eh/10.4/forum.html>> Acesso em: 15 jun. 2018.

¹³ Disponível em: <http://www.miltonhatoum.com.br/wp-content/uploads/2011/05/Hatoum_no_cinema_Estado_maio_2011.docx>. Acesso em: 15 jun. 2018.

¹⁴ Disponível em: <<http://www.miltonhatoum.com.br/sobre-autor/the-flowering-of-memory-in-eve%20%99s-verandas-by-k-david-jackson-yale-university>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

Bassnet e Lefevere, a tradução é uma “reescritura de um texto original” (1990, p. 15) e, qualquer que seja a sua intenção, “reflete certa ideologia e poética e, como tal, manipula a literatura para que ela funcione dentro de uma sociedade determinada de uma forma determinada” (LEFEVERE, 2007, p. 11).

Contudo, a tradução ainda é pouco valorizada no meio literário por ser considerada, muitas vezes, uma simples “cópia” do texto original, ou uma reprodução exata das intenções do autor.

A tradução de “Dois Irmãos”, por ser um livro de destaque nacional e internacional, e especificamente pela tradução para a língua árabe, torna-se um objeto importante para o estudo e análise.

1.2. Do Romance *Dois Irmãos*

Ambientado em Manaus, o enredo abarca, além da rivalidade entre os irmãos, a história do imigrante de origem árabe no Brasil, o golpe militar de 1964, a expansão comercial a industrialização de Manaus, a expansão comercial e o retrato de uma sociedade burguesa, como sendo uma realidade brasileira da época.

Dois Irmãos aborda o conflito de uma família de origem libanesa que mora em Manaus. Conta a história de dois gêmeos, Yaqub e Omar, que devido a um contexto familiar, nunca conseguiram manter uma boa relação, o que realça a tensão narrativa da trama: “O duelo entre os gêmeos era uma centelha que prometia explodir.” (HATOUM, 2000, p. 62). Paralelo à história dos gêmeos, o autor conta a história de Manaus, desde a Primeira Guerra Mundial e a chegada dos imigrantes libaneses na região.

Os dois irmãos são como os dois rios que não podem se misturar. Eles também são como os pares bíblicos de irmãos, Esaú e Jacó, e atrás deles Caim e Abel, cujas histórias são paradigmáticas no judaísmo, islamismo e cristianismo. A história é universal, embora ancorada em Manaus. Entretanto, Hatoum não criou uma nova história quando escreveu sobre este conflito familiar, no qual gêmeos se odeiam, e sim recriou antigos conflitos familiares usando como cenário a Amazônia. Assim a criatividade de Hatoum está no contexto cultural dos imigrantes árabes, no cenário regional da Amazônia e, acima de tudo, na riqueza dos símbolos, os quais propiciam uma diversidade de interpretações.

A narração de *Dois irmãos* não é linear. O narrador conta os fatos conforme surgem as ideias, sem se preocupar com a sequência temporal da narrativa.

A história é narrada, em primeira pessoa, por Nael, filho da empregada da família, Domingas. “[...] muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele

pequeno mundo” (p. 23); é a partir do ponto de vista dele que o leitor entra em contato com os acontecimentos. Um dos gêmeos é o pai do narrador, então, o enredo desenvolve-se tendo como plano de fundo a dúvida sobre a origem de Nael,

Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida de meus antepassados, nada disso eu sabia. Minha infância sem nenhum sinal de origem. É como esquecer uma criança dentro de um barco num rio deserto, até que uma das margens o acolhe [...] (p.73).

Halim, um imigrante libanês, muçulmano, se apaixona por Zana, cristã, filha de Galib, dono do restaurante Biblos, ponto de encontro de vários imigrantes. Halim casa-se com Zana depois de conquistá-la por meio de poesias de amor que seu amigo escrevia. Halim mergulha em uma paixão eterna por Zana, a ponto de não querer filhos para não dividir o amor dela com ninguém. Mas a bela e decidida Zana, ao contrário de Halim, queria filhos.

Então nascem os gêmeos Yaqub e Omar. Omar fica doente ainda pequeno e a mãe começa a cuidar dele integralmente, esquecendo o marido ciumento e o filho Yaqub, o qual fica aos cuidados de Domingas, a criada da família. Ela, uma índia vinda do orfanato muito nova para ajudar Zana na casa, depois se torna sua companheira, inclusive nas orações.

Três anos mais tarde, nasce Rânia, e cada vez mais, Halim via o amor de sua amada esposa dividido com os filhos. Após o nascimento de Rânia a revolta de Halim e os seus ciúmes ficavam mais exagerados.

Os filhos haviam se intrometido na vida de Halim, e ele nunca se conformou com isso. No entanto, eram filhos, e conviveu com eles, contava-lhes histórias, cuidava deles em momentos esparsos. Levava-os para pescar no lago do Puraquecoara, e remavam no paraná do Cambixe, onde Halim conhecia criadores de gado, donos de fazendolas. Foi o que se poderia chamar de pai, só que um pai consciente de que os filhos tinham lhe roubado um bom pedaço de privacidade e prazer. Anos depois, iriam roubar-lhe a serenidade e o bom humor. (p.71).

Na medida em que Omar e Yaqub cresceram, eles se mostraram diferentes. Omar, com todo o amor da mãe, corajoso, solto, mas muito irresponsável. Já Yaqub, criado pela empregada, é introvertido, quieto, porém muito decidido, porém, as diferenças entre os dois aumentam com o tempo.

Aos treze anos e por causa da sobrinha da vizinha, a loira Lívia, os gêmeos brigam e Omar com um pedaço de vidro corta o rosto de Yaqub, que fica com uma cicatriz em forma de meia lua para o resto da vida, esta, porém, marca mais profundamente seu coração do que seu rosto.

“Halim queria mandar os dois para o sul do Líbano. Zana relutou e conseguiu persuadir o marido a mandar apenas Yaqub. Durante anos, Omar foi tratado como filho único, o único menino” (p. 15). Yaqub passa cinco anos no Líbano, longe da família, e volta rude, calado e distante. Ele entra na escola dos padres, mesmo colégio onde seu irmão, Omar, estava estudando. Porém o desempenho de Yaqub, diferente ao de Omar, era brilhante.

Omar é expulso, depois de agredir um professor do colégio dos padres, sendo matriculado em outra instituição, o Liceu Rui Barbosa, vulgarmente conhecido como “Galinheiro dos vândalos”. E com isso começa uma trajetória de farra, problemas para a família e brigas.

O romance também aborda a temática política e usa de alguns acontecimentos da época como marcadores de tempo na trama, como, por exemplo, a chegada de Yakub ao porto do Rio de Janeiro, repleto de militares da Força Expedicionária Brasileira que regressavam da Itália, faz referência ao fim da II Guerra Mundial. Em uma digressão no tempo, o narrador relembra as dificuldades atravessadas pela população manauara durante a guerra:

Foi assim durante os anos de guerra: Manaus às escuras, seus moradores acotovelando-se diante dos açougues e empórios, disputando um naco de carne, um pacote de arroz, feijão, sal ou café. Havia racionamento de energia, e um ovo valia ouro. Zana e Domingas acordavam de madrugada, a empregada esperava o carvoeiro, a patroa ia ao Mercado Adolpho Lisboa e depois as duas passavam a ferro, preparavam a massa do pão, cozinhavam. Quando tinha sorte, Halim comprava carne enlatada e farinha de trigo que os aviões norte-americanos traziam para a Amazônia. Às vezes, trocava víveres por tecido encalhado: morim ou algodão esgarçado, renda encardida, essas coisas. (HATOUM, 2000, p. 22-23)

Três anos depois da volta de Yaqub ao Brasil, nasce o filho de Domingas, Nael, passa a trama querendo saber quem é seu pai. A narrativa é baseada nas longas conversas tidas com Halim e nos acontecimentos que ele próprio testemunhou.

Yaqub decide estudar em São Paulo, recusa qualquer ajuda financeira dos pais e começa uma carreira brilhante. Lá, se torna engenheiro e casa-se com Lívia, a namorada de infância e motivo da dramática briga entre os irmãos. Os pais mandaram-lhe dinheiro e um telegrama; ele agradeceu as belas palavras e devolveu o dinheiro. Entenderam que o filho nunca mais precisaria de um vintém. Mesmo se precisasse, não lhes pediria, “por fora, era realmente outro. Por dentro, um mistério e tanto: um ser calado que nunca pensava em voz alta” (p. 61).

Rânia torna-se uma mulher bonita, porém, solitária. Após a mãe ter recusado um pretendente que ela amava, decide ficar solteira e começa a tomar conta da loja da família com sucesso. Esta personagem se torna uma figura misteriosa na trama, amava os irmãos e

tinha uma relação meio estranha com os dois. Vivía reclusa em seu quarto como se quisesse fugir do desejo, sucumbe aos olhares do sobrinho bastardo Nael e entrega-se em uma única noite de amor.

Com os anos passando, Omar continua sendo farrista e brigão, incapaz de controlar seus instintos, sustentado pelo trabalho duro do pai e da irmã. Ele causa vários incômodos para toda a família, tendo relações com “mulheres da vida”, o que deixa a mãe totalmente enciumada e transtornada, tentando fazer com que ele abandone as aventuras e retorne para casa. Ele passa uma temporada em São Paulo, tenta estudar e acaba roubando seu irmão e rasgando suas fotos de casamento, o que deixa Yaquub revoltado, e o faz decidir pela vingança.

Após a morte de Halim, no natal de 1968, Zana se sente perdida e, sem seu porto seguro, começa a tentativa de fazer as pazes entre os gêmeos. Mas isso não acontece. Pelo contrário, Yaquub volta à Manaus, vinga-se do irmão com um golpe calculista, o qual leva Omar a ser preso.

Zana deixa a casa, pois Rânia teve que vendê-la para cobrir a dívida de Omar. “Zana teve que deixar tudo; o bairro portuário de Manaus, a rua em declive sombreada de mangueiras, o local que para ela era quase tão vital quanto a Biblos de sua infância: a pequena cidade do Líbano que ela recordava em voz alta...” (p.11) Zana morre no hospital, na ausência dos gêmeos e sonhando com a reconciliação deles.

Eu não a vi morrer, eu não quis vê-la morrer. Mas alguns dias antes da sua morte, ela deitada na cama de uma clínica, soube que ergueu a cabeça e perguntou em árabe para que só a filha e a amiga quase centenária entendessem (e para que ela mesma não se traísse): “Meus filhos já fizeram as pazes?”. Repetiu a pergunta com a força que lhe restava, com a coragem que mãe aflita encontra na hora da morte. (HATOUM, 2000, p.12)

O narrador conta que Domingas, antes de morrer, revelou o segredo sobre seu pai, mas ele deixa isso no ar. No último capítulo, o narrador encontra-se com o Omar pela última vez, porém, esse último nunca assumiu a paternidade e nem a simples existência de Nael. Omar entra para o quarto de Nael e o encarou. “Eu queria que ele confessasse a desonra, a humilhação. Uma palavra bastava, uma só. O perdão. Omar titubeou. Olhou para mim, emudecido. [...] Era um olhar à deriva. Depois recuou lentamente, deu as costas e foi embora.” (p. 265-266).

A narrativa termina com a visita de Omar à antiga casa da família. O escritor Paulo Nunes, em ensaio sobre o texto de Milton Hatoum, afirma que “A decadência da família de Zana e Halim parece acompanhar o declínio de Manaus, cidade outrora enriquecida pelo

fausto da borracha. A melancolia é o sentimento que aflora na leitura deste romance essencial da literatura brasileira de expressão amazônica” (NUNES, 2001).

Entretanto, em *Dois Irmãos*, assim como em *Relato de Um Certo Oriente*, Hatoum retrata a relação entre a cultura árabe de seus antepassados e de sua vida na Amazônia e nós leva a questionar se o romance é um drama sobre a imigração e aculturação dos árabes no Brasil, sobre a vida de brasileiros diante dos acontecimentos políticos nacionais e internacionais ou seria, meramente, um drama que retrata a decadência, social e econômica, manauara?

Em sua infância, o escritor vivia entre os relatos do Oriente e as histórias do imaginário popular amazonense. Duas culturas de grande tradição oral, a libanesa árabe e a indígena brasileira. O encontro destas duas culturas é abordado ao longo de *Dois Irmãos*:

Por volta de 1914, Galib inaugurou o restaurante Biblos no térreo da casa. O almoço era servido às onze, comida simples, mas com sabor raro. Ele mesmo, o viúvo Galib, cozinhava, ajudava a servir e cultivava a horta, cobrindo-a com um véu de tule para evitar o sol abrasador. No Mercado Municipal, escolhia uma pescada, um tucunaré ou um matrinxã, recheava-o com farofa e azeitonas, assava-o no forno de lenha e servia-o com molho de gergelim. Entrava na sala do restaurante com a bandeja equilibrada na palma da mão esquerda; a outra mão enlaçava a cintura de sua filha Zana. Iam de mesa em mesa e Zana oferecia guaraná, água gasosa, vinho. O pai conversava em português com os clientes do restaurante: mascateiros, comandantes de embarcação, regatões, trabalhadores do Manaus Harbour. Desde a inauguração, o Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam. Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam, vidas em trânsito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo: um naufrágio, a febre negra num povoado do rio Purus, uma trapaça, um incesto, lembranças remotas e o mais recente. (HATOUM, 2000, p. 47)

Nesta passagem é claramente vista a mistura entre a cultura árabe, especificamente a libanesa, o tema do romance, e a brasileira. Mostra a história da miscigenação libanesa e como acontecia após a vinda dos libaneses ao Brasil no final do século XIX¹⁵. Uma profusão de temperos e línguas, de cheiros e sabores e muitas histórias cruzadas.

E percebe-se, também, que a linguagem empregada por Hatoum nesse romance demonstra um estilo resultante da fusão de uma linguagem coloquial, com muitos termos regionais, às palavras árabes e indígenas. A convivência entre as diferentes culturas que há no enredo reflete-se no romance.

¹⁵ Segundo Mayra Poubel (2017), em 1880 saiu do porto de Beirute o primeiro navio com libaneses em direção ao Brasil, sendo considerado este momento como o marco do início oficial da **imigração libanesa para o Brasil**. As causas principais da imigração foram questões de natureza econômica, política e religiosa.

A cidade de Manaus tem uma grande importância na obra, a sua história é contada pelo narrador juntamente com o desdobramento da trama. Entretanto, o universo que forma o pano de fundo da história é o de imigrantes que se dedicam ao comércio, em uma cidade que vê aprofundar-se na sua decadência, após o período de grande efervescência econômica e cultural vivido no início do século XX.

As personagens estão intimamente ligadas ao meio em que vivem e a história de Manaus está intimamente relacionada a de Halim, um dos personagens principais na trama. Ao longo dos trinta anos cobertos pela narrativa, a cidade entra em decadência, é destruída e novamente reconstruída. Em torno da história do ódio entre Yaqub e Omar, também aparecem outras histórias paralelas: a construção e a desagregação da família de Halim e Zana; a formação da identidade do narrador, Nael; a comunidade sírio-libanesa em Manaus; a evolução histórica da cidade, dos pescadores, das palafitas e a moderna Manaus da Zona Franca; e os fatos da história do século XX repercutindo em Manaus, como, por exemplo, a II Guerra Mundial e a Ditadura Militar de 1964.

Fora assim durante os anos da guerra: Manaus às escuras, seus moradores acotovelando-se diante dos açougues e empórios, disputando um naco de carne, um pacote de arroz, feijão, sal ou café. Havia racionamento de energia, e um ovo valia ouro. (HATOUM, 2000, p. 22)

Portanto, justifica-se a discussão sobre a identidade da narrativa de Hatoum, isto é, o texto é um drama árabe, brasileiro ou meramente manauara? Visto que a questão da miscigenação cultural é a marca forte da trama, e apesar da cidade de Manaus ser o pano de fundo deste romance, na narrativa os personagens principais, e alguns dos secundários, são libaneses ou descendentes de primeira ou segunda geração e mostram vários traços culturais dessa origem.

Porém, há uma aproximação afetiva desta origem e em outros momentos percebe-se o afastamento, ou a rejeição, da cultura árabe/libanesa. Ao longo do texto, por vezes, somos levados a perceber esses imigrantes libaneses com mais características culturais brasileiras e em outras há certa negação da origem.

Em relação à aproximação afetiva, a narrativa mostra muitos comportamentos típicos da cultura libanesa, seja no modo de agir ou de pensar, especialmente quanto ao personagem Halim, imigrante libanês que veio ao Brasil já adulto e era comerciante, com hábitos típicos de sua origem, destacados nos trechos abaixo:

[Halim] Ele deu três passos na direção de Zana, aprumou o corpo e começou a declamar os gazais¹⁶, um por um, a voz firme, grave e melodiosa, as mãos em gestos de enlevo. Não parou, não pôde parar de declamar, a timidez vencida pela torrente da paixão, pelo ardor que irrompe subitamente. [...] Ninguém o molestou, nenhuma voz surgiu naquele momento. Então ele se retirou do Biblos. E dois meses depois voltou como esposo de Zana. (HATOUM, 2000, p.39)

[Halim] tirava do bolso a garrafinha de arak¹⁷. (HATOUM, 2000, p.37)

[Halim] As seis da manhã já estava vendendo seus badulaques nas ruas e praças de Manaus, nas estações e mesmo dentro dos bondes; só parava de mascatear por volta das oito da noite; depois passava no Café Polar, antes de voltar para o quarto da Pensão do Oriente. (HATOUM, 2000, p.49)

Observa-se tque a prática de comércio libanês, passava de geração em geração e, na obra, a continuidade do ofício é representada pela personagem Rânia, filha de Zana e de Halim, que assume o comércio do pai, como é destacado no trecho abaixo:

O que ele esperava de Omar, veio de Rânia, e da expectativa invertida nasceu uma águia nos negócios. Em pouco tempo, Rânia começou a vender, comprar e trocar mercadorias. Conheceu os regatões mais poderosos e, sem sair de Manaus, sem mesmo sair da rua dos Barés, soube quem vendia roupa aos povoados mais distantes. (HATOUM, 2000, p.95)

Enquanto o afastamento se apresenta em outros momentos, principalmente com Zana que não queria que o filho fosse ao Líbano, o que nos leva a imaginar que, talvez, ela se reconheça mais brasileira do que libanesa. Fato possivelmente justificado por sua chegada ao Brasil aos seis anos de idade, tendo seus costumes “alterados”. Nas passagens abaixo, fica evidente o sentimento da Zana e do Yaqub em relação ao Líbano:

Meu filho vai voltar um matuto, um pastor, um ra’i. Vai esquecer o português. (HATOUM, 2000, p.15)

“Coitado! *Ya haram ash-shum!*”, lamentou Zana. “Meu filho foi maltratado naquela aldeia.” (HATOUM, 2000, p.23)

Foi então que aconteceu o inesperado: Talib, voz grossa e troante, triscou no assunto: “Não sentes saudades do Líbano?”

Yaqub ficou pálido e demorou a responder: Não respondeu, perguntou:

“Que Líbano?”

“Por enquanto, só há um Líbano”, respondeu Talib. “Quer dizer, há muitos, e aqui dentro cabe um” Ele apontou para o coração.[...] (HATOUM, 2000, p. 118)

“Não morei no Líbano, seu Talib.” A voz começou mansa e monótona, mas prometia subir de tom. E subiu tanto que as palavras seguintes assustaram: “Me mandaram para uma aldeia no sul, e o tempo que passei lá, esqueci. É isso mesmo, já esqueci quase tudo: a aldeia, as pessoas, o nome da aldeia e o nome dos parentes. Só não esqueci a língua...”. (HATOUM, 2000, p.118-119)

¹⁶ Gazais: são poesias de cunho romântico ou de destacar a beleza da amada.

¹⁷ Arak: uma bebida alcoólica feita da uva e tipicamente libanesa.

Por outro lado, há trechos representativos do que seria o doce Líbano e o sentimento e a vontade do retorno à terra natal. Galib, pai de Zana, depois do casamento da filha, retornaria ao Líbano e com amor e alegria não conseguiria conter-se de emoção ao voltar à pátria:

Quando voltaram ao Biblos, Zana sugeriu ao pai que viajasse para o Líbano, revisse os parentes, a terra, tudo. Era o que Galib queria ouvir. E partiu a bordo do Hildebrand, um colosso de navio que tantos imigrantes trouxe para a Amazônia. Galib, o viúvo [...]. (HATOUM, 2000, p.55)

Ele preparou e serviu o último almoço: a festa de um homem que regressa à pátria. Já sonhava com o Mediterrâneo, com o país do mar e das montanhas. Sonhava com os Cedros, seu lugar. (HATOUM, 2000, p.55)

Em contrapartida, apesar da ambientação regional marcante e que poderia levar o leitor a classificar “Dois Irmãos” como romance regionalista, é preciso ter cuidados para não ser simplista, pois a trama central da obra – o ódio entre irmãos – é um tema universal, já registrado em textos importantes da cultura brasileira, como na *Bíblia Sagrada* (Caim e Abel/Esau e Jacó) e no romance *Esau e Jacó* (Machado de Assis). Esse romance, portanto, não se limita à abordagem de aspectos puramente manauaras.

Hatoum rejeita o rótulo de regionalista. E mais, considera necessário rever certos clichês construídos a partir desse conceito. Ele afirma que “Graciliano Ramos não foi regionalista, mas um escritor brasileiro e universal, assim como Machado de Assis”¹⁸. E ainda, Hatoum afirma que geografias e identidades são coisas difusas e plurais, como é claro no trecho abaixo¹⁹:

Regionalismo é uma camisa de força que tenta escrever o texto ficcional numa certa geografia, num modo de dizer “regional”, como se a fala “cabocla” ou “sertaneja” ou “gaúcha” fosse por si só um estilo. [...] O enfoque excessivo na “cor local” apaga outros aspectos importantes do romance: a sua espacialidade e temporalidade, a construção das personagens, das muitas surpresas que o romance permite e até mesmo pede... por outro lado a província e as regiões distantes são lugares que nos incitam à fabulação. Tolstoi, Faulkner, Graciliano Ramos, Juan Rulfo, Conrad e tantos outros que levaram a província a categoria de Universal. (HATOUM, 1995, s/p)

Parece-nos oportuno citar aqui a este respeito, o que disse Nunes:

Precisamos, hoje, mais do que nunca, deixar de pensar acanhadamente. Até mesmo porque se formos aplicar a denominação pátrio-adjetiva para as literaturas regionais, teremos uma super-fragmentação da chamada Literatura Brasileira [...]. Por essas e outras – embora sendo professor de Literatura da Amazônia –, tenho optado por uma expressão que considero mais consequente em se tratando de literatura da/sobre a nossa região: literatura brasileira de expressão amazônica. Afinal, está na hora de (como fizeram os primeiros modernistas) os demais brasis redescobrirem este Brasil que está ao norte, e é demarcado pela linha do Equador. E a literatura, penso, é mais

¹⁸ Em entrevista à *Folha de São Paulo* de 14 de fevereiro de 2009, ilustrada.

¹⁹ Em entrevista ao jornal *O Estado de São Paulo* 08 de março de 1995, caderno 02, D1.

que pretexto, ela é, sem trocadilhos, o passaporte. E que ela não seja somente paraense, seja brasileira, quiçá universal! (NUNES, 2004, s/p)

Assim, entendemos que a narrativa de Hatoum sai do regional para o universal por se tratar de dois filhos de imigrantes libaneses: os gêmeos Yaqub e Omar. Rivals entre si, desde a infância, Omar e Yaqub perfazem diferentes caminhos na vida, entrelaçados por experiências de conflitos e estranhamentos, cujas consequências se manifestam no desfecho da história.

Por fim, o romance é narrado pelas lembranças de Nael; de certa maneira, por Domingas, sua mãe, e Halim, pai dos gêmeos. Personagens que “emprestam” suas reminiscências ao narrador, o qual une os pedaços dilacerados de um tempo e de um espaço para assim construir o enredo da obra, e, assim, teremos a memória como um traço característico na narrativa. Halim é uma representação simbólica dos imigrantes libaneses, Domingas é a índia que trabalha na casa da família e é a representação da origem brasileira e Nael, o narrador principal da trama, é o resultado de uma miscigenação característica do povo brasileiro e representada neste trecho na parte final do romance,

Pedi [o narrador Nael] a Rânia para que minha mãe [Domingas] fosse enterrada no jazigo da família, ao lado de Halim. Ela concordou, pagou tudo sem reclamar, e eu nunca soube quanta cumplicidade havia num ato tão generoso. Minha mãe e meu avô, lado a lado, debaixo da terra, haviam encontrado um destino comum. Eles que vieram de tão longe para morrer aqui. (HATOUM, 2000, p. 245, grifo meu)

Desta forma, enterra-se um tempo de encontro de culturas, no caso a cultura árabe, a brasileira e a indígena, para que a continuidade simbolizada em Nael pudesse exprimir a identidade do homem amazônico, marcadamente brasileiro, marcadamente árabe, marcadamente indígena. É esse mundo novo, representado pela figura do neto de Halim, que garantirá os traços da cultura árabe, na identidade do brasileiro do Norte. Carregando características desses dois mundos, distante geograficamente, mas vizinhos pela alteridade, pelos costumes, pela alegria, pela solidariedade e tantas outras.

1.3 Da tradutora e da tradução: o intercâmbio e os desafios

A escolha da tradução em árabe foi uma opção pessoal e por ser a minha língua materna. A tradutora Safa Jubran foi à única tradutora do livro para o árabe, escolhida pessoalmente pelo autor e uma dos poucos, ou raros, tradutores no Brasil que atualmente estão traduzindo para o árabe.

Dona de uma história de vida interessantíssima e rica em realizações acadêmicas, Safa A-C Jubran é libanesa, naturalizada brasileira. Reside no Brasil desde 1983, tem o árabe como língua materna; domina o inglês, e o português, que aprendeu no Brasil.

Ela foi uma imigrante que trilhou no Brasil um caminho cheio de dificuldades e conquistas, tanto com a língua como com a cultura. A Isaura Daniel, em uma entrevista com Jubran, afirma que “[...] o segredo dessa capacidade de abarcar quase tudo fica claro para quem conversa alguns minutos com a Safa e percebe seu jeito prático, quase elétrico, com energia para muito.”²⁰ (ANBA, 2012).

Veio ainda bem jovem, para visitar parentes, e poderia ter tido uma história parecida com a de muitas das mulheres árabes imigrantes, que aqui desembarcaram, se casaram, construíram sua família e ponto. Mas Safa Jubran tinha vindo para mais. Chegou com a vontade de estudar e a curiosidade sobre as letras metida na alma e, em cerca de três anos, mesmo sem dominar completamente a língua portuguesa, era estudante de Letras de uma das melhores universidades do Brasil, a Universidade de São Paulo-USP. (ANBA, 2012)

Professora, pesquisadora, escritora e tradutora do árabe e do inglês, diplomou-se em Língua e Literatura Árabe na Universidade de São Paulo (USP), em 1990. Começou a carreira de professora no Departamento de Letras Orientais, Curso de Árabe, em 1992. Doutorou-se em Linguística pela Universidade de São Paulo em 2001.

Em 2009, concluiu o Pós-Doutorado em História da Ciência, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, onde foi pesquisadora, tendo recebido, em 2010, o título de Livre-docente com o trabalho *A classificação dos Povos*, tradução comentada do manuscrito em árabe do século XI sobre história da ciência de Sā'id al-Aandalusi, publicado com o título “*Hierarquia dos Povos*” (2011).

Contudo, um de seus primeiros trabalhos de tradução foi um manuscrito alquímico do séc. IX praticamente ao mesmo tempo que começava a lecionar na USP. “Inicie pelo mais difícil”, diz ela na mesma entrevista. Enquanto docente, no início da carreira, publicou vários artigos em revistas acadêmica, jornais e prefácios e posfácios de vários livros²¹ e desde 2003, é procurada por editores para realizar traduções do árabe para o português de romances contemporâneos dos mais variados países árabes.

Entre as atividades de gestão acadêmica, esteve por vários anos à frente do Programa de Pós Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabes e responsável por sua reformulação

²⁰ Agência de Notícias, ANBA Isaura Daniel Entrevista com Safa Jubran, *A senhora das letras árabes*, em 02 de agosto de 2012, disponíveis em <http://www.anba.com.br/noticia/16788242/oriente-se/senhora-das-letras-arabes/>.

²¹ Apenas para citar alguns: escreveu o posfácio do O Profeta de Gibran Kahlil Gibran “Nova Alexandria” em 1997, e o prefácio de *O Leão Africano*, de Murilo S.B. Meihy, (Atiliê, 2017).

quando da junção com outro programa e que resultou no Programa de Estudos Judaicos e Árabes. Durante o quadriênio {2016-2019} não somente presidiu o Departamento de Letras Orientais como também fez parte do Conselho Editorial da Revista *Tiraz* e continua sendo membro do periódico *Circumscribere (The International Journal of the History of Science)*. Atualmente integra a Comissão Coordenadora do Programa de Pós Graduação LETRA, no qual é orientadora.

As muitas atividades não impediram que se dedicasse a disponibilizar para os falantes de português cerca de uma dezena de livros da literatura árabe moderna de vários países. Traduziu, entre outros, *Miramar* (2003), *Porta do Sol* (2008), *Yalo, o filho da guerra* (2012), *Nós cobrimos seus olhos* (2012), *O chamado do poente* (2013), *Azazel* (2015), dentre outros. Traduziu ainda, do inglês, a gramática de David Cowan, *Gramática do árabe moderno* (2007).

No sentido inverso, traduziu para o árabe *Dois Irmãos*, com o título *Chaqiqan*,

Safa afirma que o livro de Hatoum foi um dos trabalhos com os quais mais sofreu. Foi a única tradução literária, aliás, que ela fez do português para o árabe. O grande desafio, explica a linguista, foi transmitir ao leitor todas aquelas informações sobre o ambiente da Amazônia, onde se passa a história. A tradução levou alguns meses e ocupou muitas horas do pensamento de Safa, que matutava sobre como fazer os árabes entenderem o que era esse ou aquele elemento. Para muitas palavras, a solução foi um glossário, e várias notas. (ANBA, 2012)

Em entrevista à “*Asma’ Min el Tarikh*” Nomes da História²² para a TV libanesa LBC (2014), ela fala da sua experiência em traduzir o livro *Dois Irmãos* para o árabe e a dificuldade de tal trabalho. Fala sobre o tempo que levou e as pesquisas necessárias para colocar as explicações no glossário inserido no final do livro.

No mesmo ano, Safa Jubran foi a vencedora do “Prêmio Literário de 2014” da Academia Brasileira de Letras, pela tradução de “*E nós cobrimos seus olhos*“, do egípcio Alaa Al Aswany.

Em 2019 recebeu do Prêmio Sheikh Hamad de Tradução e Entendimento Internacional, na categoria de tradução do árabe para o português. “O prêmio tem o intuito de valorizar o entendimento entre as culturas e mostrar para as outras línguas o que se produz em árabe. Criado em 2015, é realizado pelo Ministério da Cultura do Qatar.”²³

²² Bibl.: *Asma’ Min el Tarikh* – Safa Jubran (Nomes da História– Safa Jubran). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=zDPmx206dwM>>; 06/08/2014. Acessado em 20/12/2019.

²³ Eliete Viana, Notícias da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH, USP- 2019. Disponível em <<https://www.fflch.usp.br/2040>> Acessado em 20/12/2019.

No momento, Jubran continua na ativa como docente, pesquisadora e tradutora se dedicando mais às traduções para o árabe, em 2019, foram publicadas no mundo árabe dois livros, a tradução para o árabe de romance *A vida invisível de Eurídice Gusmão*²⁴, de Martha Batalha, e Antologia de textos da literatura brasileira, intitulada *Min Almahjar ila Al-Watan* (Da Diáspora para a Pátria), com Mamede Jarouche, como co-tradutor, e tendo o próprio Milton Hatoum como um dos autores traduzidos, ao lado de outros, como o professor e poeta Michel Sleiman.²⁵

A Tradução para o árabe do romance “Dois Irmãos”, certamente, é um dos grandes desafios pelas dificuldades do intercambio linguístico e cultural entre as duas línguas. Pois, entre a língua árabe e o português há um distanciamento linguístico grande, que começa com o sistema de escrita e se estende às estruturas gramaticais.

Segundo Abreu e Aguilera (2010), as relações entre o árabe e o português no Brasil concretizaram-se a partir de dois momentos históricos distintos. O primeiro momento deu-se no decorrer dos séculos XVIII e XIX, quando o tráfico de escravos viabilizou a entrada de populações de africanos islamizados na sociedade escravocrata brasileira. O segundo ocorreu, mais recentemente, com o fluxo migratório de sírios e libaneses, iniciado no final do século XIX, estabelecendo uma nova etapa da história de interações entre essas línguas.

Entretanto, a interferência lexical e a influencia da língua árabe no português vem de um passado distante, da presença árabe na península Ibérica e do contato entre comerciantes. Muitas palavras no português são de origem árabe, como aponta o escritor Assad Zaidan no seu livro *Mil Palavras Árabe na Língua Portuguesa* publicado em 2010.

O contato de línguas e, conseqüentemente, a permeabilidade de unidades léxicas de um sistema linguístico no interior do outro, de acordo com Abreu e Aguilera (2010, p. 27) “revelam as vicissitudes específicas à condição particular vivenciada pelos falantes e envolvem a influência conjunta de fatores linguísticos e extralinguísticos. Os contatos entre o árabe e o português brasileiro em distintos momentos históricos desencadearam o fenômeno de interferência,” e desta forma viabilizando a entrada de diversos vocábulos do árabe no português, como nos exemplos *Fulân*: fulano, *al-ruzz*; arroz, *al-makhzan*: armazém, *al-hurriya*: alforria, *adwana*, do árabe *ad-diwan*, oriunda do persa *diwan*, que significava registro, oficina, escritório. Corriente (1996) sugere uma crítica metódica dos estudos realizados sobre os arabismos do iberorromance e afirma que alguns pesquisadores subestimam a interferência

²⁴ الحياة الخفية لـ أوردیس غوزماو (*Alhayāt alkhaḥfiyya li- Eurdice Gusmão*), Beirute, Dar Aladab, 2019.

²⁵ A tradução de “A natureza ri da cultura”, de Milton Hatoum e os poemas “Haqûra”, “Ode nômade” e “Pérola Negra”, de Michel Sleiman. Abu-Dhabi, Ministério da Cultura & Revista PESSOA, 2019.

sociocultural islâmica e que desta postura ideológica decorre inadequada análise dos dados linguísticos.

Por outro lado, o processo de tradução entre elas ainda é tímido. Há várias traduções publicadas no Brasil de autores da língua árabe, porém, o caminho de volta é esporádico. A tradução para o árabe de *Dois Irmãos*, em 2002, pelas mãos de Safa Jubran, é uma realização muito significativa por três motivos. Primeiro, atualmente, ainda é muito rara a tradução para o árabe de títulos brasileiros, por isso, esta tradução tem a possibilidade de abrir mais uma vez o caminho para a literatura brasileira; segundo, pela importância que o livro tem no espaço literário brasileiro contemporâneo, uma obra representativa da cultura e história brasileiras; terceiro, pela narrativa que descreve uma família libanesa no processo de aculturação/adaptação, visto que, a imigração dos libaneses para o Brasil, datada oficialmente em 1880²⁶, sempre despertou curiosidade, nos que ficaram no país de origem, sobre o destino dos seus parentes que cá estão.

Os desafios de um intercâmbio cultural, levando em consideração a quantidade de expressões regionais e culturalmente marcadas no livro em questão, certamente, são muitos. Difícil de traduzir e cada vez mais presente nas livrarias estrangeiras, a literatura brasileira vem sendo lida não só em línguas mais comuns, como inglês, espanhol ou francês, mas também em chinês, grego, holandês e árabe, etc...

Em uma entrevista para a *IstoÉ* com Marcos Diego Nogueira, em 2011, com o título *Uma Literatura Difícil de Traduzir*, Hatoum diz:

[...] que costuma falar com o seu tradutor por telefone, e-mail e em encontros pessoais. Isso impede erros constrangedores. “Para línguas que eu conheço, mantenho contato em todos os passos da tradução”, diz ele, que lida constantemente com a dificuldade estrangeira em compreender expressões específicas da Amazônia, onde são ambientadas suas histórias. (NOGUEIRA, 2011)²⁷

O tradutor Mark Carlyon afirma que o seu lema durante a tradução é estar “à serviço do autor assim como o regente está para o compositor”. “Além dos aspectos meramente técnicos, também devo transportar a ironia, a sutileza psicológica, os múltiplos níveis de sentido para o novo universo linguístico”.

Entretanto, a tradução para a língua árabe, certamente, é um dos maiores desafios, tanto pelo distanciamento linguístico como pelas estruturas gramaticais. Este distanciamento

²⁶ Como citado na nota 2 deste capítulo.

²⁷ NOGUEIRA, Marcos Diego. “Uma Literatura Difícil de Traduzir”, entrevista com Milton Hatoum, *IstoÉ*, 27 de maio de 2011. Disponível em <http://www.istoe.com.br/reportagens/139022_UMA+LITERATURA+DIFICIL+DE+TRADUZIR>. Acessado em 20 de dezembro de 2019.

acaba causando perdas muito significativas para o enredo e cabe ao tradutor recuperar, ou não, estas perdas, que podem ser fonéticas, lexicais ou semânticas.

Um exemplo de perda na tradução da obra *Dois Irmãos* é a frequência elevada da palavra “Caçula”, que ocorre 158 vezes na obra na língua de partida, sugerindo a importância do termo na narrativa. No romance, o “Caçula”, Omar, é descrito como o filho mimado, desajuizado, transgressor, sedento de desejos. E apesar de Rania ser a caçula da família, o autor usa o termo em questão para o mais novo dos gêmeos, e isso é intencional para mostrar o quanto ele era mimado pela mãe. A palavra é escrita em letra maiúscula no texto de partida e mostra que há uma espécie de “personificação” do personagem:

O Caçula, que adoeceu muito nos primeiros meses de vida. E também um pouco mais escuro e cabeludo que o outro. Cresceu cercado por um zelo excessivo, um mimo doentio da mãe, que via na complexão frágil do filho a morte iminente. (HATOUM, 2000, p. 50 – grifo nosso)

Não, fôlego ele não tinha para acompanhar o irmão. Nem coragem. Sentia raiva, de si próprio e do outro, quando via o braço do **Caçula** enroscado no pescoço de um curumim do cortiço [...]. (HATOUM, 2000, p. 17-18 –grifo nosso)

Primeiro, na língua árabe não há letra maiúscula, portanto, há uma perda nessa “personificação” do personagem e a tradutora fica impossibilitada de representar ou recuperar esse significado gráfico e visual. Em segundo lugar, a palavra “Caçula” em português significa “o filho mais novo de todos”; já em árabe a palavra equivalente é “الاصغر”, no sentido de “o mais novo/ou o menor”, porém não necessariamente o mais novo de todos os filhos. Todavia, como havia somente dois meninos, dizer “o menor” “الاصغر”, a perda do termo não é total.

Outro exemplo de perda é o hibridismo²⁸ no texto de Hatoum. Um dos casos é a palavra “Gazal” que em árabe é um poema romântico, normalmente, de elogios à mulher e ao seu corpo. Hatoum usa a palavra em árabe no corpo do texto e sem explicação, deixando para o leitor a missão de descobrir o significado pelo contexto. A intensão do autor em usar a palavra em árabe é dar força à primeira manifestação do personagem Halim, como libanês, em direção à Zana. Entretanto, a tradutora não teve como recompensar este termo e teve que manter o termo em árabe, o que acabou perdendo a força deste termo no texto de chegada, já que deixa de ser estrangeira.

Mais um exemplo de hibridismo e que causa perda por estar na língua de chegada da tradução, como nos exemplos abaixo, são as expressões marcadas em negrito:

²⁸ São palavras formadas por elementos pertencentes a línguas diferentes, neste caso é uma representação fonética de palavras em árabe.

1- “**La, não, mama**”, disse ele, sem tirar os olhos da paisagem da infância, de alguma coisa interrompida antes do tempo, bruscamente. (grifo meu) (HATOUM, 2006, p. 14).

2- “Coitado! **Ya haram ash-shum!**”, lamentou Zana. “Meu filho foi maltratado naquela aldeia”. (grifo meu) (HATOUM, 2006, p. 19).

3- “**Majinun!** Um maluco, esse Omar!”, disse Halim, bebendo um trago de arak. (grifo meu) (HATOUM, 2006, p. 89)

4- [Yaqub] Era um tímido, e talvez por isso passasse por covarde. Tinha vergonha de falar: trocava o **pê pelo bê** (Não **boss**, **babai!** **Buxa** vida!, e era alvo de chacota dos colegas e de certos mestres que o tinham como um rapaz rude, esquisito: vaso mal moldado. (grifo meu) (HATOUM, 2006, p. 24).

5- 'E para isso', dizia o pai, orgulhoso, 'não é preciso língua, só cabeça. Yaqub tem de sobra o que falta no outro.' Omar ouvia essa frase e tornou a ouvi-la anos depois, quando Yaqub, em São Paulo, comunicou à família que havia ingressado na Escola Politécnica (em “**brimeiro** lugar, **babai**”, escreveu ele, brincando) (grifo meu) (HATOUM, 2006, p. 25).

Nas enunciações realçadas em negrito destas passagens, o autor colocou as expressões em árabe e escreveu o sentido equivalente em português, antes (ex. 2) ou depois (ex. 1 e 3). As enunciações realçadas em negrito dos exemplos (4) e (5) indicam ao leitor uma dislalia – isto é, um distúrbio no que se refere à articulação de sons por parte da personagem típica dos imigrantes árabes no Brasil, quanto à pronúncia das letras “B” e “P”, já que, na língua árabe não existe o som “P”, somente o som “B”, portanto, os imigrantes demoram a fazer esta diferenciação fonética. Esta questão foi prevista pela tradutora e mencionada em um glossário presente no final da edição do livro em árabe.

Segundo Costa (2016, p. 94), o problema na articulação dos sons na fala de Yaqub, na narrativa, “exerce uma função sublinhar a identidade híbrida desse sujeito, o que, de algum modo, acentua sua condição de estrangeiro, além de lhe causar alguns sabores. Ou, ainda, poderia dizer que Hatoum se vale da dislalia para indicar o lugar a partir de onde essa personagem fala.” Certamente, os anos que Yaqub passou longe da sua família marcaram negativamente a sua personagem.

Nessas passagens, também, o autor quis mostrar a força da língua materna dos imigrantes libaneses no enredo, por um lado a vida culturalmente partilhada da Zana e do Halim, e, por outro, o fato de Yaqub ter passado cinco anos no Líbano e voltado falando árabe. Além disso, descreve a dualidade da vida dos membros da família que vivem uma cultura dentro de casa e outra cultura externa e são obrigados a reconciliar as contradições dessa dualidade.

Entretanto, a tradutora escreveu estas expressões em árabe, por não ter alternativa, e isso causa uma grande perda ao texto de chegada, porém, inevitável neste caso.

Outra questão relevante, também, no âmbito da perda no processo tradutório, são os nomes de personagens descendentes ou imigrantes libaneses ou árabes mencionados por Hatoum. Como por exemplo os personagens principais: Yaqub e Omar: عمر و يعقوب, Halim: حليم, Nael: نائل, Galib: غالب e outros secundários: Said Tanous: سيد طنوس, Talib: طالب, Abas: عباس, Ibrahim: ابراهيم, Nahda e Zahia: نهضة وزاهية. Os nomes árabes dos personagens no texto original visam chamar a atenção para a questão da imigração no Brasil e mostrar como a relação entre os imigrantes ocorre. Percebemos ao longo da trama a presença dos amigos da família, os compatriotas que vieram juntos e como as famílias dão nome árabe aos filhos apesar de estar longe da pátria e quanto isso pode causar dificuldades na vida dos filhos.

No texto em árabe, esta é uma perda prevista, pois, é um significado impossível de se recuperar. No processo tradutório é muito importante lidar com a perda da maneira mais racional e sistemática possível, o que implica estar preparado, se necessário, para perder características que têm uma grande relevância, como os aspectos acima abordados.

Portanto, traduzir uma obra literária brasileira como “Dois Irmãos” para a língua e cultura árabes é uma tarefa difícil para o tradutor, por mais experiente que seja, visto a dificuldade em se traduzir, em sua essência ou totalidade, a originalidade, a musicalidade, o gingado, a religiosidade, e outros termos relacionados à cultura local tais como trajes, comida, locais, dança, festejos. Em suma, um universo exótico totalmente diferente e difícil de entender até por brasileiros de outras regiões.

Neste sentido, no próximo capítulo faço uma revisão da literatura, discorro sobre a tradução literária e trato da tradução cultural por ter como corpus uma obra com vocabulário rico em aspectos culturais e regionais. Abordo, também, a (in)visibilidade do tradutor segundo a “Teoria de Venuti” e discuto, dentro da teoria venutiana, a domesticação e a estrangeirização e questões relacionadas à autonomia do tradutor, sendo que a pesquisa aqui proposta não está voltada somente para a tradução, mas também para o tradutor, por ser mediador do intercâmbio cultural e o principal elemento da teoria de visibilidade venutiana, na qual me apoio neste trabalho de pesquisa.

Capítulo II

*A ilusão de transparência é um efeito do discurso fluente e do esforço do tradutor para assegurar a legibilidade aderindo ao uso atual, mantendo sintaxe contínua e fixando um significado preciso.*²⁹

Lawrence Venuti.

2.1 Da tradução Literária

A tradução desempenha um papel importante no preenchimento das lacunas entre as diferentes culturas e nações. As traduções literárias, em particular, ajudam essas diferentes nações a ter acesso ao conhecimento e proporciona ao indivíduo uma maneira de sair do seu lugar. A literatura fala do outro, dos seus hábitos e costumes, mas também fala da complexidade do ser humano.

Essa importância e complexidade da tradução literária geram um processo de tradução difícil que envolve diferentes estratégias. Geralmente, um tradutor lida com textos que envolvem elementos linguísticos, pragmáticos e culturais. Entretanto, é sabido que a tradução literária deve refletir, também, a imaginação, a escrita intelectual e a intuitiva do autor; pois, a literatura distingue-se pela sua estética.

Como bem observa Sarmento (2006), a tradução literária requer sensibilidades e competências diversas em torno de textos que se enquadram na multiplicidade de gêneros, estilos e registros que a literalidade pode assumir. No texto literário, o estilo partilha da relevância significativa do próprio conteúdo da mensagem a transmitir, pelo que a sua tradução obriga à preservação do estilo como componente essencial do significado³⁰. Enquanto a tradução não literária inclui estratégias que permitem alcançar a maior proximidade linguística do original, na tradução literária a equivalência visada não se limita à aproximação linguística: a conotação, o efeito estético e tantas outras variáveis estilísticas são fatores essenciais. Robert Scholes, em seu livro *Estruturalismo na Literatura*, descreve a

²⁹ “The illusion of transparency is an effect of fluent discourse, of the translator’s effort to insure easy readability by adhering to current usage, maintaining continuous syntax, fixing a precise meaning.” (Tradução minha).

³⁰ SARMENTO, *idem*.

literatura como “sistemas relacionados” e “como um sistema dentro do sistema maior da cultura humana”:

Cada unidade literária, desde a sentença individual até a ordem inteira de palavras, pode ser vista em relação ao conceito de sistema. Em particular, podemos examinar trabalhos individuais, gêneros literários e toda a literatura como sistemas relacionados, e a literatura como um sistema dentro do sistema maior da cultura humana. (SCHOLLES, 1974, p.10)

Na análise do texto literário, em sua descrição/avaliação, os pressupostos pragmáticos e sociolinguísticos demonstram-se importantes, pois estabelecem a relação entre forma e função dentro do contexto. O ato da tradução, por envolver muitos procedimentos técnicos e processos mentais, é considerado difícil de ser avaliado. Ao mesmo tempo em que as técnicas precisam ser dominadas, a criatividade do tradutor, aspecto difícil de ser avaliado, é, sem dúvida, insubstituível para resolver os frequentes impasses que surgem durante o ato tradutório (GONÇALVES, 1999).

Deste modo, na prática da tradução literária é clara a importância da compensação enquanto estratégia de obtenção de equivalência. Por exemplo, ao se traduzir um texto rimado no original, a dificuldade em obter essa mesma rima na língua de chegada poderá ser compensada por aliterações e assonâncias, que manterão certa musicalidade (SARMENTO, 2006).

O conceito de *equivalência* entre o texto traduzido e o original sempre foi o problema central da tradução, tanto no campo teórico como na prática, preocupando não apenas os estudiosos da atualidade, mas provém da antiga distinção entre tradução literal e tradução livre. Ela procura desvendar a natureza da relação entre o aspecto *produto* e o aspecto *processo* que lhe deu origem (OLMI, 2012).

Segundo Sarmento (2006) é profundamente compensador descobrir padrões estéticos ocultos num texto que aparentemente alcançou, na sua recriação, algum ritmo encantatório do original. Quanto à musicalidade, ao ritmo e à imagética que contribuem para a literalidade do texto original associam-se os paralelismos sintáticos e semânticos, sendo estes últimos mais difíceis de detectar e transferir sem um rigoroso conhecimento do léxico.

Ainda consoante a Sarmento (2006), ao tradutor resta a estratégia imutável da precisão (ou seja, da competência, do profissionalismo), que se traduz no bom conhecimento das línguas de trabalho, com especial incidência no conhecimento profundo e no manuseamento hábil da língua materna, seu mais precioso recurso.

Ao alargarmos os conhecimentos sobre o que a tradução significa em diferentes culturas, “as nossas atitudes em relação à prática da tradução também mudam e, com elas, a

nossa percepção do papel desempenhado pela tradução na história literária” observa Bassnett (2002, p. 25).

Abordagens sociológicas consideram, em geral, amplos conjuntos de fenômenos. De um lado, tentam romper com uma abordagem crítica confinada às relações entre um texto original e sua tradução, vistos isoladamente, sem considerar as condições institucionais. Por outro lado, diferem da abordagem econômica das transações internacionais, que tendem a reduzir a obra a um mero produto como qualquer outro, sem interesse pela assimetria das línguas e pela hierarquização dos bens simbólicos (BRISSET, 2010).

2.2 Cultura, Estudos de tradução e Tradução cultural

Cultura, segundo o antropólogo Edward Burnett Tylor, “é um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, o costume e toda a demais capacidade ou hábito adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade”.

Somos produtos da cultura e de suas transformações e, os antropólogos, como observa Iser (1996), consideram a cultura “uma resposta a desafios e, essa resposta, é uma revelação daquilo que os homens são. Essa dupla-face da cultura, enquanto produto e exteriorização de manifestações humanas, repercute nos próprios homens, pois são moldados por aquilo que exteriorizam, isto é, são ‘artefatos culturais’”.

Desde o princípio do que hoje se chama *cultura humana*, o homem vem tecendo sua História com palavras e cedo tomou consciência da existência de outros grupos com línguas e hábitos diversos aos seus. Segundo Darin (2012), o papel da palavra escrita tem sido o de levar e trazer notícias, descobertas, constatações e reflexões sobre as diversas formas de conceber o Homem e suas relações em sociedade, contribuindo para ampliar o acervo da humanidade nos mais variados campos: da culinária às decisões militares, da difusão do conhecimento técnico e científico às manifestações artísticas, as doutrinas religiosas, as teorias e práticas políticas, econômicas e filosóficas.

É importante ressaltar que a língua é responsável pela continuidade da cultura, por isso, entendemos que é, no léxico, na modalidade escrita da língua, que uma comunidade linguística guarda seu arcabouço cultural, suas memórias, sua linguagem, embora a comunicação entre as pessoas inicia-se no formato da linguagem verbal. “O fenômeno da linguagem como meio de expressão de comunidades culturais individuais leva à noção de identidade cultural” (SNELL-HORNBY, 2006).

Portanto, a linguagem é o coração dentro do corpo da cultura e é a interação entre as duas que resulta na continuação da energia da vida. Segundo Bassnett (2005, p. 23) “o russo Lotman declara com a mesma firmeza que Sapir e Whorf: nenhuma língua pode existir a menos que esteja imersa no contexto da cultura; e não pode existir cultura que não tenha no centro a estrutura da linguagem natural”.

Durante a década de 1990, quando a globalização estava obtendo seu maior potencial, a questão da tradução foi levantada ao se falar sobre comunicação, linguagem, tecnologia e desenvolvimento do discurso internacional em todo o mundo. Para Bassnett (2005), nos anos 1990, os Estudos de Tradução finalmente entraram em foco, e com a expansão global, antes considerada como uma atividade marginal, a tradução passou a ser vista como um ato fundamental de troca humana:

A explosão da mídia eletrônica na década de 1990 e suas implicações para os processos de globalização destacaram questões de comunicação intercultural. Não somente tornou-se importante acessar mais o mundo através da revolução da informação, mas tornou-se urgentemente importante entender mais sobre o próprio ponto de partida. Pois a globalização tem sua antítese, como tem sido demonstrado pela renovação mundial do interesse pelas origens culturais e pela exploração de questões de identidade.³¹ (BASSNETT, 2005, p. 1-2)

O interesse pelos estudos de tradução está intimamente relacionado com o interesse dos estudos culturais pela tradução como um processo essencialmente linguístico, no qual as diferenças culturais são um inevitável obstáculo a ser superado para comunicar o significado da língua de origem. Portanto, a tradução passou a ser vista como “uma negociação mais complexa entre duas culturas” (MUNDAY, 2009, p. 179), na qual questões de relações de poder seriam centrais. Isso se aplica tanto às relações entre culturas dominantes e subjugadas (ou numericamente ameaçadas) globalmente, quanto às relações entre formas linguísticas e culturais dominantes e marginalizadas e seus representantes dentro da mesma cultura.

A escola de Estudos de Tradução, que teve início nos anos 1970 e se consolidou como disciplina independente na década de 1980, começou a lidar com problemas de tradução e suas diferentes perspectivas culturais desenvolvendo diferentes teorias de estudos, sendo que,

A década de 1980 foi uma década de consolidação da nova disciplina conhecida como Estudos de Tradução. Tendo emergido no cenário mundial no final da década de 1970, o assunto começou a ser levado a sério e não era mais visto como um

³¹ “The electronic media explosion of the 1990s and its implications for the processes of globalization highlighted issues of intercultural communication. Not only has it become important to access more of the world through the information revolution, but it has become urgently important to understand more about one’s own point of departure. For globalization has its antithesis, as has been demonstrated by the worldwide renewal of interest in cultural origins and in exploring questions of identity.” (Tradução minha)

campo não científico de investigação de importância secundária.³² (BASSNETT, 2005, p. 1)

Contudo, somente no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 surgiu o termo "virada cultural", mencionada primeiramente por Mary Snell-Hornby (1990)³³, usado por Bassnett e Lefevere (1990) em uma coletânea de artigos, posteriormente, para descrever esse movimento na tradução. O termo "virada cultural" dos *Estudos de Tradução* foi defendido por Bassnett e Lefevere na coletânea de artigos *Tradução, História e Cultura*. Seguindo a lógica pela abordagem descritiva, a nova crítica ancorava as traduções nas culturas fonte e alvo, ao observar as manipulações implicadas na transferência de uma para outra. Aqui, os estudos de tradução entraram em sintonia com os estudos culturais, que passaram a figurar como seu campo interdisciplinar associado e em expansão.

A "virada cultural" da tradução envolveu a Antropologia, a Etnografia e a Sociologia. Os estudos de tradução introduziram o *anthrops* como uma área de estudo, dedicando nova atenção às dimensões humana, social e geopolítica da tradução, ao mesmo tempo em que empreenderam um exame crítico da história das práticas tradutórias, das representações resultantes delas, dos poderes a que elas servem ou a que têm servido, das hierarquias que constroem, da marginalização que provocam e das desigualdades que consolidam. Além das questões de interpretação, o *etnógrafo* enfrenta os problemas de traduzir ações e palavras faladas em uma forma escrita fixa, a qual implica, no mínimo, a tradução da experiência de forma textual (BASSNET e LEFEVERE, 1990).

Na globalização, na internacionalização e na comunicação internacional, a linguagem e a tradução são consideradas aspectos fundamentais para a comunicação e para o intercâmbio cultural. Portanto a "virada cultural" foi o resultado de uma série de mudanças sociais, movimentos e desenvolvimentos internacionais, refletindo o afastamento de uma metodologia rigidamente prescritiva na tradução para uma abordagem em que o impacto da cultura, bem como as restrições e demandas mais amplas da tradução, são colocados em foco.

Na primeira década do século XXI, os teóricos da tradução começaram a colaborar com estudiosos de estudos culturais, como Bassnett argumentou no ensaio *The Translation Turn in Cultural Studies*. Segundo Snell-Hornby (2006), no Congresso de Estudos Alemães no Brasil em 2003, "a disciplina havia se afastado de sua posição dogmática e monolítica para

³² "The 1980s was a decade of consolidation for the fledgling discipline known as Translation Studies. Having emerged onto the world stage in the late 1970s, the subject began to be taken seriously, and was no longer seen as an unscientific field of enquiry of secondary importance." (tradução minha)

³³ "Linguistic transcoding or cultural transfer: A critique of translation theory in Germany". IN: BASSNETT e LEFEVERE, *Translation, History and Culture*. Londres: Pinter Publishers, 1990.

uma posição mais relativa, mas frutífera, entre a pluralidade de línguas e culturas no atual mundo globalizado e a necessidade de estabelecer o diálogo internacional e intercultural”. Na verdade, os avanços nos Estudos de Tradução também beneficiarão outras disciplinas, como a comunicação entre culturas.

Segundo Pires (2009, p. 35), a tradução cultural “admite a diferença e ao criar pontes entre as margens -mesmo que imperfeitas- estabelece o elemento fundamental para construir a paz, ou seja, uma estrutura cultural que possibilita relações pacíficas entre povo e pessoas. O oposto de tradução cultural seria o ‘choque de civilizações’” (grifo da autora). Ademais, ela situa que a tradução introduz uma informação nova em outra cultura; explica uma cultura para outra; populariza um conhecimento que antes era elitizado, conhecido apenas por aqueles que dominam os dois códigos; modifica o saber e fertiliza o conhecimento, graças à associação de ideias das duas culturas, porque, com o contato com o diferente, a criatividade acaba gerando uma outra via, que não pertence nem à cultura de origem, nem à de chegada.

Uma vez que o processo de tradução envolve uma relação entre contextos culturais distintos, ele não pode ser encarado apenas como uma transposição de significados, uma busca de equivalentes ou um processo de decodificação entre dois sistemas linguísticos diferentes. Deve, também, ser considerado como um processo de transferência cultural. Os valores culturais da língua de origem podem ser diferentes daqueles da língua alvo, e essa diferença precisa ser levada em consideração em qualquer tipo de tradução. A questão central seria como lidar com a diferença, fazendo com que a diferença seja compreendida.

Aubert (1984) observa que traduzir mensagens de uma língua para outra é uma tarefa que envolve complexos e variados fatores socioculturais. Percebe-se que a tradução cultural apresenta maiores dificuldades para o tradutor por envolver problemas referentes às estruturas da língua de partida (LP) e da língua de chegada (LC), além das tomadas de decisão do tradutor com relação aos fatores psicológicos e socioculturais, visto que a “tradução é um tipo de atividade que inevitavelmente envolve pelo menos duas línguas e duas tradições culturais” (TOURY, 1978, p. 200).

O tradutor, portanto, deve atuar como um mediador entre culturas, sendo, simultaneamente, bilíngue e bicultural. A relevância da identidade e da diferença cultural para a tradução é óbvia demais para que esse aspecto tenha sido, de certa forma, negligenciado por um longo período.

Em nossas sociedades contemporâneas, a tradução tem o papel de criação e renovação de uma literatura, cultura ou identidade nacional. Muitos estudos sociológicos revelam que os

status dos tradutores e da tradução variam de um espaço cultural ou momento histórico para o seguinte (BRISSET, 2010).

2.3 A (In)Visibilidade Do Tradutor Segundo A Teoria De Venuti³⁴

Talvez o estudioso de tradução mais influente das últimas duas décadas na América do Norte, e consequentemente no Brasil, é Lawrence Venuti, editor da antologia pioneira *Rethinking Translation Discourse, Subjectivity, Ideology* (1992); autor dos importantes livros sobre tradução *The Translator's Invisibility: A History of Translation* (1995/2004) e *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference* (1998/2002); e organizador de *The Translation Studies Reader* (2000)³⁵.

As contribuições de Venuti para os estudos de tradução são múltiplas. A mais importante de suas críticas é em relação à grande parte das obras literárias traduzidas nos Estados Unidos que reforça as crenças e ideologias domésticas predominantes.

Venuti (2002) afirma que a tradução faz-se presente de forma maciça no mundo empresarial, na publicação internacional de *best-sellers* e nos padrões desiguais de comércio intercultural entre os países hegemônicos do norte e do ocidente e outros da África, Ásia e América do Sul. Além disso, declara que “a tradução fortalece a economia cultural global, possibilitando às empresas multinacionais dominar a mídia impressa e eletrônica nos chamados países em desenvolvimento, lucrando com a possibilidade de venda das traduções a partir das línguas de maior difusão” (VENUTI, 2002, p.11). Para o autor a tradução é tratada de forma tão desvantajosa porque propicia revelações que questionam a autoridade de valores culturais e instituições dominantes, “[...] a tradução é estigmatizada como uma forma de escrita, desencorajada pela lei dos direitos autorais, depreciada pela academia, explorada pelas editoras e empresas, organizações governamentais e religiosas”³⁶.

Do seu ponto de vista como tradutor ele afirma que, de forma geral, é projetado um modelo conservador de tradução que restringe indevidamente seu papel na inovação cultural e na mudança social “quanto menos estranha, sem expressões idiomática e ambígua for feita

³⁴ Lawrence Venuti é professor de literatura moderna, tradições poéticas de língua inglesa e de línguas estrangeiras, teoria e história da tradução e tradução literária na Universidade de Temple, nos Estados Unidos. Venuti ganhou muita projeção nos Estudos da Tradução, entre outros no Brasil, com a publicação de *The Translator's Invisibility*.

³⁵ Uma coletânea de ensaios, artigos e capítulos de livros que representam muitas das principais abordagens para os estudos da tradução desenvolvidos durante o século XX, enfocando particularmente os últimos trinta anos.

³⁶ *Idem*, p.11.

uma tradução, mais legível ela é e, portanto, mais "consumível" se torna para ser uma mercadoria no mercado do livro" (VENUTI, 2004, p.117)³⁷.

Em seu *The Translator's Invisibility*, Venuti usa o termo "invisibilidade" para descrever a atividade e a situação do tradutor na cultura contemporânea anglo-americana John Milton:

Esse foi, talvez, o livro mais influente na área no final do antigo milênio e no começo do novo. Nessa obra, Venuti propõe uma "arqueologia" de tradutores que não seguiram os padrões de fluência e critica a tradição desta no mundo anglo-saxão. Propõe um tipo de militância política entre tradutores que seria conseguida estrangeirizando o texto traduzido, o que mostraria que o trabalho do tradutor não é um trabalho oculto, que desaparece atrás da figura do autor. (MILTON, 2010, p. 17).

A principal tese de Venuti é que a tradução tende a ser uma prática invisível. Por "invisível", ele quer dizer que os tradutores costumam ocultar-se em seu trabalho, negando a própria voz em favor da voz dos autores e/ou dos estilos preponderantes na cultura receptora. O problema da invisibilidade é atribuído pelo autor tanto ao tradutor, quando este manipula deliberadamente o texto-fonte em nome da "fluência" do texto-alvo, quanto aos leitores e críticos de tradução; pois o efeito da transparência no próprio discurso, fruto da manipulação da língua da tradução feita pelo tradutor, conduz os leitores a encararem a tradução de um texto estrangeiro como se este houvesse sido originalmente escrito na língua-meta. Enquanto na crítica às obras traduzidas, os estudiosos são propensos a ignorar as mediações dos tradutores, tecendo comentários como se eles próprios tivessem acesso ao autor original.

As traduções são consideradas boas quando sua leitura é "fluente", dando a impressão de que não se trata de um texto traduzido. O que Venuti propõe é que os tradutores devem se opor a essa conexão entre a invisibilidade do tradutor dentro do texto e a qualidade da tradução, já que isso está relacionado tanto ao baixo status atribuído ao trabalho do tradutor quanto ao pouco reconhecimento. Para tanto, ele propõe que os tradutores passem a operar uma escrita de resistência sociolinguística em lugar da escrita de assimilação que põe em funcionamento a estratégia da fluência, assim, lutando pela visibilidade social da atividade tradutória.

A partir desta análise, mesmo sendo direcionada para a tradução anglo-americana, Venuti abre a possibilidade para uma visão crítica da tradução de forma geral. Embora Venuti se concentre na tradução para o inglês, a tendência para uma política de tradução da fluência (ou domesticação) também ocorre em traduções para outras línguas. Pym (1996) cita o Brasil,

³⁷ "[...] the less awkward, unidiomatic and ambiguous a translation is made, the more readable it is, and hence, the more 'consumable' it becomes as a commodity on the book market"- (tradução minha).

a Espanha e a França como exemplos, além de sugerir que a tradução pode estar, na época atual, tipicamente domesticada, independentemente do poder relativo das culturas-fonte e alvo.

Venuti vê essa invisibilidade como sendo produzida fluentemente, especificamente para o inglês, para criar uma ilusão de transparência:

“Invisibilidade” é o termo que usarei para descrever a atividade e a situação do tradutor na cultura Anglo-Americana contemporânea. O termo refere-se a dois fenômenos mutuamente determinantes: um é o efeito ilusionista do discurso, fruto da própria manipulação do inglês por parte do tradutor; o outro é a prática da leitura e avaliação das traduções que prevaleceu durante muito tempo no Reino Unido e nos Estados Unidos, entre outras culturas, do inglês e da língua estrangeira. Um texto traduzido, seja prosa ou poesia, ficção ou não-ficção, é julgado aceitável pela maioria dos editores, revisores e leitores quando se lê com fluência, quando a ausência de quaisquer peculiaridades estilísticas ou linguísticas torna-o aparentemente transparente, dando a entender que ele reflete a personalidade ou a intenção do escritor estrangeiro, ou ainda o significado essencial do texto estrangeiro – a ilusão, em outras palavras, de que a tradução não é, na verdade, uma tradução, mas o “original”. (VENUTI, 2004, p. 01)³⁸

No capítulo intitulado *Invisibility*³⁹, o autor pontua que o objetivo do livro é “tornar o tradutor mais visível, de modo a combater e mudar as condições em que a tradução é teorizada, estudada e praticada hoje, particularmente em países de língua inglesa.” (2004, p. 13). Venuti toma a concepção predominante de autoria como o fator mais importante para isso. A tradução é vista como derivativa e de qualidade e importância secundária. Ele mostra como a fluência prevaleceu sobre as outras estratégias de tradução para moldar as literaturas estrangeiras em inglês e interroga as consequências culturais etnocêntricas e imperialistas dos valores domésticos que foram simultaneamente inscritos e mascarados em textos estrangeiros durante esse período.

Venuti (2002) coloca a fluência cobrada pelos críticos, autores e leitores, como a causa da invisibilidade do tradutor. Para ele, a fluência gera um efeito de transparência o qual faz pressupor que o texto traduzido representa a personalidade do autor e o sentido do texto estrangeiro, provocando a invisibilidade do tradutor, que se “anula” em favor da fluência. Partindo deste pressuposto, este teórico propõe uma prática tradutória que resista à fluência usando a visibilidade intencional, afirmando:

³⁸ Em português, “Invisibilidade”.

³⁹ “Invisibility” is the term I will use to describe the translator’s situation and activity in contemporary Anglo-American culture. It refers to two mutually determining phenomena: one is an illusionistic effect of discourse, of the translator’s own manipulation of English; the other is the practice of reading and evaluating translations that has long prevailed in the United Kingdom and the United States, among other cultures, both English and foreign- language. A translated text, whether prose or poetry, fiction or nonfiction, is judged acceptable by most publishers, reviewers, and readers when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance that it reflects the foreign writer’s personality or intention or the essential meaning of the foreign text — the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the “original”- (Tradução minha).

A tradução deve ser vista como um *tertium datum* que “soe estrangeiro” ao leitor e que apresente uma opacidade que o impeça de parecer uma janela transparente aberta para o autor ou para o texto original: é essa opacidade_ um uso da linguagem que resiste à leitura fácil de acordo com os padrões contemporâneos_ que tornará visível a intervenção do tradutor, seu confronto com a natureza alienígena de um texto estrangeiro. (VENUTI, 2004, p.118)

E por isso, dentre as suas considerações, nos interessa discutir, a sua proposta de estratégia de resistência (*resistance strategy*), um modo de ação política por parte do tradutor que poderia, segundo o autor, retirá-lo de sua condição de invisibilidade e permitir uma troca cultural concreta. Vejamos o caminho tomado pelo estudioso para propor o que entende por “resistência”. Ele defende o que chama, em várias ocasiões, de “tradução estrangeirizada”, que para ele seria qualquer estratégia de tradução que resiste à domesticação, à fluência e à transparência (VENUTI, 2004).

2.3.1 Domesticação e estrangeirização

Na discussão sobre (in)visibilidade, Venuti (2004) retoma os dois tipos de estratégias tradutórias descritas por Friedrich Schleiermacher⁴⁰, mencionadas na sua conhecida e citada conferencia de 1813 sobre os diferentes métodos de tradução⁴¹, na qual observou que “são apenas duas estratégias: ou o tradutor deixa o autor em paz, tanto quanto possível, e move o leitor para ele; ou ele deixa o leitor em paz, tanto quanto possível, e move o autor em direção a ele, admitindo (com qualificações como ‘o máximo possível’)” (p. 20, grifo do autor). A tradução nunca pode ser completamente adequada ao texto estrangeiro, e Schleiermacher permitiu que o tradutor escolhesse entre um método de domesticação, uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro para valores culturais da língua-alvo, trazendo o autor para casa, e um método de estrangeirização, uma pressão etnodeversiva sobre esses valores para registrar a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro, enviando o leitor para o exterior. Schleiermacher deixou claro que sua escolha era estrangeirizar a tradução e que, para o grupo de intelectuais alemães na virada do século XIX, a tradução tem o poder de transformar a sociedade em que vivem: por meio de um método de tradução que “leva o leitor até o autor” (VENUTI, 2004, p. 20).

⁴⁰ Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher, professor alemão de Filosofia e Teologia na Universidade de Humboldt University em Berlim. Foi o primeiro tradutor de Platão para o alemão.

⁴¹ *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens*: no período em que Schleiermacher lecionava em Berlim, originalmente o texto escrito como base para uma conferência proferida em 24 de junho de 1813, na Academia Real de Ciências.

Em seu texto, o pensador alemão faz referência ao “primeiro” e ao “segundo” método, sem atribuir-lhes uma designação. Quase dois séculos depois, sob o contexto da hegemonia cultural anglo-americana, Venuti acrescenta um componente ideológico aos dois métodos de Schleiermacher e os denomina **domesticação** (o que aproxima o autor, do texto original, do leitor da tradução por meio da estratégia de fluência) e **estrangeirização** (o método de distanciamento, que leva o leitor da tradução até o autor do texto original).

Para Venuti, **domesticação** é quando a tradução está apenas voltada para a produção de um texto fluente, a estratégia adotada é a “tradução domesticadora” (*domesticating translation*). O texto caracterizado pela fluência (*fluency*) é, segundo Venuti (2004), aquele em que “há a ausência de quaisquer passagens canhestras, construções não idiomáticas ou significados confusos”. Em outras palavras, o tradutor privilegia o contexto receptor e, com ele, os valores domésticos padrões, o que tem como consequência o apagamento de marcas culturais e linguísticas do texto-fonte, bem como daquelas que são tidos como “marginais” pelas classes hegemônicas da sociedade de chegada, gerando o efeito de transparência (*transparency*).

Em seu *Escândalos da tradução* (2002, p.17-18), Venuti expande sua reflexão acerca das consequências da invisibilidade do tradutor, classifica os escândalos em culturais, econômicos e políticos. Segundo ele, as traduções “inevitavelmente realizam um trabalho de domesticação. Aquelas mais poderosas em recriar valores culturais e as mais responsáveis para responder por tal poder, geralmente engajam leitores graças às palavras domésticas que se tornaram fascinantes devido a um embate revisório com o texto estrangeiro”.

Além disso, uma das preocupações basilares de Venuti é a priorização da “naturalidade”, a qual tenderá a limitar as escolhas linguísticas e culturais no processo de tradução ao discurso dominante na cultura-alvo, enquanto escolhas associadas a grupos marginalizados tendem a ser evitadas. Também ressalta que os padrões tradutórios podem fixar estereótipos e formar atitudes domésticas com relação a culturas estrangeiras, “excluindo valores, debates e conflitos que não estejam a serviço de agendas domésticas” (2002, p. 130) e estigmatizando ou valorizando etnias, raças e nacionalidades específicas. Tais atitudes podem gerar “respeito pela diferença cultural ou aversão baseada no etnocentrismo, racismo ou patriotismo” (Idem).

Por outro lado, para o teórico, a tradução tem um poder de transportar atitudes ideológicas e pode, ao mesmo tempo, ser usada como uma ferramenta de resistência ao apagamento de diferenças culturais. Sendo o seu estudo uma forma de revelar essas atitudes e de incentivar que se use o processo tradutório para desafiar posturas hegemônicas diante da

sociedade e da cultura. A essa estratégia Venuti dá o nome de “tradução estrangeirizadora” (*foreignizing translation*). “O ponto é, melhor desenvolver uma teoria e uma prática de tradução que resista aos valores culturais dominantes da língua-alvo, de modo a significar a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro” (VENUTI, 2004, p. 23).

Portanto, **estrangeirização** para Venuti é quando se tem em mente que a escolha de uma determinada estratégia tradutória pode criar valores e práticas diferentes do modelo cultural vigente no contexto-meta, proporcionando, dessa forma, uma abertura para a visualização do outro, permitindo operar uma inscrição de valores estrangeiros no contexto doméstico:

O estrangeiro na tradução estrangeirizada não é uma representação transparente de uma essência que reside no texto estrangeiro, é valiosa por si, porém é uma construção estratégica cujo valor é dependente da situação corrente na cultura receptora. Tradução estrangeirizada revela as diferenças do texto estrangeiro, mas apenas por interromper os códigos que prevalecem na língua traduzida. (VENUTI, 2004, p. 15).

No entanto, o conceito-chave em qualquer pesquisa ou comentário sobre a tradução é o que Venuti (2004) chama de “autonomia relativa da tradução”, tendo características textuais e operações ou estratégias que distinguem o texto estrangeiro de textos inicialmente escritos na língua de chegada. Essas características e estratégias são o que impedem a tradução de ser uma comunicação transparente e estabelecem obstáculos à compreensão intercultural, no texto estrangeiro. Por isso, o autor faz a sugestão:

Para compensar uma implicatura no texto estrangeiro, o tradutor pode acrescentar notas de rodapé ou incorporar o material suplementar ao corpo da tradução, mas qualquer escolha representa uma máxima diferente de quantidade que se direciona a uma comunidade diferente: acrescentar notas de rodapé à tradução pode restringir o público doméstico a uma elite cultural, visto que as mesmas fazem parte de uma convenção acadêmica. (VENUTI, 2002, p. 47)

Para Venuti, de fato, o texto estrangeiro é privilegiado em uma tradução estrangeirizada apenas na medida em que possibilita uma ruptura dos códigos culturais da língua-alvo, de modo que seu valor é sempre estratégico, dependendo da formação cultural na qual ele é traduzido. O ponto é: melhor elaborar os meios teóricos, críticos e textuais pelos quais a tradução pode ser estudada e praticada como um ponto de diferença ao invés da homogeneidade que, atualmente, a caracteriza.

Venuti tornou-se uma referência importante ao publicar o livro *A Invisibilidade do Tradutor*, que além de explorar as noções de invisibilidade, fluência, resistência, estrangeirização e domesticação, apresenta diversos estudos de caso para demonstrar como diferentes abordagens à prática e à crítica de tradução têm resultados distintos em termos de

política, ideologia, cânone e marginalidade/centralidade de culturas, idiomas e sociedades no contexto anglo-americano. Segundo Pym (2010), ao descrever a tradução como uma prática invisível no âmbito da cultura anglo-americana e propor uma forma de combater a fluência, Venuti contribuiu decisivamente para que, contemporaneamente, esse tema ganhasse seu lugar em diversos debates e trabalhos sobre tradução, não só na cultura anglo-americana como também em outras culturas.

2.3.2 A Autonomia do Tradutor

As perspectivas divergentes ao estruturalismo⁴² acreditam que o texto não é detentor de apenas um sentido e que leitor é parte constituinte do processo de atribuição de sentido. Afinal, como haveria possibilidade de abstenção dos atravessamentos do tradutor enquanto leitor, enquanto ser humano com uma identidade única, forjada pelo contexto sociocultural do meio no qual nasceu e das experiências às quais fora exposto?

Tal perspectiva desconstrói o conceito de fidelidade no ato tradutório no que tange à estrutura linguística e à literalidade, alegando que a subjetividade do tradutor manifesta-se inegavelmente a cada tradução produzida. Sob este ponto de vista, os sentidos não estarão presos à letra, estrutura, mas às percepções que o sujeito tradutor tem sobre as palavras. Diferindo radicalmente do que afirma o estruturalismo, que defende a cisão entre o sujeito e o objeto na relação leitor-texto, que espera do tradutor, enquanto leitor, a sua anulação no processo de leitura e compreensão, afastando-se da interpretação, “Numa abordagem pós-estruturalista da linguagem. Podemos afirmar que “compreender é interpretar”, que não há *compreensão* de um texto sem *interpretação*, sem a intervenção de um sujeito, do *humano*” (OTTONI, 2005, p. 43, grifos do autor).

O último livro de Venuti, *Translation Changes Everything* (2013), diferentemente de suas obras anteriores, é uma coletânea de ensaios publicados entre 2000 e 2012, o pensador norte-americano descreve como “uma mudança significativa” (VENUTI, 2013, p.02) em seu pensamento acerca da tradução. Venuti move-se cada vez mais em direção a considerações sobre o papel da subjetividade do tradutor que, em conjunto com as pressões de ordem social, política e econômica, condicionarão a prática tradutória.

Venuti havia iniciado mais esta vertente de seu pensamento sobre a tradução quando parafraseia Derrida (1982, *apud* VENUTI, 2002) afirmando que todo ato de tradução é

⁴² Esse momento tem sua origem com a publicação do *Cours de Linguistique Générale*, do linguístico suíço Ferdinand de Saussure, em 1916, sendo considerado o marco inicial da linguística moderna.

transformativo e criativo, quase nunca transparente, invariavelmente interpretativo. A tradução é um processo pelo qual a cadeia de significantes que constitui o texto do idioma de partida é substituída por uma cadeia de significantes na língua de chegada, que o tradutor fornece com base em uma interpretação. Porque o significado é um efeito de relações e diferenças entre significantes ao longo de uma corrente potencialmente infinita (polissêmica, intertextual, sujeita a ligações infinitas), é sempre diferencial e diferido, nunca presente como uma unidade original.

Venuti coloca, no centro de suas reflexões, três proposições principais: a subjetividade do tradutor, a noção de evento no lugar da resistência e o estabelecimento de uma cultura de tradução. O autor resume o seu pensamento no seu novo livro da seguinte forma:

O modelo diferente que comecei a imaginar se abre às possibilidades interpretativas da tradução, permitindo que elas variem segundo a natureza dos interpretantes aplicados pelo tradutor, mas também permitindo que as interpretações sejam descritas e avaliadas com clareza e precisão nas condições — linguísticas e culturais, sociais e políticas — sob as quais a tradução é produzida e circula. Os conceitos de inscrição e interpretante expandem o poder explanatório do resíduo ao refiná-lo, facilitando o relato preciso dos diferentes efeitos que a tradução libera na situação de recepção — um relatório que, claro, é ele mesmo uma interpretação fundamentada na reconstrução de valores, crenças e representações que definem uma situação (VENUTI, 2013, p. 04).

Outros teóricos referem-se à questão da intervenção do tradutor na tradução. Arrojo quando afirma que é impossível o tradutor não deixar suas marcas e não se fazer presente mesmo quando pensa estar ou pretende ser invisível, pois “o tradutor, implícita ou explicitamente, impõe ao texto que traduz os significados inevitavelmente forjados a partir de seus próprios interesses e circunstâncias” (1993, p.81). Ela continua dizendo que qualquer tradução, por mais simples e despretensiosa que seja, traz consigo as marcas de sua realização: o tempo, a história, as circunstâncias, os objetivos e a perspectiva de seu realizador.

Como sustenta Arrojo, as profundas transformações pelas quais a tradução passou ao longo dos últimos anos “reformula o papel e a ‘influência’ da tarefa do tradutor”:

A trajetória dos estudos sobre tradução nos últimos anos, que vai da linguística à desconstrução e à filosofia, do logocentrismo à abertura para a diferença e para o possível, da marginalidade ao centro da reflexão sobre a linguagem, transforma a tradução num instrumento essencial para o estudo da transmissão da cultura e das relações entre os povos, ao mesmo tempo em que revê e reformula o papel e a “influência” da tarefa do tradutor. (ARROJO, 1993, p. 46)

O tradutor, portanto, é “um sujeito que intervém nas línguas envolvidas na tradução” (OTTONI, 2005, p. 48). E isso ocorre automaticamente, assim que ele entra em contato com o texto de partida. A fidelidade, dentro dessa perspectiva, não se encontra na literalidade da

forma e do conteúdo, mas na promessa de lealdade àquilo que o tradutor depreenderá como texto, após interpretá-lo para compreendê-lo. Para Ottoni (2005), tal abordagem não considera a possibilidade de uma sistematização da tradução, passando esta a ser considerada como “uma questão ideológica e filosófica”⁴³.

Se aceitarmos que o significado é algo negociado entre produtores e receptores de textos, segue-se que o tradutor, como um tipo especial de usuário, intervém nesse processo de negociação para retransmiti-lo através das fronteiras linguísticas e culturais. Ao fazê-lo, o tradutor está necessariamente lidando com questões como significado intencional, significado implícito e significado pressuposto. Tudo com base nas evidências fornecidas pelo texto.

Portanto, a história da teoria da tradução pode, de fato, ser imaginada como um conjunto de relações mutáveis entre a autonomia relativa do texto traduzido, ou as ações do tradutor, e dois outros conceitos: equivalência e função. Equivalência foi entendida como “precisão”, “adequação”, “correção”, “correspondência”, “fidelidade” ou “identidade”; é uma noção variável de como a tradução está conectada ao texto estrangeiro. Função tem sido entendida como a potencialidade do texto traduzido em liberar diversos efeitos, a começar pela comunicação da informação e pela produção de uma resposta comparável ao texto estrangeiro em sua própria cultura. No entanto, os efeitos da tradução também são sociais, e têm sido aproveitados em pautas culturais, econômicas, políticas, religiosas, comerciais e projetos coloniais. Bem como o desenvolvimento de línguas, literaturas nacionais, etc...

No próximo capítulo apresento os procedimentos da análise, análise e interpretação dos dados com base na discussão teórica aqui tratada. Subsidiada pela teoria de visibilidade venutiana, verifico primeiro se a tradutora e cultura fonte permaneceram visíveis, a autonomia e criatividade artística para cobrir as diferenças linguísticas e culturais, em segundo a aplicabilidade da teoria de Venuti (em contexto anglófono) em textos traduzidos para uma língua diferente do inglês.

⁴³ *Idem.*

Capítulo III

3.1 Conceituação De Termos/Passagens Culturalmente Marcados (TCM)

Para Aubert (2006, p. 40-41) os termos culturalmente marcados são considerados “vocábulos que designam o próprio homem, suas classes, funções sociais e profissionais, origens, relações hierárquicas, bem como as atividades e eventos que estabelecem, mantêm ou transformam estas relações, inclusive atividades linguísticas- [...]”. Entretanto este marcador cultural não é perceptível na expressão linguística tomada em isolamento, nem se encontra confinado dentro do seu universo discursivo original, já que “o marcador cultural somente se torna visível (e, portanto, se atualiza) se esse discurso original (a) incorporar em si uma diferenciação ou (b) for colocado em uma situação que faça sobressair a diferenciação” (AUBERT, 2006, p. 28).

Portanto, e ainda segundo Aubert (1993), os termos específicos de determinada língua que estão ligados a perspectivas culturais, para os quais nem sempre encontramos equivalentes compatíveis em outras culturas, são um fato de dificuldade para o trabalho do tradutor,

Sob um dos prismas, a língua incorpora em sua estrutura formal e em seu uso social e histórico todo um repositório cultural, antropológico, imagético, que delineia um primeiro quadro de apreensão e expressão do mundo, com um determinado conjunto de matizes, difíceis, para não dizer impossíveis, de serem reencontrados, na mesmíssima configuração de valores, em outro idioma. Conduz o espírito humano, mesmo que por inércia, a pensar, sentir e dizer o mundo (ou os mundos) de determinada maneira ou de um conjunto limitado de maneiras percebidas como típicas do complexo língua/cultura em questão. (AUBERT, 1993, p. 40-41)

Partindo, também, da ideia de que cultura é o conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social percebe-se, no livro *Dois Irmãos*, a existência de muitas e ricas sugestões do universo amazônico e que, apesar de o romance não se colocar como regionalista é possível observar que, com muita frequência, o tradutor se depara com termos culturalmente marcados tais como “Seringueira”, “rede”, “palafitas”, “caboclo”, “tapioquinha”, etc... e de passagens inteiras culturalmente marcadas e carregadas com imagens tipicamente regionais, como por exemplo “Olha as batuíras e as jaçanãs... apontando esses pássaros que triscavam a água escura ou chapinhavam sobre folhas de matupá...” (p. 74). Ou comportamentais, “... cantavam e pediam esmola para São João. O povoado de

Jurubaxi já se animava com rezas e danças, [...] e chegavam caboclos e índios para o festejo...” (p. 75).

Considera-se “passagens culturalmente marcadas” as frases ou conjunto de frases que o narrador de *Dois Irmãos* usa para descrever uma cena da região amazônica, tanto as que representam a fauna e a flora, como as que trazem uma imagem de rituais religiosos, comportamentos e hábitos diários da sociedade, forma de moradia, alimentação, etc...

Ele e o irmão entravam correndo na casa, ziguezagueavam pelo quintal, **caçavam calangos** com uma baladeira. Quando chovia, os dois **trepavam na seringueira** do quintal da casa, e o Caçula trepava mais alto, [...]. (HATOUM, 2000, p. 17- grifo nosso)

Perto do Hotel Amazonas ele parou diante da **banquinha de tacacá** da dona Deusa, **tomou duas cuias, sorvendo com calma o tucupi fumegante, mastigando lentamente o jambu apimentado**, como se quisesse recuperar um prazer da infância. (HATOUM, 2000, p. 85- grifo nosso)

Zana e Domingas acordavam de madrugada, a empregada esperava o carvoeiro, a patroa ia ao Mercado Adolpho Lisboa e depois as duas passavam a ferro, preparavam a massa do pão, cozinhavam. (HATOUM, 2000, p. 23)

Muitas passagens no livro descrevem ações ou hábitos da região amazônica e representam imagens que, certamente, quem nunca viu sente dificuldade de imaginar ou fazer associação com algo familiar.

Na tradução literária, especialmente em obras que carregam conteúdo regionalista, como em *Dois Irmãos*, encontramos uma grande variedade de vocábulos que podem ser identificados como itens de especificidade cultural ou culturalmente marcados. Em virtude do caráter discursivo desse conceito, a identificação dos termos e passagens culturalmente marcados pautou-se na observação comparativa dos vocábulos e das construções contextuais verificada no original e na sua tradução. Com o cotejamento, procuramos “compreender como a cultura do texto de partida é veiculada em outro país, ou seja, a maneira como os valores, crenças, costumes, ideologias, comportamentos, relações sociais, paisagens naturais, dados geográficos e climáticos são apresentados aos leitores da cultura de chegada.” (COSTA, 2016).

3.2 Conceituação de *Corpus*

Para atender o objetivo geral, desta pesquisa, foram escolhidos dois *Corpora Paralelos* bilíngue compilados para esta investigação. O *corpus* é composto pelo livro *Dois*

irmãos, de Milton Hatoum e a sua tradução para o árabe realizada por Safa Alferd Abou Chahla Jubran.

A rápida evolução da informática tornou possível a criação de corpora eletrônicos formados por textos em língua natural (não produzidos automaticamente por computador), passíveis de processamento e análise computadorizada para a pesquisa de padrões estruturais e lexicais. De acordo com Berber Sardinha (2004), o *corpus* linguístico legível por computador é o ponto central da Linguística de *Corpus* atual.

Baker (1995) já previa que Estudos da Tradução Baseados em *Corpus* (ETBC) ganhariam espaço nos Estudos da Tradução. A autora elabora uma descrição mais genérica de corpus, definindo-o como qualquer conjunto de textos naturais, organizados em formato eletrônico, passíveis de serem analisados, preferencialmente, em forma automática ou semiautomática (BAKER, 1995, p. 226). Seguindo essa linha de pensamento, a autora distingue três tipos de corpus no tocante à tradução: “corpora paralelos”, definidos como “corpora de textos fonte e suas respectivas traduções” (1993, p. 238); “corpora multilíngues”, formados por dois ou mais corpora em línguas diferentes; e “corpora comparáveis”, que abrangem dois corpora de textos na mesma língua, um corpus de texto original e outro corpus de textos traduzidos de determinada língua fonte (1995, p.230- 234).

Berber Sardinha (2004, p.03) define a Linguística de *Corpus* como área de estudos que trata da “Coleta e da exploração de corpus para o conjunto de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente com propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística”. De acordo com Baker (1993), pesquisas envolvendo *corpus* de textos traduzidos resultam em uma mudança do enfoque prescritivo para o descritivo e favorecem a exploração das normas de tradução em contextos históricos e socioculturais específicos.

Entretanto, Baker (1996, p. 179-180) ressalta que os traços característicos de textos traduzidos são, algumas vezes, conceitos vagos e abstratos e os ETBC contribuem para uma maior conscientização de que o significado não é independente, mas se dá dentro de um contexto linguístico situacional e social específico (BAKER, 1996, p.178). Por isso, o pesquisador deve buscar o tipo de manifestação concreta que cada traço pode manifestar no texto de chegada, para depois considerar a forma de identificação dessas manifestações, já que o mesmo traço pode ser expresso de diferentes maneiras. Para essa finalidade, adotei como metodologia deste trabalho a pesquisa quantitativa e qualitativa.

A análise quantitativa dos termos culturalmente marcados será realizada com o auxílio do software *WordSmith Tools*⁴⁴ (2007), desenhado para facilitar a extração dos dados e possibilitar ao pesquisador interpretar, de modo mais completo e abrangente, os dados da investigação em toda a extensão dos textos, em uma perspectiva descritivo-comparativa.

3.3 O Software *WordSmith Tools*

O programa *WordSmith Tools* (SCOTT, 2007) é um software muito utilizado em pesquisas por auxiliar na descrição da linguagem de tradução a partir de corpora de textos em formato eletrônico. O programa apresenta três ferramentas de busca, a *WordList*, a *KeyWords* e a *Concord*.

A ferramenta *WordList* “produz listas de palavras contendo todas as palavras do arquivo ou dos arquivos selecionados, elencadas em conjunto com suas frequências absolutas e percentuais” (BERBER SARDINHA, 2009, p.9). Dessa forma, a ferramenta *WordList* possibilita o levantamento das palavras de maior frequência no TP.

A ferramenta *KeyWords* identifica os seis vocábulos referenciais do autor e “extraí palavras de uma lista cujas frequências são estatisticamente diferentes (maiores ou menores) e calcula também palavras-chave, que são chave em vários contextos” (BERBER SARDINHA, 2009, p.09).

A análise quantitativa será realizada em dois passos: a) levantamento quantitativo de maior frequência e mais relevantes dos TCM no TP, com o auxílio da ferramenta *WordList*; b) localização, no TC, da tradução dos TCM, de uma forma manual, pois o software *WordSmith Tools* não reconheceu os caracteres da língua árabe.

Assim, as palavras que revelarem frequências “significativamente maiores” são consideradas chave, e passam a compor a lista. Com a finalidade de se obter uma lista de palavras-chave do corpus de estudo, da qual foram selecionados apenas os seis TCM de maior chavicidade (*keyness*)⁴⁵, eliminando os nomes próprios, os conectores e verbos, priorizando os vocábulos que se enquadravam na categoria gramatical de substantivos e adjetivos.

⁴⁴ Criado por Michael Scott, o programa *WordSmith Tools* (SCOTT, 2007) é muito utilizado em pesquisas por auxiliar na descrição da linguagem da tradução a partir de corpora de textos em formato eletrônico. O programa apresenta três ferramentas de busca, a *WordList*, a *KeyWords* e a *Concord* e os respectivos aplicativos (*colocados e clusters*). O procedimento para o tratamento computacional dos textos é feito a partir do seu escaneamento, utilizando-se o Reconhecimento Ótico de Caracteres.

⁴⁵ Compreendemos por *chavicidade* a relação estatística entre a ocorrência de dada palavra em um corpus de estudo e a importância que assume para o léxico de uma área de especialidade.

3.4 *Corpus* de Pesquisa

Selecionamos *Corpora Paralelos* compostos pelo romance “Dois irmãos”, de Milton Hatoum, considerado o texto de partida (TP), e a sua tradução para o árabe, realizada por Safa A. Jubran, considerado texto de chegada (LC). Será feita uma análise comparativa entre os dois textos, baseada na Linguística de *Corpus* conceituada no item 3.2 deste capítulo.

Introduzimos, abaixo, o *corpus* que foi compilado para esta investigação:

Texto de Partida

• *Dois irmãos*

Páginas: 266

Ano de publicação: 2000

Editora: Companhia das Letras

Texto de Chegada

شقيقان

Páginas: 255

Ano de publicação: 2002

Editora: Dar Alfarabi

Tradutora: Safa A-C Jubran

3.5 Metodologia e procedimentos da apresentação e análise dos dados

A condução metodológica deste trabalho é de uma natureza comparativa que exige um modelo descritivo, que permita medir, quantificar e qualificar o grau de aproximação\distanciamento entre o texto fonte e o texto traduzido, levando em consideração os termos e passagens culturalmente marcadas.

A análise qualitativa foi feita por meio do cotejamento de termos e passagens do texto de partida e suas respectivas traduções no texto de chegada, de acordo com os objetivos desta pesquisa e com base no nosso referencial teórico. Os dados são divididos em duas categorias e apresentados da seguinte forma:

1- A análise comparativa de Termos Culturalmente Marcados:

- a) Primeiro: Termos culturalmente marcados mantidos em português no texto de chegada.
- b) Segundo: Tabela de palavras com base na lista de frequência e na lista de palavras-chave selecionadas pelo software *WordSmith Tools* (SCOTT, 2007), apresentado no item 3.3 deste capítulo. A lista é composta por sete termos (o programa identifica seis, porém, dois termos empataram em número e optamos em analisar os sete) mais frequentes no TP (Caçula, rede, seringueira, cortiço, igarapé, palafita e boteco). Em seguida, apresento vários trechos em português

onde ocorre o termo em questão, destacado em negrito. Cada trecho será seguido pelo seu respectivo em árabe, com o termo correspondente em questão destacado em negrito. Depois será feita nossa análise e interpretação dos dados.

2- Análise comparativa de **Passagens Culturalmente Marcadas** (PCM):

Apresento o trecho em português, com os TCMs destacados em negrito, e, na sequência o respectivo trecho em árabe, com os TCMs igualmente destacados em negrito. Em seguida será feita nossa análise e interpretação.

3- Análise comparativa da **Tradução das expressões idiomáticas**:

Expressões com um significado figurativo diferente do seu significado literal. Expressões linguísticas desempenham um papel muito importante no estabelecimento de relacionamento dentro cultura. A expressão idiomática (doravante EI) é um recurso universal do idioma, embora idiomas diferentes possam usar expressões idiomáticas literalmente diferentes, servindo a mesma função. Analiso aqui a tradução das expressões para a cultura árabe ou a criação de uma na língua de chegada.

Ao longo da apresentação e análise dos dados faço a interpretação da análise qualitativa, conforme os objetivos. Portanto abordaremos a visibilidade da tradutora e a importância de ter se mostrado e mantido os traços culturais do texto original e o uso da sua criatividade ou autonomia quando necessário. Demonstraremos a importância da tradução literária ter sido interpretada como uma recriação artística, o papel do tradutor e sua autonomia, sua produção artística, assim como, a importância da tradução cultural como um esforço simultâneo de compreensão no encontro de duas culturas.

3.5.1 Análise e Interpretação de Termos Culturalmente Marcados

A) Termos estrangeirizados ou em forma de empréstimo linguístico:

Identifiquei – de forma manual, pois o software não diferencia termos estrangeirizados – em torno de 130 termos estrangeirizados ou de empréstimo com base na observação dos vocábulos nos textos, de partida (português) e o de chegada (árabe).

Os termos estrangeirizados, culturalmente marcados, foram mantidos em português no texto de chegada e escritos foneticamente em árabe, do total de 130 termos, 75 foram

explicados pela tradutora no glossário (inserido no final do livro) e no item 3.2.3 comentaremos a respeito. Há de ressaltar que não foram inseridos no glossário nome de ruas, bairros ou itens considerados pouco relevantes. Todos os termos, inclusive no glossário, foram escritos em português e depois explicados em árabe. A maioria são nomes de pássaros, árvores, peixes, frutas ou algumas comidas típicas da Amazônia. Estas palavras foram representadas foneticamente em árabe no corpo do texto. **Exemplos:** Aturia: أثوريا , Açaí: أسايي , Jambú: جامبو Tacacá: تكاكا , e muitos outros.

Ex 01– [...] lembrava a voz do pai conversando com barqueiros e pescadores no *Manaus Harbour*, e ali no alpendre lembrava a rede vermelha [...]. (p. 12)

Tradução em árabe do ex. 01 (p. 08):

وتذكرت صوت أبيها يتحدث مع البحارين والصيادين في "مناوس هاربور". هناك على الشرفة، تذكرت أرجوحة التوأم الأصغر الشبكية الحمراء.

Ex. 02– “Olha as *batuínas* e as *jaçanãs*... apontando esses pássaros, que triscavam a água escura ou chapinhavam sobre folhas de *matupá*...” (p. 74).

Tradução em árabe do ex. 01, (p.64):

"انظر الطيور الباتويرا والجاسانا"، قالت لي مشيرة الى تلك الطيور العائمة فوق المياه الغامقة او الجارية فوق الأعشاب المتلبدة.

Ex. 03- Fora assim durante os anos da guerra: Manaus às escuras, seus moradores acotovelando-se diante dos açougues e empórios, disputando um naco de carne, um pacote de arroz, *feijão*, sal ou café. (p. 21).

Tradução em árabe do ex. 03 (p.18):

وكانت مناوس قد ظلت على تلك الحال طوال سنين الري الحرب: معتمدة ، يحتشد سكانها أمام الملاحم والدكاكين، يتنازعون على قطعة لحم ، على كيس رز أو فاجوم ، على كيس ملح أو بن.

Ex. 04- [Yaquib] Perto do Hotel Amazonas ele parou diante da *banquinha de tacacá* da dona Deusa, tomou *duas cuias*, sorvendo com calma o *tucupi* fumegante, mastigando lentamente o *jambu apimentado*, como se quisesse recuperar um prazer da infância. (p.85)

Tradução em árabe do ex. 04 (p. 101-102):

[...] ولكن كل هذا تبدد عندما اقتربنا من "فندق أمازوناس" ، فوقف أمام كشك الست دوزا ، بائعة : تكاكا، أمسك قصعتين من على الكشك وأخذ يمضغ الجامبو المقلقل بتأن كأنه يحاول استعادة متعة الطفولة.

Ex. 05- Na casa, Zana foi a primeira a notar esse pendor do filho para o galanteio. Domingas também se deixava encantar por aquele olhar. Dizia: “Esse gêmeo tem *olhão de boto*; se deixar, ele leva todo mundo para o fundo do rio”. (p. 21).

Tradução em árabe do ex. 05 (p. 25):

كانت زانة أول من تنبهت في البيت لميل يعقوب للمغازلات ، وقد سُحرت دومينغس أيضاً بتلك النظرات وقالت: "لهذا التوأم عين كبيرة كعين البوتو، إذا سنحت له الفرصة يقود الجميع إلى قعر النهر."

Estes exemplos são considerados casos de estrangeirização ou de empréstimo linguístico. O empréstimo geralmente representa a “incorporação ao léxico de uma língua de um termo pertencente à outra língua” e resulta de diferentes processos, tais como “a reprodução do termo sem alteração de pronúncia e/ou grafia, ou com adaptação fonológica e ortográfica”. (HOUAISS, 2009)

Vinay e Darbelnet (1995) descrevem o empréstimo como um termo, expressão ou frase do TP aparece no TC. Segundo os autores, o empréstimo pode ocorrer por dois motivos: a) para preencher uma deficiência, normalmente extralinguística, ou; b) para garantir no texto meta a cor local da língua fonte. Apesar de ser visto como o procedimento mais fácil para o tradutor, os autores também reconhecem que o empréstimo apresenta a vantagem de enriquecer a língua de chegada.

Nos casos acima, a tradutora atendeu aos dois motivos acima citados. Primeiro, por deficiência extralinguística como nos casos dos termos: Aturia: أتوريا, Açai: أسايي, Jambú: جامبو, etc... Não foram traduzidos no corpo do texto por não ter tradução na língua árabe. Segundo, para garantir no texto meta a cor local da língua fonte e isso é nítido pela razão de que alguns termos terem equivalentes em árabe, como o caso dos exemplos 01 e 03. No ex. 01 havia a opção de se traduzir “**Manaus Harbour**” para “ميناء ماناوس”, mas optou-se por mantê-lo como no texto original como nome próprio, e ex. 03 a palavra “**feijão**” podia ser traduzido como “فاصوليا” *fasulya*, mas a tradutora optou por manter o termo e, dependendo do caso, fazer uma representação gráfica ou adapta-lo em outros onde conforme a necessidade. Por isso, considero um caso de estrangeirismo e de visibilidade, da tradutora e do texto original. No exemplo 05 a expressão “**olhão de boto**” foi mantida e traduzida literalmente e a palavra “boto” representada foneticamente em árabe “عين كبيرة كعين البوتو”.

Para Vanuti (2002) o estrangeirismo ocorre quando os textos traduzidos apresentam características textuais e operações ou estratégias que distinguem o texto estrangeiro de textos inicialmente escritos na língua de chegada. Essas características e estratégias são o que impedem a tradução de ser uma comunicação transparente e estabelecem obstáculos à compreensão intercultural, no texto estrangeiro. Por isso, o autor faz a sugestão de “Para compensar uma implicatura no texto estrangeiro, o tradutor pode acrescentar notas de rodapé ou incorporar o material suplementar ao corpo da tradução [...]” (VENUTI, 2002, p. 47).

A inserção do glossário (tratado no item 3.2.3) no final do livro traduzido, certamente, atende à esta questão trazida por Venuti (2002). A inserção do glossário é um ato de visibilidade do tradutor, pois demonstra ao leitor que se trata de um texto traduzido.

Outros termos culturalmente marcados foram traduzidos para o árabe formando novos termos, alguns sem explicação e outros receberam esclarecimento no glossário como nos exemplos 07 e 08. No exemplo 08, adotou-se a estratégia da domesticação do termo e nos exemplos 06, 10 e 11 a tradutora usou da sua criatividade e autonomia para suprir necessidade do texto e do sentido geral. Exemplos:

Ex. 06 - [...] *também ia brincar até a manhã da Quarta-Feira de Cinzas. Seria a primeira noite de Livia na festa dos adultos, a primeira noite que ele, Yaqub, viu-a com os lábios pintados, os olhos contornados por linhas pretas [...].* (p. 18-19).

Tradução em árabe do ex. 06 (p.14):

كانت ستبقى لترقص وتلهو حتى أربعاء الرماد وستكون تلك سهرة ليفيا الأولى في حفلة الكبار وأول ليلة ، هو يعقوب، سيرى شفيتها المحمّرتين، وعينيها المكحلّتين بقلم اسود...

Quarta-Feira de Cinzas: أربعاء الرماد, o termo foi colocado no texto e sem constar no glossário. O termo é conhecido em árabe pela maioria cristã, mas não por todos os possíveis leitores do texto.

Ex. 07 - [...] *um camaleão rastejando no tronco da fruta-pão, até parar perto de um ninho...* (p.205)

Tradução em árabe do ex. 07 (p.187):

حرباء تزحف على جدع شجرة الخبز ثم تتوقف بالقرب من العش

Fruta-pão: شجرة الخبز, o termo foi colocado no texto e explicado no glossário.

Ex. 08 - *Desprezava as festas juninas, a dança do tipiti, os campeonatos de remo, os bailes a bordo dos navios italianos e os jogos de futebol no Parque Amazonense...* (p. 32)

Tradução em árabe do ex. 08 (p. 27):

لم يكن يهتم بحفلات حزيران ولا برقصات التيبيتي ولا بمسابقات التجديف في النهر ولا بالحفلات على ظهر السفن الإيطالية ولا بألعاب كرة القدم في ميدان الأمازونينسي ...

Festas juninas: حفلات حزيران, o termo foi colocado no texto e explicado no glossário.

Ex. 09 – [...] *Adamor, o peixeiro. Nós o conhecíamos. Ele voltara a frequentar a nossa rua, o Perna de Sapo. Era um dos mais antigos peixeiros do bairro.* (p.164)

Tradução em árabe do ex. 09 (p. 150):

(...) بأدامور ، بائع السمك الذي كنا نعرفه منذ زمن طويل ، ولكنه عاد يتردد على شارعنا ذلك الضفدع.

Perna de Sapo, que a tradução seria “ساق الضفدع” a tradutora optou por usar somente “الضفدع” que significa o sapo, uma adaptação do termo. No texto ele é descrito por Hatoum (p.164) “Depois da voz, surgia um vulto que se movia com passos curtos, pulinhos calculados, simétricos, que alcançavam a porta de uma casa conhecida. (...) Tinha a perna esquerda estropiada, meio morta.”

Ex. 10– *Ele sumia de repente, ele e a voz. E numa manhã ele reapareceu, tremendo, inchado de tanta **cachaça**, medindo os passos, pronto para tombar de vez.* (p.166)

Tradução em árabe do ex. 10 (p. 151):

كان فجأة يختفي هو وصوته ليعود ويظهر في صباح اليوم التالي ، يرتجف متورماً من كثرة شرب العرق ، يقيس خطواته مترنحاً ويوشك على السقوط دفعة واحدة فوق الأرض.

O termo **Cachaça** foi domesticado para o termo “العرق/ **arak**” em árabe, uma bebida libanesa. Não são a mesma coisa, porém parecidos. Um empréstimo cultural, já que o personagem em questão é brasileiro e não conhece a bebida Arak.

Ex. 11 – *Abbas escreveu em árabe um gazal com quinze dísticos, que ele mesmo traduziu para o português. Halim leu e releu os versos rimados: lua com nua, amêndoa com tenda, amada com almofada.* (p.49)

Tradução em árabe do ex. 11 (p. 43):

فكتب عباس غزلاً بالعربية يتألف من خمسة عشر بيتاً وترجمة نفسه إلى البرتغالية . قرأ حليم تلك الأبيات المقفاة وأعاد قراءتها : (قمر) تتقافي مع (سمر) ، (ثمار) مع (سهام) و (محبة) مع (مخدة).

Os termos “lua com nua, amêndoa com tenda, amada com almofada.” que são parte de uma poesia e rimavam foram substituídos por outros termos diferentes, alguns mantidos em árabe, “(قمر) تتقافي مع (سمر) ، (ثمار) مع (سهام) و (محبة) مع (مخدة).” /qamar/samar; thimār/sihām/; maḥabba/maḥadda. Foi uma adaptação em árabe para garantir o sentido e o efeito.

B) Termos culturalmente marcados traduzidos para o árabe:

Aqui analiso os termos selecionados com o auxílio do software *WordSmith Tools* (SCOTT, 2007), descrito no item 3.3. Com base da ferramenta WordList, tinha a intenção de selecionar os seis TCM de maior frequência e os mais relevantes, porém, teve um empate quantitativo entre os termos Cortiço e Igarapé, conforme apresento na tabela abaixo:

Tabela 01. Lista de palavras mais frequentes no romance

	Palavras	Frequência
01	Caçula	158
02	Rede	77
03	Seringueira	20
04	Cortiço	18
	Gazais	17
05	Igarapé	18
06	Palafita	09
07	Boteco	08

A partir desta lista inicial, na qual aparecem os termos mais frequentes, foi excluído o termo “Gazais” desta lista, pois já foi abordada no item 1.3 e descrito como sendo um marcador cultural do árabe. Os termos “cortiço” e “igarapé” registraram 18 ocorrências e, por ocorrer o empate numérico, optamos por inserir os dois termos em nossa análise, totalizando Sete (TCM).

Os termos culturalmente marcados mais frequentes em *Dois Irmãos* (2000) são “caçula”, com uma frequência elevada na obra: 158 ocorrências; seguido de Rede, com 77 ocorrências; seringueira, com 20; Cortiço e Igarapé ambos com 18; palafitas, com 09 e por fim boteco, com 08 ocorrências.

Os termos serão apresentados de 1 a 7. Cada termo será colocado em uma tabela com as suas respectivas traduções encontradas e o número total que aparece no TP conforme a lista do software *WordSmith Tools*.

1. Caçula

A palavra “Caçula”, definida como “o mais novo dos filhos” (HOUAISS, 2009), é uma das palavras mais importantes no romance, pois, apesar de o romance tratar de dois

irmãos gêmeos, há uma diferença de comportamento entre os irmãos. Este é um Termo Marcado Culturalmente por trazer uma função importante na narrativa, uma vez que ajuda a caracterizar a relação entre Omar e a mãe, Zana, e o excesso de proteção que ela dedica ao filho mais jovem, durante a infância, por ter saúde frágil, e cujo cuidado continua pelo resto de sua vida por desenvolver uma personalidade instável. O filho que mais precisa de atenção ou o qual podia ter menos responsabilidades. A palavra é grafada no livro com letra maiúscula e acaba sendo uma “personificação” do personagem.

Tabela 02. A frequência da palavra “caçula” e as suas respectivas traduções.

Português	Total	Árabe	Transliteração
Caçula	158	التوأم الأصغر	Attaw'am al'aşghar
		الأصغر	al'aşghar
		ابنها الأصغر	ibnaha al'aşghar
		الشقيق الأصغر	Aşşaqīq al'aşghar

Ex. 1: *Nasceram em casa, e Omar uns poucos minutos depois. O **Caçula**. O que adoeceu muito nos primeiros meses de vida. E também um pouco mais escuro e cabeludo que o outro. Cresceu cercado por um zelo excessivo, um mimo doentio da mãe, que via na compleição frágil do filho a morte iminente.* (p. 66-67)

Tradução em árabe do ex.1 (p. 58):

ولدا في البيت، عمر بعد يعقوب بدقائق: الأصغر الذي قضى أشهره الأولى مريضاً كان أكثر سمرة وشعراً من الآخر، فشأ محاطاً بالعناية، وكان اهتمام الأم به مفرطاً مهوساً، فقد رأت في ركابة ابنها الموت المعلن.

Ex. 2: *Não, fôlego ele não tinha para acompanhar o irmão. Nem coragem. Sentia raiva, de si próprio e do outro, quando via o braço do **Caçula** enroscado no pescoço de um curumim do cortiço [...].* (p. 17-18)

Tradução em árabe do ex. 2 (p. 13):

لا، لم يكن يملك الحيوية ولا الشجاعة لمرافقة شقيقه. كان يبغض نفه ويبغض شقيقه كلما رأى ذراع الاصغر ملتفة حول عنق واحد من صبية الأكواخ المنتشرة وراء بيتهم.

Ex. 3: *O andar era o mesmo: passos rápidos e firmes que davam ao corpo um senso de equilíbrio e uma rigidez impensável no andar do outro filho, o **Caçula**.* (p. 13)

Tradução em árabe do ex. 3 (p. 09):

مشيته ما زالت كما كانت: خطوات سريعة وثابتة، تبعث في جسده إحساساً بالتوازن، وصلابة غير متوقعة في مشية الابن الآخر، التوأم الأصغر.

Ex. 4: [...] *e ali no alpendre lembrava a rede vermelha do **Caçula**, o cheiro dele, o corpo que ela mesma despia na rede onde ele terminava suas noitadas.* (p.12).

Tradução em árabe do ex.4 (p. 08):

هنالك على الشرفة، تذكرت أرجوحة التوأم الأصغر الشبكية الحمراء، تذكرت رائحته وجسده الذي كانت تعريه هي بنفسها فوق الأرجوحة حيث كان يختم سهراته المعربة.

Ex. 5: *Perto do alpendre, o cheiro das açucenas-brancas se misturava com o do filho caçula [...].* (p. 12).

Tradução em árabe do ex.1 (p. 08):

وقرب الشرفة، كان عبير السوسن الأبيض يختلط برائحة ابنها الأصغر ...

Ex. 6: *O Caçula, expulso pelos padres, só encontrou abrigo numa escola de Manaus onde eu estudaria anos depois.* (p. 35)

Tradução em árabe do ex.1 (p. 33):

بعد طرده من المدرسة الكاثوليكية لم يجد الشقيق الأصغر ملجأ إلا في مدرسة واحدة في مناس درست أنا فيها بعد سنين .

Os exemplos apresentados mostram a variedade de traduções usadas pela tradutora no caso do termo Caçula.

Na língua árabe não há uma palavra para “o mais novo dos filhos” ou “caçula”. Outra questão importante, não há letra maiúscula ou minúscula na grafia das palavras. Portanto, há uma perda na “personificação” do personagem “Omar ou o Caçula” e a tradutora fica impossibilitada de representar de alguma forma ou de recuperar esta perda no sentido e na força da palavra dentro do romance.

Como mostram os exemplos (1, 2, 3, 4 e 5) e suas respectivas traduções, a palavra “Caçula” teve pouca variedade. A tradutora optou por usar “الأصغر” *al’aşghar*, que significa “mais novo”, como está nos exemplos 1 e 2, mas que não significa especificamente “o mais novo dos filhos” como é em português. Também foi traduzida como “التوأم الأصغر” *Attaw’am al’aşghar*, que significa “o gêmeo mais novo”, como está nos exemplos 3 e 4. Outra tradução aparece em dois casos: “ابنها الأصغر” *ibnaha al’aşghar*, como está no exemplo 5, que significa “o seu filho mais novo”. Outra forma usada é de “الشقيق الأصغر” *Aşşaqīq al’aşghar*, no exemplo 6, que significa “o irmão mais novo”.

A frequência elevada da palavra “Caçula”, que ocorre 158 vezes na obra na língua de partida, sugerindo a importância do termo na narrativa. No romance de Hatoum, o “Caçula”, Omar, é descrito como o filho mimado, desajuizado, transgressor, sedento de desejos. E apesar de Rania ser a caçula da família, o autor usa o termo *caçula* para o mais novo dos gêmeos, e isso é intencional para mostrar o quanto ele era mimado pela mãe.

A tradutora, portanto, precisou recorrer a várias estratégias de tradução como, por exemplo, a domesticação e a utilização de termos variados para representar as nuances que a palavra *caçula* denota de acordo com o contexto que, nesse caso, não possui uma única palavra em árabe e, também, pela inexistência de letra maiúscula no sistema de escrita árabe. E o fato de o termo “Caçula”, não estar representado com letra maiúscula como no original, configura uma perda significativa no nível discursivo-pragmático, ainda que, de certo, não existe “tradução perfeita” capaz de captar todos os significados e nuances do texto original.

Segundo Venuti (1995), há relações de violência na tarefa exercida pelo tradutor, já que a tradução seria, em sua compreensão, uma substituição forçada de diferenças linguísticas e culturais de um texto estrangeiro por um texto que será inteligível pelo leitor da língua de chegada. Por esse motivo, o tradutor precisa estar constantemente preocupado com a forma como irá trazer a cultura do outro para a língua-alvo. O modo como o texto estrangeiro será traduzido depende não só do tradutor, mas igualmente de seu público e língua alvos.

Entretanto, mais do que qualquer outra coisa, a compensação bem-sucedida exemplifica a combinação de imaginação e rigor que é a marca de um bom tradutor. No entanto, embora a compensação envolva frequentemente transposição cultural e/ou gramatical, é uma operação de tradução, não é uma característica textual. A meu ver, os termos usados pela tradutora no caso da palavra “Caçula” formam uma compensação bem-sucedida na língua de chegada.

2. Rede

Como mostram os exemplos abaixo, a palavra “rede” tem uma presença simbólica e importante no romance. É interessante notar que a palavra “rede”, além de ser bastante frequente, 77 ocorrências, apresenta uma forte associação com o erotismo presente na obra, tanto no relacionamento de Halim e Zana, como também na vida noturna do caçula, tendo, na maioria das vezes que foi citada, uma conexão com a cor vermelha. A cor da “rede vermelha” foi mudando e ficando menos intensa com o passar dos anos. Teve uma variedade de traduções no texto de chegada, respeitando o contexto de cada ocorrência. Nos exemplos abaixo, temos as variações de tradução:

Tabela 03. A frequência da palavra “rede” e as suas respectivas traduções.

Português	Total	Árabe	Transliteração
Rede	77	أرجوحة ... الشبكية الحمراء	urhūḥa... Aššabakiyya alḥamrā'
		الأرجوحة	al'urhūḥa
		شبكة	šabakah
		شبكة التهريب	šabakat alttahrīb
		أفراد العصابة	afrād al'isāba

Ex.01: [...] e ali no alpendre lembrava a **rede vermelha** do Caçula, o cheiro dele, o corpo que ela mesma despia na **rede** onde ele terminava suas noitadas. (p. 12).

Tradução em árabe do **ex.01** (p. 08):

هنالك على الشرفة، تذكرت أرجوحة التوأم الأصغر الشبكية الحمراء، تذكرت رائحته وجسده الذي كانت تعريه هي بنفسها فوق الأرجوحة حيث كان يختم سهراته المعقدة.

Ex. 02: Com paciência, armou a **malhadeira** e fogueira as piabas e as piraibas. Armou também a **rede**, a teia de contrabando em que se envolvera Omar. (p. 139)

Tradução em árabe do **ex.02** (p. 125):

رشت العمال والحمالين ورمت شبكتها بكل اضطراب فاصطادت كبير السمك وصغيره. اكتشفت أيضا كيفية عمل شبكة التهريب التي اوقعت عمر في شركها.

Ex. 03: [...] Omar conferia tudo no armazém número nove e saía sozinho no conversível, enquanto as piabas da **rede** levavam a mercadoria para uma chácara. (p. 139)

Tradução em árabe do **ex.03** (p. 125):

وعمر يتفحص كل شيء في المستودع رقم تسعة ومن هناك يخرج وحده في السيارة بينما ينقل أفراد العصابة البضائع الى بيت في ضواحي البلد.

Ex. 04: Mas era um demônio na cama e na **rede**. Ele me contou cenas de amor com a maior naturalidade, a voz pastosa, pausada, a expressão libidinosa no rosto estriado, molhado e de suor, molhado pela lembrança das noites, tardes e manhãs em que os dois se enrolavam na **rede**, o leito preferido do amor, ali onde os poderes de Zana se desmanchavam em melopeia de gozo e riso. (p. 54)

Tradução em árabe do **ex.04** (p. 48):

أما في الفراش او فوق الأرجوحة فكان الشيطان بذاته. كان يقص علي تفاصيل احداث غرامه بشكل طبيعي، بصوت مائع، مهل بينما ترتسم ملامح الشهوة على اخاديد وجهه، يصبه العرق وتبلله ذكريات الليالي، الامسيات والصباحات التي كانا فيها ببعضهما بعضا فوق الأرجوحة، فراش الحب المفضل لدى زانة، هناك حيث كانت تتلاشى قواها وتتحول الى انشودة شهوانية غابطة.

A palavra “rede”, no ex.01, foi traduzida como “أرجوحة... الشبكية الحمراء” *urhūḥa... Aššabakiyya alḥamrā*, que significa “a rede vermelha reticulada”. Nesse caso, em que a palavra “rede” é citada pela primeira vez na obra, a tradutora optou por acrescentar a palavra “reticulada” para descrever melhor o formato da rede na língua de chegada, e não confundir com “balanço”⁴⁶, que tem a mesma palavra em árabe, sendo que logo em seguida, quando a palavra foi novamente mencionada, a tradutora usou somente a palavra “الأرجوحة” *al’urhūḥa*, que significa “a rede”.

No ex.02, o autor usa duas palavras que poderiam ser consideradas do mesmo significado, as palavras “malhadeira”, que é uma “rede de pesca”, e a palavra “rede” que, nesse caso, era “a teia de contrabando”, o que não ocorre, pois aí ele trocou ‘rede’ por ‘malhadeira’. A tradutora optou por “شبكة” *šabakah*, que significa “rede de pesca”, para a palavra “malhadeira”, e optou por “شبكة التهريب” *šabakat alttahrīb*, que significa “grupo conectado para o contrabando”, para a palavra “rede” que, neste caso, era “a teia de contrabando”.

No ex. 03, o autor usou “piabas da rede”. A palavra *piabas* é uma palavra indígena com significado genérico para peixes fluviais, teleósteo, caracídeos, dos gêneros *Leporinus* e *Schizodon*. O autor, como metáfora, referiu-se ao grupo de bandidos conectados no trabalho de contrabando. A tradutora optou por “أفراد العصابة” *aḥḥad al’iṣāba*, que significa “os membros da quadrilha”, uma tradução direta nesse caso e sem o uso de metáfora na língua de chegada.

No ex. 04, o autor usa a “rede” ligada ao relacionamento entre os personagens Halim e Zana, apresentando uma forte associação desse objeto com o erotismo presente na obra. A palavra “rede” com esta referência foi usada várias vezes no romance. Neste caso, a tradutora optou por “الأرجوحة” *al’urhūḥa*, nas duas vezes em que a palavra foi citada nesse trecho.

A variedade de traduções da palavra “rede” demonstra o domínio linguístico e cultural da tradutora nas duas línguas. De certo, teve uma perda na tradução do termo “rede”, no texto de chegada, como um termo único de vários sentidos. Entretanto, para Venuti (1995), traduzir é um processo através do qual uma cadeia de significantes que constituem um texto na língua de partida é substituída por outra cadeia de significantes em uma língua alvo provida pelo tradutor a partir de uma interpretação. Um texto, portanto, “configura-se como uma porção de possibilidades semânticas que apenas se encontram fixas e únicas através das escolhas

⁴⁶ Um brinquedo encontrado na maioria dos parques. Conta com um assento suspenso, amarrado por cordas ou correntes em uma trave, ou em um galho de uma árvore. Este acento muitas vezes é substituído por pneus.

interpretativas e das suposições feitas pelo tradutor” (VENUTI, 1995, p. 18). Venuti, abordando a concepção de Eugene Nida, apresenta o tradutor como sendo uma pessoa capaz de revelar a mensagem do original que se encontra por detrás das cortinas linguísticas e das diferenças culturais. Por isso, “não é possível julgar a tradução com bases matemáticas de equivalência semântica, com correspondência um a um”⁴⁷.

3. Seringueira

Em terceiro lugar na ordem de frequência, identificamos o TCM “seringueira”, com 20 ocorrências. Conforme o dicionário Houaiss (2009), é o nome dado a várias espécies de árvores cujo látex é usado na produção de borracha. Dessas espécies, a mais notável é a seringueira legítima ou árvore-da-borracha. Trata-se de uma árvore (*Hevea brasiliensis*), com madeira branca, látex de qualidade superior, flores branco-amareladas e frutos capsulares, com sementes oleaginosas, nativa da Amazônia e largamente explorada como a melhor fonte para a produção de borracha natural, principalmente na primeira metade do século XX. A presença da seringueira velha no quintal da família parece ter uma simbologia na trama, ela mencionada sempre como presença marcante na vida da família. Um termo importante na construção do espaço e tempo na narrativa.

Tabela 04. A frequência da palavra “seringueira” e as suas respectivas traduções.

Português	Total	Árabe	Transliteração
Seringueira	20	شجرة المطاط	šajarat al mattāt
		شجرة	šajara

Ex. 01: [...] *a pequena cidade no Líbano que ela recordava em voz alta, vagando pelos aposentos empoeirados até se perder no quintal, onde a copa da velha seringueira sombreava as palmeiras e o pomar cultivados por mais de meio século.* (p. 11)

Tradução em árabe do **ex.01** (p. 08):

البلدة الصغيرة في لبنان ، لقد تذكرتها بصوت عال وهي تجول بين غرف البيت المليئة بالخيار إلى أن اختفت في بستان الفناء ، حيث كانت أغصان شجرة المطاط تظلل البستان والنخلات المزروعة منذ نصف قرن أو أكثر.

Ex. 02: *Quando chovia, os dois trepavam na seringueira do quintal da casa, e o Caçula trepava mais alto, se arriscava, mangava do irmão, que se equilibrava no meio da árvore,*

⁴⁷ Idem.

escondido na folhagem, agarrado ao galho mais grosso, tremendo de medo, temendo perder o equilíbrio. (p.14)

Tradução em árabe do **ex.02** (p. 13):

كان هو وشقيقه بدخلان البيت راكضين ، يقفزان إلى فناء الدار الخلفي ، يصطادان الحراذين بالناقفة ، وعند هطول المطر، يتسلقان **شجرة المطاط** بحيث كان الأصغر يتسلق أعلى وأعلى ، يخاطر ويهزأ من شقيقه الذي كان بتوازن وسط الشجرة مختبئاً بين الأوراق ، متمسكاً بفرع غليظ، مرتجفاً من الفرع وخائفاً من الوقوع.

Ex.03: “*Duelo? Melhor chamar de rivalidade, alguma coisa que não deu certo entre os gêmeos ou entre nós e eles*”, revelou-me Halim, mirando a **seringueira** centenária do quintal. (p.62)

Tradução em árabe do **ex.03** (p. 54):

المبارزة ، لا! قد يكون من الأفضل تسمية ما بينهما بالخصومة، ثمة شيء ما ضبط بينهما أو بيننا وبينهما ، صرّح لي حليم ناظراً إلى **شجرة المطاط** المسنة.

Ex. 04: *Os dois se sentavam à sombra da seringueira, enquanto Halim, irritado, tinha vontade de trancar o Caçula no galinheiro abandonado desde a partida de Galib.* (p.69)

Tradução em árabe do **ex.04** (p. 60):

وترافقه لتلاعيه في البستان فيجلسا في ظل **شجرة** بينما يقضم حليم سخطه متمنياً لو يحبس الأصغر في قن الدجاج المهجور منذ وفاة غالب.

Nos exemplos (01, 02 e 03) o termo “seringueira” foi traduzido como, em 19 casos dos 20, “**شجرة المطاط**” *šajarat al maṭṭāt* em árabe, o que significa a “árvore da borracha” que é o único termo possível como correspondente em árabe. Em um dos casos o termo foi traduzido como “**شجرة**” *šajara*, no (ex. 4), o que significa a “árvore” em árabe.

A força da presença da seringueira se manteve no texto de chegada como uma forte presença no quintal e na vida da família em questão. O termo “seringueira” acaba sendo importante na construção do tempo na narrativa por ter a época de desenvolvimento de Manaus ligado à época de extração da borracha. A tradutora no caso do termo “seringueira” usou a tradução única possível em árabe.

4. Cortiço

Tabela 05. A frequência da palavra “cortiço” e as suas respectivas traduções.

Português	Total	Árabe	Transliteração
Cortiço	18	أكواخ الحي الفقير	‘akwāḥ alḥayy alfaqīr
		الأكواخ	‘alakwāḥ
		حي الفقراء	hayy alfuqarā’

Conforme o dicionário Houaiss (2009), é a casa de habitação coletiva da classe pobre. Mais um termo importante na construção do espaço na narrativa e também ganha destaque por se repetir 18 vezes no livro. O termo cortiço na narrativa tem o papel de mostrar a diferença de classe social entre a população em Manaus e a situação de vida de quem o habitava.

Ex. 01: *Não, fôlego ele não tinha para acompanhar o irmão. Nem coragem. Sentia raiva, de si próprio e do outro, quando via o braço do Caçula enroscado no pescoço de um curumim do cortiço [...].* (HATOUM, 2000, p. 17-18)

Tradução em árabe do **ex. 01** (p. 13):

لا، لم يكن يملك الحيوية ولا الشجاعة لمرافقة شقيقه. كان يبغض نفه ويبغض شقيقه لا رأى ذراع الاصغر ملتفة حول عنق واحد من صبية الأكواخ المنتشرة وراء بيتهم.

Ex. 02: *O Calisto, um curumim meio parrudo do cortiço dos fundos, cuidava dos animais dos Reinoso, sobretudo dos macacos, que guinchavam e saltitavam nos imensos cubos de arame do quintal.* (p. 83)

Tradução em árabe do **ex.02** (p.):

كان لديهم صبي جسيم اسمه كالستو، أتى من حي الفقراء، مهمته الاهتمام بحيوانات أسرة الرينوزو وخاصة بالقرد التي كانت تنط وترفس داخل مكعبات ضخمة من الشريط كانت موجودة في البستان.

Ex. 03: *Lá pelas cinco da manhã (ou um pouco depois, porque o cortiço dos fundos já emitia sinais de despertar e a noite começava a perder sua treva), um ruído me despertou.* (p.213)

Tradução em árabe do **ex.03** (p. 194):

أيقظتني ضجة ما عند الخامسة صباحاً أو بعد الخامسة بقليل لأن الأكواخ خلفنا كانت قد بدأت تدب فيها حركات الاستيقاظ وقد بدأ سواد الظلام يتلاشى.

Ex. 04: *No cortiço dos fundos, só tumulto e aflição: as casinhas estavam inundadas e desde cedo eu e Domingas ajudamos a escoar a água dos corredores, a retirar a mobília dos quatinhos enlameados.* (p. 231)

Tradução em árabe do **Ex. 04** (p. 212):

دب البؤس والفوضى في أكواخ الحي الفقير خلف بيتنا. اقتحمت المياه تلك البيوت الفقيرة فذهبنا أنا ودومينغس لمساعدة أصحابها على جرف المياه من المماشي وعلى نقل الأثاث من الحجرات الموحلة.

A tradutora usa uma pequena variação na tradução da palavra “**cortiço**”, uma vez que o termo não possui equivalência em árabe. No exemplo 01 foi traduzido o termo “**um curumim do cortiço**” como “واحد من صبية الأكواخ” o que significa “**um menino das barracas**”. No exemplo 02 foi traduzido como “حي الفقراء” *hayy alfuqarā* o que significa “**o bairro dos pobres**” e no ex. 03 foi traduzido como “الأكواخ” *‘alakwāh* o que significa “**barracas**”, o mesmo termo usado para descrever “**palafitas**” (questão tratada abaixo no item 6). No ex. 04 foi traduzido “**cortiço dos fundos**” como “أكواخ الحي الفقير” *‘akwāh alhayy alfaqīr* que significa “**barracas do bairro pobre**”.

Existe uma incompatibilidade linguística entre os dois idiomas e isso é previsível. Os termos construídos culturalmente em uma certa língua, por uma questão sócio-histórico cultural e não possui a mesma construção. Portanto, o desafio do tradutor será o de encontrar maneiras de passar informação na língua de chegada.

Vinay e Darbelnet (1995, p. 342) veem a tradução orientada por equivalência como um procedimento que “replica a mesma situação do original, enquanto usa palavras completamente diferentes” Eles também sugerem que, se esse procedimento for aplicado durante o processo de tradução, ele poderá manter o impacto estilístico do TP no TC. Segundo os autores, a equivalência é o método ideal quando o tradutor precisa lidar com provérbios, expressões idiomáticas, clichês, frases nominais ou adjetivas e etc...

Ainda segundo Vinay e Darbelnet (1995, p. 342), eles concluem dizendo que “a necessidade de criar equivalências surge da situação, e é na situação do texto de TP que os tradutores precisam procurar uma solução”. De fato, mesmo que o equivalente semântico de uma expressão no texto de partida seja citado em um dicionário ou glossário, este pode não ser suficiente e, também, não garante uma tradução bem-sucedida, pois cabe ao tradutor a escolha do termo que vai representar a equivalência.

5. Igarapé

Conforme o dicionário Houaiss (2009), [Brasil: Amazônia] é um estreito ou pequeno canal natural entre duas ilhas, ou entre uma ilha e a terra firme, que só dá passagem a embarcações pequenas. O espaço na narrativa, também, ganha destaque com o vocábulo “igarapé” por ser uma maraca da natureza da região amazônica. Um marcador cultural muito importante e que recebeu uma variedade de termos na tradução. O termo não tem equivalente exato em árabe por ser termo específico da Amazônia.

Tabela 06. A frequência da palavra “Igarapé” e as suas respectivas traduções.

Português	Total	Árabe	Transliteração
Igarapé	18	الجدول	aljadwal
		القناة	alqanāt/alqanauāt
		روافد	rawāfid
		الجدول العظيم	aljadwal al [°] azīm
		ساقية مناوس	sāqiyat Manaws

Ex. 01: *Yaqub reconheceu um pedaço da infância vivida em Manaus, se emocionou com a visão dos barcos coloridos, atracados às margens dos **igarapés** por onde ele, o irmão e o pai haviam navegado numa canoa coberta de palha.* (p. 16-17):

Tradução em árabe do **ex. 01:** (p. 12):

استعاد يعقوب بعضاً من طفولته التي عاشها في مناوس فتأثر برؤية الزوارق الملونة الراسية على ضفاف القنوات حيث كان يبحر مع أبيه وشقيقه في زورق مغطى بالقش.

Ex. 02: *Detestava os ralhos de Zana quando fugiam nas manhãs de chuva torrencial e o Caçula, só de calção, enlameado, se atirava no **igarapé** perto do presídio.* (p. 17):

Tradução em árabe do **ex. 02:** (p. 13):

كان يكره تذررات زانة عندما يهربان في الصباحات الشديدة المطر. يرتدي الأصغر سرواله الملوث بالوحل، ويرتمي في القناة قرب السجن.

Ex. 03: *Ele me levava para um boteco na ponta da Cidade Flutuante. Dali podíamos ver os barrancos dos Educandos, o **imenso igarapé** que separa o bairro anfíbio do centro de Manaus. Era a hora do alvoreço.* (p. 90)

Tradução em árabe do **ex. 03:** (p. 107):

لقد رافقته إلى حانة عند حدود (البلدة العائمة) حيث شاهدنا أكواخ "الإدوكاندوس"، والجدول العظيم يفصل الحي البرمائي عن قلب مناوس. لقد كانت متاهة البيوت المنصوبة فوق جذوع الشجر تغلي بالناس والحي يغمره الضجيج: فقير من الزوارق يحوم حول الأكواخ العائمة، أما العمال الراجعون من العمل، فكانوا يسرون صفاً واحداً فوق ألواح ضيقة كانت تقوم بدور شبكة دروب للتجول.

Ex. 04: *Depois nós caminhamos pelo porto da Escadaria, onde um canoeiro nos conduziu até o **igarapé** dos Educandos. A vazante do rio Negro formava praias enlameadas, [...]* (p. 114)

Tradução em árabe do **ex. 04:** (p.102):

ومنها سرنا نحو مرفأ "الإسكاداريا" من حيث ركبنا زورقاً واتجهنا نحو إحدى روافد "الإدوكاندوس" وكان الجزر قد غطى شواطئ النيجرو بالأوحال.

Ex. 05: Fazia isso todos os dias, mesmo aos domingos, quando eu passava na calçada da pensão e enxergava o prato de comida na soleira da porta, onde fervilhavam formigas-de-fogo e a gataria do Igarapé de Manaus. (p. 191-192)

Tradução em árabe do *ex. 05*: (p.175):

كل يوم حتى في أيام الأحاد؛ فعندما كنت أمر على الرصيف أمام النزل أرى ذلك الصحن على العتبة يعج حوله النمل والقطط الضالة من "ساقية مناوس".

O termo **Igarapé**, como mostrado nos exemplos acima, teve uma variedade de traduções conforme o contexto. O termo, marcado culturalmente, teve um número grande de ocorrência e representa um importante espaço geográfico da narrativa. Afinal, a trama acontece às margens do rio Negro em Manaus, na Amazônia, onde os braços dos rios, os canais entre as ilhas, os ditos igarapés, são parte região.

No *ex. 01* e *ex. 02* o termo “**igarapés/igarapés**” foi traduzido como “القناة/القنوات” *alqanāt/alqanauāt*, no caso singular e plural, o que significa “**canal/canais**” que inclusive uma palavra considerada cognata entre as duas línguas, e tem em árabe a mesma variedade de uso do português. No *ex. 03* o termo “**imenso igarapé**” foi traduzido como “الجدول العظيم” *aljadwal alʿazīm* o que tem o mesmo sentido de um canal, a tradutora acrescentou “العظيم” *alʿazīm* que é grandioso/imenso. No *ex.04* o termo foi traduzido como “روافد” *rawāfid* o que o mesmo que “um braço de rio” em árabe. No *ex. 05* o termo foi traduzido como “ساقية” *sāqiyat* *Manaws* que em árabe é o mesmo termo usado para um canal de água com roda moinho.

Portanto, a intraduzibilidade do termo pode ter levado a tradutora ao uso de vários termos conforme a necessidade do contexto. Segundo Baker (1992), o objetivo principal do tradutor deve ser recriar a mensagem pretendida do TP de tal maneira que ela se torne acessível e compreensível para o público-alvo.

O termo intraduzível é frequentemente usado para se referir às lacunas lexicais, como termos ou expressões que não existem em outro idioma, ou lacunas culturais, como conceitos que não existem em outras culturas. No entanto, não é necessariamente porque um idioma não tenha um equivalente lexical ou cultural direto para um termo/expressão/conceito que não haja absolutamente nenhuma maneira de expressá-lo em outro idioma.

De acordo com Bassnett (2005) a tradução entre idiomas envolve não apenas a transferência de 'significado' em nível linguístico, mas também a transferência de significado extralinguístico, vinculado a um conceito específico em uma cultura ou sistema humano específicos. Nos estudos de tradução, parece haver uma compreensão e aceitação implícitas dos limites da linguagem e da tradução e do fato de que normalmente não há equivalência completa através da tradução, apenas há graus de equivalência.

6. Palafita

Conforme o dicionário Houaiss (2009), é o nome dado às casas construídas sobre estacas, à beira dos igarapés. Como relata Hatoum (1993)⁴⁸, no início dos anos 60, Manaus conservava ainda um ar “caipira e cosmopolita”. Na fisionomia urbana, conviviam a arquitetura popular formada de palafitas [...] e os sobrados de estilo neoclássico construídos nos anos mais prósperos da economia da borracha.”

Parte integrante da cidade, onde se amontoavam ex-seringueiros, as palafitas são descritas nas obras de Hatoum como um lugar de moradia de ribeirinhos “Yaquib começou a remar, às vezes erguia o remo e acenava aos moradores das **palafitas**, ria ao ver os meninos correndo nos becos do bairro, nos campos de futebol improvisados, ou escalando o toldo de barcos abandonados.” (p. 114), ou um lugar sórdido, um “mundo escondido, ocultado, cheio de seres que improvisavam tudo para sobreviver” (HATOUM, 2000, p.59).

Tabela 07. A frequência da palavra “palafita” e as suas respectivas traduções.

Português	Total	Árabe	Transliteração
Palafita	08	الأكوخ العائمة	alakwāḥ al ^c ā'ima
		البيوت العائمة	albuyūt al ^c ā'ima
		أكواخ	akwāḥ

Ex.01: [...] sem saber quem eram os insultados: se os detentos ou os curumins que ajudavam as mães, tias ou avós a retirar as roupas de um trançado de fios nas estacas das **palafitas**. (p. 17)

Tradução em árabe do **ex.01** (p.13):

[...] دون أن يعلم من كان يشتم أو ممن كان يهزأ: أمن المساجين أم من الصبيان الذين كانوا يساعدون أمهاتهم، خالاتهم، عماتهم أو جداتهم على جمع الثياب المنتشرة على سياجات الأكواخ العائمة ؟

⁴⁸ Texto de participação do autor em no Seminário de Escritores Brasileiros e Alemães, realizado no Instituto Goethe, São Paulo, em 4/11/1993. Disponível em <<http://www.hottopos.com/index.html>>.

Ex. 02: *Com o fim da guerra, migraram para Manaus, onde ergueram palafitas à beira dos igarapés, nos barrancos e nos clarões da cidade. Manaus cresceu assim: no tumulto de quem chega primeiro. (p. 41)*

Tradução em árabe do **ex.02** (p. 36):

[...] بعد الحرب من أقصى مواقع الأمازون ، فنزحوا إليها ونصبوا البيوت العائمة على ضفاف الجداول وفي كل المساحات التي كانت غير مسكونة في مناس.

Ex. 03: *Via um outro mundo naqueles recantos, a cidade que não vemos, ou não queremos ver. Um mundo escondido, ocultado, cheio de seres que improvisavam tudo para sobreviver, alguns vegetando, feito a cachorrada esquelética que rondava os pilares das palafitas. (p. 80-81)*

Tradução em árabe do **ex.03** (p. 70):

رأيت عالماً مخفياً ، مستوراً ، مليئاً بأناس يرتجلون كي يحياوا واغلبهم كي يبقى على قيد الحياة فقط ، حالهم حال تلك الكلاب القذرة العائمة حول ركائز البيوت العائمة.

Ex. 04: *Yaqub começou a remar, às vezes erguia o remo e acenava aos moradores das palafitas, ria ao ver os meninos correndo nos becos do bairro, nos campos de futebol improvisados, ou escalando o toldo de barcos abandonados. (p. 114)*

Tradução em árabe do **ex.04** (p. 102):

أخذ يعقوب يجذف ، ومن وقت لآخر كان يرفع المجذاف محبباً سكان البيوت العائمة . فرح لمشاهدة الصبيان يركضون في أزقة الحي وفي ملاعب كرة القدم المرتجلة والمتسلقين ظهور الزوارق المقلوبة المهجورة.

Ex. 05: *Parecia estar contente, não se irritava com o cheiro de lodo que empestava as praias do igarapé. Apontou uma palafita na margem esquerda, um pouco antes da ponte metálica. (p. 115)*

Tradução em árabe do **ex.05** (p. 102):

ملأت الغبطة قلبه فلم يعبأ بالرائحة الكريهة الآتية من الأوحال المتراكمة فوق ضفاف الروافد . أشار إلى بيت عائمه عند الضفة الشمالية قبل الجسر المعدني.

Ex. 06: *Ela trouxe uma fotografia em preto e branco: Yaqub e minha mãe juntos, numa canoa, em frente da palafita, o Bar da Margem. Ele olhou a imagem, quieto e pensativo, e procurou com os olhos o lugar da margem em que algum dia fora feliz. (p. 115)*

Tradução em árabe do **ex.06** (p. 102):

عادت بصورة بالأبيض والأسود : يعقوب وأمي معاً في زورق أمام الكوخ ، أمام 'حانة الضفة' . نظر إلى تلك الصورة ساكناً باحثاً فيها عن موقع عند الضفة كان فيه سعيداً.

No glossário a tradutora define palafitas em árabe, como “edificações de madeira, habitadas por pobres, construídas sobre estacas de madeira, fixados no fundo do rio ou na lama, impedindo que a água as alcance quando o rio transborda.” (tradução minha).

A tradutora alterna imagens positivas e negativas a respeito das palafitas, evitando a construção de uma representação estereotipada dessas moradias, que nem sempre são consideradas “precárias” pela população da região amazônica, por ser uma alternativa de moradia para a população ribeirinha. (Fotos no Anexo I, acréscimo nosso)

Segundo Aubert (1984), traduzir mensagens de uma língua para outra é uma tarefa que envolve complexos e variados fatores socioculturais. Percebe-se que a tradução cultural apresenta maiores dificuldades para o tradutor por envolver problemas referentes às estruturas da LP e da LC, além das tomadas de decisão do tradutor com relação aos fatores psicológicos e socioculturais.

Um termo sem equivalente em árabe por ser específico da região amazônica, é difícil de expressar por meio de palavras. Neste caso, houve uma adaptação do termo para funcionar em árabe. A tradutora colocou, também, uma explicação sobre o termo no glossário.

7. Boteco

Conforme o dicionário Houaiss (2009), Botequim ou pequeno estabelecimento comercial onde são servidas bebidas alcoólicas, café etc. Bar que serve bebidas alcoólicas, tira-gostos, cigarro ou outros artigos; mercearia situada na periferia de uma cidade.

Tabela 08. A frequência da palavra “Boteco” e as suas respectivas traduções.

Português	Total	Árabe	Transliteração
Boteco	08	الحانات الرخيصة	alḥānāt arraḥīṣa
		حانة	ḥāna

Ex. 01: [...] entrei nas barracas espalhadas no porto da praça dos Remédios, nos pequenos restaurantes encafuados no alto dos barrancos, nos **botecos** do labirinto da Cidade Flutuante, onde ele costumava papear com um compadre. (p. 92)

Tradução em árabe do **ex.01** (p.81):

بحثت في الأكواخ المنتشرة حول الميناء في ساحة "دوس رميديوس" وفي المطاعم المختبئة بين الأكواخ في الحانات الرخيصة في متاهة (البلدة العائمة) حيث كان حليم يعتاد الدردشة مع صديق له.

Ex. 02: *Ele me levava para um boteco na ponta da Cidade Flutuante. Dali podíamos ver os barrancos dos Educandos, o imenso igarapé que separa o bairro anfíbio do centro de Manaus.* (p.120)

Tradução em árabe do **PCM 02**, (p. 107):

لقد رافقته إلى حانة عند حدود (البلدة العائمة) حيث شاهدنا أكواخ "الإدوكاندوس" ، والجدول العظيم يفصل الحي البرمائي عن قلب مناس.

Ex. 03: *Halim escutara o filho doutor com um ar sério, compenetrado. Agora, à mesa do boteco, contraía o rosto e soltava uma gargalhada de dar medo.* (p. 90)

Tradução em árabe do **PCM 03** (p. 109):

استمع حليم لابنه الدكتور وعلى وجهه علامات الجدية والوقار. لكنه الآن على طاولة الحانة وقد انبسطت ملامحه وأطلق قهقهة مرعبة.

A tradução da palavra Boteco teve somente duas variações, “حانة” *hāna* em 07 casos dos 08 e significa “bar em árabe” como nos exemplos 02 e 03. E traduzido como “الحانات” *alḥānāt* em um dos casos, e que significa “os bares baratos em árabe” como no ex. 01, sendo um termo pejorativo da palavra. O termo Boteco é um termo usado em algumas regiões do Brasil.

Percebe-se que a forma e a variedade da tradução dos sete termos culturalmente marcados – caçula, rede, seringueira, cortiço, igarapé, palafita e boteco –, servem como demonstrativo do esforço criativo da tradutora, tendo em vista que seu trabalho conta com contribuições tanto linguísticas como culturais para com a cultura de chegada, que determinam suas escolhas, alteram, em muitos casos, o texto de partida e, consequentemente, implicam na estética de seu trabalho. Com isso, o texto traduzido pode ser visto como tendo *status* semelhante ao da obra de partida.

Edward Sapir (1985, *apud* BASSNETT, 2005, p. 22) afirma que “a linguagem é um guia para a realidade social” e que os seres humanos estão à mercê da linguagem que se tornou o meio de expressão para a sociedade. Experiência, ele afirma, é em grande parte determinada pelos hábitos linguísticos da comunidade, e cada estrutura separada representa uma realidade separada, visto que “Dois idiomas nunca são suficientemente semelhantes para serem considerados como representando a mesma realidade social. Os mundos em que diferentes sociedades vivem são mundos distintos”.

Segundo Tarallo (1984) o processo de fazer o equivalente a dois sistemas linguísticos diferentes de maneira a evitar a perda de informação. O autor usa o termo "fazer equivalerem" e explica que este termo refere-se ao tradutor, pois "através de qualificar o elemento causador de ação: ao tradutor cabe uma tarefa de equivaler/fazer equivalerem sistemas linguísticos diferentes [...]" Tarallo (1984, p. 92), segundo o autor, o tradutor como transportador de informações, deve seguir caminhos particularmente difíceis em sua tentativa de equiparar sistemas formais, aos quais subjaz uma mesma carga semântica.

Para o autor a equivalência com base em variação acarreta duas consequências, de um lado tem a variação dentro de cada um dos dois sistemas linguísticos, o de partida e o de chegada, de outro, tem-se a variação linguística atuando no momento do transporte, no momento da tentativa de equivalência dos dois sistemas. Além do mais, tem que "ainda ser acrescida a interferência do profissional-tradutor, o qual, como personagem causador da ação tradutora, imporá em seu resultado na língua de chegada características próprias [...] como decodificar variantes sociolinguísticas de um sistema e transportá-las para um outro sistema" (TARALLO, 1984, p. 92-93).

3.5.2 Análise e Interpretação de Passagens culturalmente marcadas

Faço aqui a análise das **Passagens culturalmente marcadas (PCM)**, como mencionado no item 3.2, que são imagens narradas no livro e são relacionadas ao universo cultural amazonense. Optei por fazer a divisão em quatro categorias, *hábitos de vida social*, *hábitos religiosos*, *hábitos alimentares* e *aspectos regionais da natureza amazônica*, por observar que desta forma é possível trazer uma parte muito importante da cultura dos personagens na trama. A divisão em categorias facilitar a análise e a interpretação, porém, em algumas passagens podem mesclar categorias. Faço a interpretação dos dados no final das quatro categorias.

1- Hábitos de Vida Social

As passagens culturalmente marcadas de *hábitos de vida social* descrevem os hábitos dos personagens no livro, e em especial, do amazonense, a sequência de acontecimentos históricos que perpassam a trama.

PCM 01- *Yaquib quis ficar até meia-noite, porque uma sobrinha dos Reinoso, a menina aloirada, corpo alto de moça, também ia brincar até a manhã da Quarta-Feira de Cinzas.*

Seria a primeira noite de Livia na festa dos adultos, a primeira noite que ele, Yaqub, viu-a com os lábios pintados, os olhos contornados por linhas pretas [...]. (p. 18-19).

Tradução em árabe da **PCM 01**, (p.14):

كان يعقوب يرغب بالبقاء حتى منتصف الليل لأن فتاة شقراء، من أقارب الرينوزو، صبية طويلة القامة، كانت ستبقى لترقص وتلهو حتى اربعاء الرماد وستكون تلك سهرة ليفيا الأولى في حفلة الكبار وأول ليلة، هو يعقوب، سيرى شفتيها المحمرتين، وعينيها المكحلتين بقلم اسود...

PCM 02: *Ele e o irmão entravam correndo na casa, ziguezagueavam pelo quintal, caçavam calangos com uma baladeira. Quando chovia, os dois trepavam na seringueira do quintal da casa, e o Caçula trepava mais alto, se arriscava, mangava do irmão, que se equilibrava no meio da árvore, escondido na folhagem, agarrado ao galho mais grosso, tremendo de medo, temendo perder o equilíbrio. (p.14)*

Tradução em árabe da **PCM 02** (p. 13):

كان هو وشقيقه يدخلان البيت راكضين، يقفزان إلى فناء الدار الخلفي، يصطادان الحراذين بالناقفة، وعند هطول المطر، يتسلقان شجرة المطاط بحيث كان الأصغر يتسلق أعلى وأعلى، يخاطر ويهزأ من شقيقه الذي كان بتوازن وسط الشجرة مختبئاً بين الأوراق، متمسكاً بفرع غليظ، مرتجفاً من الفرع وخائفاً من الوقوع.

PCM 03: *Um enxame de canoas navegava ao redor das casas flutuantes, os moradores chegavam do trabalho, caminhavam em fila sobre as tábuas estreitas, que formam uma teia de circulação. Os mais ousados carregavam um botijão, uma criança, sacos de farinha; se não fossem equilibristas, cairiam no Negro. Um ou outro sumia na escuridão do rio e virava notícia. (p.120)*

Tradução em árabe da **PCM 03** (p. 107):

فقير من الزوارق يحوم حول الأكواخ العائمة، أما العمال الراجعون من العمل، فكانوا يسرون صفاً واحداً فوق ألواح ضيقة كانت تقوم بدور شبكة دروب للتجول. لقد كان بينهم من يخاطر بشجاعة فيحمل قنينة غاز أو ولد أو أكياس دقيق. ولو لم يكونوا كمارسي الألعاب البهلوانية لسقطوا في النهر. ومن وقت لآخر كان يختفي واحد منهم في ظلمة النهر ويتحول إلى خبر.

PCM 04: *Noites de blecaute no norte, enquanto a nova capital do país estava sendo inaugurada. A euforia, que vinha de um Brasil tão distante, chegava a Manaus como um sopro amornado. E o futuro, ou a ideia de um futuro promissor, dissolvía-se no mormaço amazônico. Estávamos longe da era industrial e mais longe ainda do nosso passado grandioso. (p. 128)*

Tradução em árabe da **PCM 04** (p. 114-115):

ليال كثيرة مرت في شمال البرازيل والكهرباء مقطوعة، بينما كانت عاصمة البرازيل الجديدة تتأهب للتدشين. ذلك الحماس الآتي من برازيل بعيدة كان يصل مناوس خفيفاً كنسمة هادئة؛ أما المستقبل أو أدنى فكرة عن مستقبل واعد فكانت تذوب في جو الغابة الشديد الحرارة والرطوبة. فقد كنا بعيدين عن الصناعة وأكثر بعداً أيضاً عن ماضيها العظيم.

PCM 05: *Ele sabia que Manaus se tornara uma cidade ocupada. As escolas e os cinemas tinham sido fechados, lanchas da Marinha patrulhavam a baía do Negro, e as estações de rádio transmitiam comunicados do Comando Militar da Amazônia. Rânia teve que fechar a loja porque a greve dos portuários terminara num confronto com a polícia do Exército.* (p. 198)

Tradução em árabe da **PCM 05** (p. 181):

كان على يقين أن مناوس ستحتل. أقفلت المدارس ودور السينما ابوابها. قامت سفن خفر البحر بالدوريات على جون النيجرو، بثت إذاعات الراديو بلاغات من قبل قيادة جيش الأمازون. اجبرت رانية على إقفال المحل لأن إضراب عمال المرفأ انتهى بمواجهة مع الشرطة العسكرية.

PCM 06: *Uma tarde de domingo, minha mãe me convidou para passear na praça da Matriz. Perto dali, atracados no Manaus Harbour, os grandes cargueiros achatavam barcos e canoas, ocultando o horizonte da floresta. No centro da praça não havia mais a multidão de pássaros que encantava as crianças. Agora o aviário que tanto me fascinara estava silencioso. Sentados na escadaria da igreja, índios e migrantes do interior do Amazonas esmolavam.* (p. 240)

Tradução em árabe da **PCM 06** (p. 220):

وفي ظهر يوم أحد ، دعنتني للتنزه في ساحة "الماتريز". فقد رست هناك بالقرب منها، في "ماوس هاربور" شاحنات كبيرة وبدت كالعماقة قرب المراكب والزوارق بحيث سترت أفق الغابة. لقد هجرت الطيور الساحة، تلك الطيور التي طالما سحرث الأولاد، كذلك سكت ذلك المطير الذي طالما فتنني. هنود ومهاجرون من داخل الامازون يتسولون على ادراج الكنيسة.

Estas passagens descrevem cenas da vida dos personagens e consequentemente de Manaus durante a época da trama. Cenas que mostram o comportamento e os hábitos da região. Uma cultura específica baseada no espaço e tempo da narrativa.

A PCM 01 mostra um hábito cultural típico dos brasileiros, a ligação da *Quarta de Cinzas* com o carnaval, “**também ia brincar até a manhã da Quarta-Feira de Cinzas Seria a primeira noite de Livia na festa dos adultos**” traduzido para o árabe “**لترقص وتلهو حتى**” o receptor do texto tem uma imagem e informação nova e diferente da sua cultura no que se trata da quarta de cinzas, que normalmente é uma data religiosa e até o termo “**أربعاء الرماد**” é conhecido por poucos na cultura receptora.

A PCM 02 **exibe** um comportamento típico de meninos da região norte em relação ao “**caçavam calangos com uma baladeira**” e ao “**Quando chovia, os dois trepavam na seringueira do quintal**” pois este comportamento na chuva é das regiões tropicas, pois na cultura receptora do texto, de forma geral, a chuva é ligada com a época de frio e portanto, o hábito de sair e brincar na chuva e no quintal é algo diferente.

A PCM 03 descreve algo muito novo e talvez difícil de imaginar ou ter a real visão da cena, **“caminhavam em fila sobre as tábuas estreitas, que formam uma teia de circulação. Os mais ousados carregavam um botijão, uma criança, sacos de farinha; se não fossem equilibristas, cairiam no Negro”**, especificamente a parte que fala da **“teia de circulação”** que em árabe ficou **“يسبرون صفّاً واحداً فوق ألواح ضيقة كانت تقوم بدور شبكة دروب للتجول”**.

A PCM 04 descreve Manaus na época de inauguração de Brasília e o que isso tinha de consequência para a região que fora esquecida e isolada do resto do país econômico e geograficamente. Descreve também a decadência que começa a atingir Manaus pós-período de glória que era o de extração da borracha.

A PCM 05 apresenta, outro acontecimento histórico importante para o país e a região, a ditadura militar e toda a consequência disso, **“lanchas da Marinha patrulhavam a baía do Negro, e as estações de rádio transmitiam comunicados do Comando Militar da Amazônia”**.

A PCM 06 mostra mais uma vez a decadência que atinge a cidade e as mudanças que estão acontecendo, **“Agora o aviário que tanto me fascinara estava silencioso. Sentados na escadaria da igreja, índios e migrantes do interior do Amazonas esmolavam”**.

2 - Hábitos Alimentares

As passagens culturalmente marcadas de *Hábitos Alimentares* descrevem os hábitos dos personagens no livro e os alimentos típicos da Amazônia. Muitos destes alimentos são desconhecidos inclusive por habitantes de outras regiões do Brasil.

PCM 07- *Fora assim durante os anos da guerra: Manaus às escuras, seus moradores acotovelando-se diante dos açougues e empórios, disputando um naco de carne, um pacote de arroz, feijão, sal ou café.* (p. 21).

Tradução em árabe da **PCM 07**, (p.18):

وكانت مناوس قد ظلت على تلك الحال طوال سنين الري الحرب : معتمة ، يحتشد سكانها أمام الملاحم والدكاكين، يتنازعون على قطعة لحم، على كيس رز أو فاجوم، على كيس ملح أو بن.

PCM 08- *[Yaquib] Perto do Hotel Amazonas ele parou diante da banquinha de tacacá da dona Deusa, tomou duas cuias, sorvendo com calma o tucupi fumegante, mastigando lentamente o jambu apimentado, como se quisesse recuperar um prazer da infância.* (p.85)

Tradução em árabe da **PCM 08** (p. 101-102):

[...]ولكن كل هذا تبتد عندما اقتربنا من "فندق أمازوناس" ، فوقف أمام كشك الست دوزا ، بائعة التكا، فأمسك قصعتين من على الكشك وأخذ يمضغ الجامبو المفلفل بتأن كأنه يحاول استعادة متعة الطفولة.

PCM 09- *Nunca comemos tão bem. Peixes os mais variados, de sabor incomum, cobriam a mesa: costela de **tambaqui** na brasa, tucunaré frito, pescada amarela recheada de farofa. O **pacu**, o **matrinxã**, o **curimatã**, as **postas volumosas e tenras do surubim**. Até caldeirada de **piranhas**, a **caju avermelhada e a preta**, com molho de pimenta, fumegava sobre a mesa. E também **pirão e sopa com sobras de peixe**, farinha feita das **espinhas e cabeças**, bolinhos de **pirarucu** com salsa e cebola.* (p. 163)

Tradução em árabe da **PCM 09** (p. 149):

لم نأكل أبداً بتلك الكثرة. ملأت مائدتنا الأسماك المتعددة الأنواء ذات الطعم الفريد. أضلاع تمباكي مشوية، توكوناريه مقلي، بيسكادو أصفر محشو بدقيق المانديوكا. باكوا، ماترينشان، كوريماتان، وأينك من قطع السوروبين الضخمة الطرية. وعدا عن طناجر اليخنة من البيرانيا الحمراء والسوداء مع صلصة الفلفل والتي كانت تصلنا إلى المائدة ملتهبة. وناهيك من البوريه والحساء بطعم السمك والدقيق المصنوع من الحسك والرؤوس والكفتة من لحم البيراروكو مع البقدونس والبصل.

A PCM 07 mostra um conjunto dos itens alimentares mais importantes dos brasileiros de forma geral, e dos amazonenses especificamente, que na situação deplorável que a cidade estava passando as pessoas foram para a fila atrás da necessidade básica do dia a dia, “**se diante dos açougues e empórios, disputando um naco de carne, um pacote de arroz, feijão, sal ou café**” e na tradução em árabe foi mantida a palavra “**feijão**” e representada foneticamente em árabe, como dito anteriormente,

"يتنازعون على قطعة لحم، على كيس رز أو فاجوم، على كيس ملح أو بن "

A PCM 08 apresenta uma cena típica e comum na região, a rotineira parada nas barracas de tacacá na vida das pessoas na região norte, “**banquinha de tacacá** da dona Deusa, tomou **duas cuias**, sorvendo com calma o **tucupi** fumegante, mastigando lentamente o **jambu apimentado**,” talvez, o vocabulário destacado em negrito na passagem seja também totalmente desconhecido pelas pessoas no resto do país. A tradutora manteve os termos, que não tem uma equivalência em árabe, somente foram representados foneticamente e explicados no glossário,

“فوقف أمام كشك الست دوزا ، بائعة التكا، فأمسك قصعتين من على الكشك وأخذ يمضغ الجامبو المفلفل”

O tacacá é um prato típico da Região Amazônica de origem indígena, preparado com um caldo amarelado, chamado tucupi. Coloca-se esse caldo por cima da goma de mandioca, também servida com jambu. O tucupi é um suco amarelo extraído da raiz da mandioca, e o jambu é uma erva típica da região norte do Brasil, com folhas verdes. (Fotos no anexo I)

A PCM 09 descreve o tipo de alimento preferido da região, o peixe. O texto original de Hatoum cita uma grande quantidade de pratos com peixes típicos da região, “costela de **tambaqui** na brasa, tucunaré frito, pescada amarela recheada de farofa. O **pacu**, o **matrinxã**, o **curimatã**, as **postas volumosas e tenras** do surubim. Até caldeirada de **piranhas**” e descreve como são consumidos pela família na trama. A tradutora manteve os nomes originais, somente faz uma representação fonética em árabe e explicando alguns no glossário, como no trecho:

”أضلاع تمباكي مشوية، توكوناريه مقلي، بيسكادو أصفر محشو بدقيق المانديوكا باكو، ماترينشان، كوريماتان، وأينك من قطع السوروبين الضخمة الطرية. وعدا عن طناجر اليخنة من البيرانيا الحمراء والسوداء“.

3- Hábitos Religiosos

As passagens deste tópico minuciam a devoção religiosa dos personagens e do povo da região.

PCM 10- *As cristãs maronitas de Manaus, velhas e moças, não aceitavam a ideia de ver Zana casar-se com um muçulmano. Ficavam de vigília na calçada do Biblos, encomendavam novenas para que ela não se casasse com Halim.* (p. 52).

Tradução em árabe da **PCM 10** (p. 64):

أما مسيحيات مناوس المارونيات، العجائز منهن والصبايا، فلم يتقبلن برضا فكرة احتمال زواج زانة من رجل مسلم. فاتخذن من رصيف بيبلوس مركزاً للمراقبة وللصلاة والدعاء للرب كي لا يسمح بزواج زانة من حليم.

PCM 11 [...] *mas Zana gostou dela. As duas rezavam juntas as orações que uma aprendeu em Biblos e a outra no orfanato das freiras, aqui em Manaus.*” Halim sorriu ao comentar a aproximação da esposa com a índia. “O que a religião é capaz de fazer”, ele disse. “Pode aproximar os opostos, o céu e a terra, a empregada e a patroa.” (64-65)

Tradução em árabe da **PCM 11** (p. 56):

ولكن زانة أحببتها وصارت الاثنتان تصليان معاً التراتيل التي تعلمتها واحدة في بيبلوس والأخرى في ميتم الراهبات في مناوس. ابتسم حليم حينما تذكر تقرب زوجته من الجارية: "أترى ما بوسع الدين أن يفعل! ، بوسعه التقريب بين المضادين، بين الأرض والسماء، بين السيدة والجارية ! ، قال.

PCM 12- *Mas logo Zana lembrava que rezavam juntas, veneravam o mesmo deus, os mesmos santos, e nisso elas se irmanavam. Nas horas da reza, em frente ao altar da sala, ficavam juntas, ajoelhadas, adorando a santa de gesso que Domingas espanava todas as manhãs.* (p. 68)

Tradução em árabe da **PCM 12** (p. 59):

ولكن سرعان ما تعود زانة إلى صوابها وتذكر أنها ودومينغس كانتا تصليان معاً فهما تعبدان الإله نفسه، وذات القديسين؛ وفي تلك المواضع كانتا كشقيقتين، فعند الصلاة، تركعان أمام الهيكل في الصلاة وتصليان لقديسة الجبس التي كانت دومينغس تنفض عنها الغبار كل يوم.

PCM 13- O povoado de Jurubaxi já se animava **com rezas e danças**, e das vilas vizinhas e até mesmo de Santa Isabel do rio Negro chegavam **caboclos e índios para o festejo**. (p. 75).

Tradução em árabe da **PCM 13** (p. 64):

كانت قرية "جوروباشي" قد تحضرت زاهية للدعاء ولللرقص، وكان الهنود والهجين يأتون إلى الاحتفال من كل القرى والضياح المجاورة حتى من "سانتا إيزابيل" قرب نهر النيجرو.

PCM 14- *Um dia, bem cedinho, o pai saiu para cortar piaçaba e colher castanha. Era junho, véspera de São João, a canoa com a imagem do santo se aproximava do rio, os gambeiros batiam tambor, cantavam e pediam esmola para São João.* (p. 74-75).

Tradução em árabe da **PCM 14** (p. 64):

ذات يوم ، خرج الأب مبكراً ليقطع أغصان البايسابا ويقطف الجوز البرازيلي وكان ذلك في حزيران ، في ليلة تسبق عيد القديس يوحنا. زورق صغير كان ينساب في النهر حاملاً صورة القديس، بينما كان الغامبيروس يدقون على الطبول ويغنون طالبين الصدقة للقديس يوحنا.

A PCM 10 mostra que, apesar de estarem longe da terra natal, onde houve um conflito religioso, havia uma cultura de superioridade de credo por parte das cristãs, “As cristãs maronitas de Manaus, velhas e moças, não aceitavam a ideia de ver Zana casar-se com um muçulmano” o que acaba chegando de volta na tradução, “أما مسيحيات مناوس المارونيات، العجائز منهن والصبايا، فلم يتقبلن برضا فكرة احتمال زواج زانة من رجل مسلم.”

Na PCN 11, o Halim, ao perceber que a sua esposa aproximar-se-ia da empregada Domingas, por intermédio da fé comum, gravaria uma afirmação que terminaria por reconhecer o valor da religião na vida das pessoas. Sem definir ou optar pela superioridade de credo, Halim, num tom aproximado da fraternidade entre ele e o Nael, máxima da religiosidade cristã e muçulmana, observaria, atento, a diminuição das diferenças sociais, ocorrida por força dessa aproximação religiosa “O que a religião é capaz de fazer”, ele disse. “Pode aproximar os opostos, o céu e a terra, a empregada e a patroa.”. Na mesma passagem é dito que elas duas, Zana e a empregada Domingas, rezavam juntas. Na PCM 12 completa esta imagem de que elas rezam para o mesmo santo.

As PCM 12 e PCM 14 mostram a religiosidade do ribeirinho, que “se animava **com rezas e danças**”, “a canoa com a imagem do santo se aproximava do rio, os gambeiros batiam tambor,” são rituais diferentes.

4- Aspectos Regionais da Natureza Amazônica

Tem-se aqui as passagens que descrevem o espaço geográfico da região amazônica, às margens do rio Negro. Os aspectos geográficos constroem o ambiente da narrativa. Os exemplos a seguir especificam a natureza amazônica, os pássaros, o rio, as chuvas e inundações, os igarapés que separam o centro da cidade da parte dos ribeirinhos, as palafitas, o porto, entre outros.

PCM 15: *Olha as **batuínas** e as **jaçanãs** ... apontando esses pássaros, que triscavam a água escura ou chapinhavam sobre folhas de **matupá** [...]* (p. 74).

Tradução em árabe da **PCM 15** (p. 64):

انظر الطيور الباتويرا والجاسانا"، قالت لي مشيرة الى تلك الطيور العائمة فوق المياه الغامقة او الجارية فوق الأعشاب المتلبدة.

PCM 16: *Uma tempestade, com rajadas de chuva grossa. Tudo ficou escuro, céu e rio pareciam uma coisa só, e o barco balançava muito e saltava quando cortava as ondas. A chuva inundava o convés e o passadiço, o comandante pediu que ficassemos deitados.* (p. 78)

Tradução em árabe da **PCM 16** (p. 68):

هبت عاصفة قوية وهطل مطر غزير، اسودت الدنيا واتحدت السماء والنهر، قفز المركب وتأرجح عند اختراقه الموج. فغمرت المياه ظهر المركب ومنصته فأمرنا القبطان بان نبقي متمددين[...]

PCM 17- *No cortiço dos fundos, só tumulto e aflição: as casinhas estavam inundadas e desde cedo eu e Domingas ajudamos a escoar a água dos corredores, a retirar a mobília dos quatinhos enlameados. Saímos do **cortiço** com o choro das crianças na memória e a impressão de que nossos vizinhos haviam perdido tudo.* (p. 231)

Tradução em árabe da **PCM 17** (p. 212):

دب البؤس والفوضى في أكواخ الحي الفقير خلف بيتنا . اقتحمت المياه تلك البيوت الفقيرة فذهبنا أنا ودومينغس لمساعدة أصحابها على جرف المياه من المماشي وعلى نقل الأثاث من الحجرات الموحلة. غادرنا ذلك المكان وظل بكاء الأطفال يدوي في أذاننا وملامح جيراننا الذين خسروا كل شيء لا تغادر خيالنا.

PCM 18- *Ele me levava para um boteco na ponta da Cidade Flutuante. Dali podíamos ver os barrancos dos Educandos, o imenso igarapé que separa o bairro anfíbio do centro de Manaus. Era a hora do alvoreço. O labirinto de casas erguidas sobre troncos fervilhava: um enxame de canoas navegava ao redor das casas flutuantes, os moradores chegavam do trabalho, caminhavam em fila sobre as tábuas estreitas, que formam uma teia de circulação.* (p. 90)

Tradução em árabe da **PCM 18** (p. 107):

لقد رافقته إلى حانة عند حدود (البلدة العائمة) حيث شاهدنا أكواخ "الإدوكاندوس"، والجدول العظيم يفصل الحي البرمائي عن قلب مناوس. لقد كانت متاهة البيوت المنصوبة فوق جذوع الشجر تغلي بالناس والحي يغمره الضجيج: قفبر من الزوارق يحوم حول الأكواخ العائمة، أما العمال الراجعون من العمل، فكانوا يسيرون صفّاً واحداً فوق ألواح ضيقة كانت تقوم بدور شبكة دروب للتجول.

PCM 19- *Depois caminhava pelas praças do centro, ia passear pelos becos e ruelas do bairro da Aparecida e apreciar a travessia das canoas no porto da Catraia. O porto já estava animado àquela hora da manhã. Vendia-se tudo na beira do igarapé de São Raimundo: frutas, peixes, maxixe, quiabo, brinquedos de latão. [...] Mas a visão das dezenas de catraias alinhadas impressionava mais. No meio da travessia já se sentia o cheiro de miúdos e vísceras de boi. Cheiro de entranhas. Os catraieiros remavam lentamente, as canoas emparelhadas pareciam um réptil imenso que se aproximava da margem.* (p. 81)

Tradução em árabe da **PCM 19** (p. 70):

كنت أتمشى في ساحات البلدة وأسير في أزقة ودروب حي أباريسيدا مندهشاً بالزوارق وهي تعبر ميناء "كاترايا" - الذي كان يعج بالحركة في تلك الساعة المبكرة من الصباح. وهناك على ضفة جدول "سان رايموندو": أشياء كثيرة كانت تعرض للبيع: فواكه وأسماك، ماشيشي وبامية وألعاب من التنك. [...] أما منظر عشرات الزوارق الصغيرة المصطفة بالقرب من بعضها البعض فكان يدهشني أكثر من أي مشهد آخر. عند منتصف الطريق وقبل الوصول إلى الميناء تفوح رائحة فضلات الذبائح، رائحة أحشاء. يجذب النوتيون بتمهل وتصطف الزوارق وراء بعضها بعضاً فتبدو كحيوان زاحف ضخم يقترب من الشاطئ.

Estas passagens refletem a ecologia do lugar da narrativa, sendo importantes para construir a imagem do local. De acordo com Mantovani (2008), há uma estreita ligação entre espaço e personagens na obra, pois, à medida que o narrador desenvolve a história das personagens, ele narra concomitantemente a história de Manaus e, portanto, descreve a natureza do local, que certamente influencia o modo de vida dos personagens.

Na **PCM 15**, a tradutora manteve os nomes dos pássaros “**batuínas e jaçanãs**” fazendo a transcrição em árabe “الباتويرا والجاسانا”. No glossário, os descreveu, ilustrando em seguida com exemplos de outros pássaros parecidos, que fazem parte da cultura da língua meta.

Já a palavra “matupás” foi traduzida para o árabe como “الأعشاب المتلبدة”, que significa “**plantas amontoadas**”. Na descrição de Freitas (2013), os matupás são ilhas flutuantes formadas por um bloco de material orgânico parcialmente decomposto em sua base e uma

comunidade vegetal e animal em sua superfície. Por possuírem um substrato orgânico com características de turfa, também podem ser consideradas turfeiras. Apesar de já existirem muitos estudos sobre os diversos tipos de ilhas flutuantes e turfeiras no mundo, há pouca informação a respeito de sua ocorrência na Amazônia.

O trecho “[...] pássaros que **triscavam** a água escura ou **chapinhavam** sobre folhas de matupá...” é uma imagem regional que completa o cenário manauara do romance. Esse trecho Esta passagem carrega dois verbos importantes: “**triscavam**” e “**chapinhavam**”, que certamente causaram dificuldade para a tradução. A palavra “**triscar**”, significa, entre outros sentidos, armar desordem, brigar, tocar, encostar (HOUAISS, 2009), sendo, neste contexto, tocar ou encostar. A tradutora optou por “العائمة فوق” que significa “que flutua acima”. Quanto a “Chapinhar”, que o dicionário Houaiss define tanto como agitar a água, dando-lhe de chapa com as mãos ou pés, a tradutora optou por “الجارية فوق”, que significa “corria em cima”.

A **PCM 16** mostra uma imagem de um rio caudaloso e com ondas onde navegam, isso mostra o tamanho do rio, “Tudo ficou escuro, céu e rio pareciam uma coisa só, e o barco balançava muito e saltava quando cortava as ondas”, sendo que, na cultura de chegada, os rios costumam ser pequenos e estreitos.

A **PCM 17** tem a imagem das casas dos bairros pobres sendo inundada com a enxurrada, “as casinhas estavam inundadas e desde cedo eu e Domingas ajudamos a escoar a água dos corredores, a retirar a mobília dos quartinhos enlameados”. Esta é uma realidade da região pela decorrente da força das águas e da falta do saneamento básico.

A **PCM 18** descreve o local e como a cidade se divide em duas formas, uma construída na terra firme e a outra na água, “o imenso igarapé que separa o bairro anfíbio do centro de Manaus. Era a hora do alvoreço. O labirinto de casas erguidas sobre troncos fervilhava” típico de Manaus. (Fotos no Anexo I)

Na **PCM 19** há a descrição completa do porto e dos barcos, dos vendedores, um espaço típico de Manaus de da trama de Hatoum, “Mas a visão das dezenas de catraias alinhadas impressionava mais” (Fotos do local no Anexo I),

”يجذب النوتيون بتمهل وتصطف الزوارق وراء بعضها بعضاً فتبدو كحيوان زاحف ضخمة يقترب من الشاطئ.”

Portanto, depois de analisarmos as estratégias de tradução das dezenove passagens culturalmente marcadas, percebe-se claramente a estrangeirização na tradução das PCM. Houve uma domesticação de alguns termos, que não existem em árabe por serem específicos da Amazônia, porém muitos termos permaneceram estrangeiros, somente com a representação fonética em árabe. Isto posto, chegamos a seguinte interpretação: deve ser visto o texto de

origem como o ponto de partida para o processo de tradução, porém, o foco principal é o texto de chegada e os fatores culturais, históricos e sócio-políticos que cercam a tradução, encarando-a desta forma como um fenômeno vinculado à cultura.

O tradutor “interrompe” intencionalmente as expectativas linguísticas do idioma de destino, a fim de marcar a alteridade dos textos traduzidos. Venuti (2004, p. 75) chama isso de “Descontinuidades no nível de sintaxe, dicção ou discurso permitem que a tradução seja lida como uma tradução [...] mostrando onde ela se afasta dos valores culturais da língua-alvo e onde depende deles”. Essas descontinuidades podem ser criadas utilizando precisamente aquelas formas marginais e minoritárias no idioma de destino que são excluídas pela expectativa de fluência.

Entretanto, a fim de obter um efeito resistente no discurso da língua de chegada, o tradutor deve equilibrar os elementos de domesticação e estrangeirização. Esse equilíbrio pode ser de tal maneira que a tradução seja domesticada o suficiente para ser aceita no discurso e, ainda assim, estrangeirizada o suficiente para ser resistente. Venuti (2004) concorda claramente que seria necessário um equilíbrio desses elementos - uma tradução totalmente estrangeira, de certo modo, não é uma tradução.

Quando Venuti (*idem*) fala de “boa tradução” como contendo um elemento de estrangeirização, esclarecendo que a escolha entre as estratégias alternativas não é neutra para ele: a ruptura implícita na leitura não é apenas uma estratégia possível, mas também desejável. O aspecto ético da estrangeirização pode ser visto como tocante no relacionamento da tradução com a cultura de origem, a cultura de destino e o leitor individual.

3.5.3 Tradução das Expressões Idiomáticas (EI)

Não há línguas sem suas próprias EI, e como dito no item 3.5, as expressões linguísticas desempenham um papel muito importante no estabelecimento de relacionamento dentro da linguagem. São duas ou mais palavras relacionadas sintaticamente, com um significado como uma única unidade sintática, cujo significado não é previsível a partir de suas palavras componentes. Portanto, a tradução destas expressões conta com uma complicação e depende do conhecimento do tradutor para encontrar a expressão equivalente na língua de chegada, segundo Costa (2016),

Que a atividade tradutória complicasse um pouco mais quando expressões peculiares a determinadas culturas – sejam elas idiomáticas, locuções, provérbios, etc. – integram-se na enunciação, parece não haver discordância entre os teóricos. Quando a temática é essa, um ponto que causa divergência entre profissionais da tradução ou de grupos de estudiosos do assunto diz respeito aos procedimentos que julgam mais adequados para traduzir. (COSTA, 2016, p. 127)

As expressões idiomáticas, também, de difícil tradução. Às vezes, quando um idioma é traduzido diretamente palavra por palavra em outro idioma, seu significado é alterado ou não tem sentido. Uma tradução literal de idiomas opacos provavelmente não transmitirá o mesmo significado em outros idiomas.

Os exemplos a seguir mostram que a tradutora usou expressões idiomáticas em árabe, mesmo que, no texto original não eram exatamente expressões idiomáticas:

PCM 03 [...] tirava do bolso a **garrafinha de arak**, bebia e se fartava de tanto olhar para Zana. (p. 48)

Tradução em árabe do, (p. 42):

يشرب العرق من بطحة كان يخرجها من جيبه ويثمل من كثرة التطلع الى زانة.

PCM 03 -Além dos livros usados, ele deixou roupas velhas que anos depois me serviriam: três calças, várias camisetas, duas camisas de gola puída, **dois pares de sapato molambentos**. (p. 38)

Tradução em árabe do, (p. 32):

ترك لي ثيابه القديمة التي لم تصلح لي إلا بعد سنوات: ثلاثة بنطلونات، عدة قمصان رياضية، قميصان رسميان فبَاتهما مهترئتان وحذاءان أكل عليهما الدهر وشرب.

PCM 03 -Às vezes refazia a frase e dizia: “Não entendo como o meu Yaqub se deixou **enfeitiçar por aquela osga**”. “Parecia a mesma menina, só que naquela visita a Livia mostrava uma parte dos peitos e das coxas”, [...] (p. 44)

Tradução em árabe do, (p. 38):

وبعض الأحيان وكانت تغير صيغة الجملة قائلة: "إنني لا أفهم كيف استسلم ابني لسحر أم بريس تلك". كانت ما زالت تبدو كالفتاة التي عرفناها ولكنها الآن تُبرز قسماً من صدرها وبعضاً من فخذيها، ...

PCM 03 -Todos na casa pareciam **tomados por um mal-estar**. Zana e Rânia só discutiam a portas fechadas; perto de mim, trocavam palavras com sussurros suaves, de voo de borboleta. (p. 231)

Tradução em árabe do, (p. 211):

لقد بدا الكل في البيت وكان أفعى قد بخت السم عليهم. زانة ورانية تتناقشان فقط خلف أبواب مغلقة، أما بقربي فكانتا تقتصران على كلمات وهمسات لطيفة، كرفرفة فراشات.

A tradutora manteve a equivalência e levou a mensagem e a imagem pretendidas no texto de partida até o leitor no texto de chegada, usando a sua autonomia.

Neste Sentido, a equivalência é chamada por Nida e Taber (1982) de “equivalência dinâmica”, sendo “um princípio de tradução, segundo o qual um tradutor procura traduzir o significado do original de tal maneira que a redação do TC desencadeie o mesmo impacto no leitor que a redação original provocou na audiência do TP”. Eles argumentam que frequentemente, “a forma do texto original é alterada; mas enquanto a mudança seguir as regras de tradução na língua de origem, de consistência contextual na transferência e de transformação na linguagem receptora, a mensagem é preservada” (NIDA e TABER, 1982, p. 200).

Essa substituição não é feita com base nos elementos linguísticos da frase, nem com base em uma imagem correspondente ou similar contida na frase, mas com a função da expressão idiomática.

3.6 A inserção de glossário na Tradução

Um glossário é uma lista alfabética de termos de um determinado domínio de conhecimento com a definição destes termos. Tradicionalmente um glossário aparece no final de um livro e inclui termos citados que o livro introduz ao leitor ou são incomuns. Um Glossário bilíngue é uma lista de termos em uma língua que são definidos em uma segunda língua ou indicados por sinônimos (ou pelo menos quase-sinônimos) em outra língua.

A tradutora do livro *Dois Irmãos* optou por inserir um glossário, com 80 palavras, no final do livro. No glossário foram colocadas as palavras que não haviam sido traduzidas para o árabe, por opção ou por não terem equivalentes. Porém, todas foram escritas, também, em português antes da descrição em árabe. Estas palavras foram representadas foneticamente no corpo do texto.

Figura 1. Um recorte de uma parte do glossário, na tradução para o árabe do romance *Dois Irmãos*.

A inserção do glossário na tradução do livro é mais um elemento que prova a visibilidade da tradutora. A seguir, o esquema apresentado por Costa (2016, p. 160):

Figura 2. A inserção do glossário (COSTA, 2016).

Segundo Costa (2016), a inserção do glossário leva em consideração quatro elementos. Primeiro: oferecer ao leitor um entendimento melhor do enredo a partir da explicação e exemplificação dada no glossário. Segundo: o de preservar os termos culturalmente marcados no texto de chegada, isto é, o respeito para com a cultura do texto de partida. Terceiro: ao inserir um glossário, a tradutora evidencia que o texto é uma tradução. Quatro: a tradutora assume a sua postura tradutológica e se responsabiliza pela tarefa de oferecer ao leitor o contato com outras culturas sem domesticá-lo.

Venuti (2004) fala sobre a inserção de glossário na tradução na primeira vez, em todo o livro, quando ele exemplifica com alguns detalhes a sua ideia de tradução estrangeira.

Certamente, a obra de Hatoum é repleta de termos que representam a região amazônica e suas peculiaridades, tanto em aspectos da culinária como da fauna e flora, assim como apresenta um vocabulário específico e regional. Portanto, o uso do glossário é uma solução que enriquece e valoriza o trabalho do tradutor e preserva a cultura do texto fonte.

Segundo Costa (2016), a inserção do glossário leva em consideração quatro elementos. Primeiro: oferecer ao leitor um entendimento melhor do enredo a partir da explicação e exemplificação dada no glossário. Segundo: o de preservar os termos culturalmente marcados no texto de chegada, isto é, o respeito para com a cultura do texto de partida. Terceiro: ao inserir um glossário, a tradutora evidencia que o texto é uma

tradução. Quatro: a tradutora assume a sua postura tradutológica e se responsabiliza pela tarefa de oferecer ao leitor o contato com outras culturas sem domesticá-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as evoluções nos estudos da tradução nas últimas três décadas percebeu-se a importância da recriação literária e da representação cultural do texto de partida no texto de chegada. Verificou-se, inclusive, que deve ser levado em consideração o espaço, o tempo e as circunstâncias sócio-histórico-culturais dos textos, de partida e de chegada, e entre os quais o tradutor se encontra como mediador, que são de extrema influência e importância para se entender o processo tradutório. Venuti (2004) afirma que as traduções devem ser lidas como traduções, como tipos especiais de literatura na língua de chegada.

Em vista disso, e dada a importância literária e o destaque do romance *Dois Irmãos* no contexto literário brasileiro e internacional e por ser traduzida para mais de doze línguas, esta pesquisa tratou não somente da importância da tradução cultural como meio de conhecimento da cultura do outro, mas também da importância da visibilidade do tradutor como mediador desse processo. Com base na teoria venutiana, portanto, o objetivo principal foi tecer uma análise comparativa dos termos e passagens culturalmente marcados na tradução para o árabe de *Dois Irmãos*, para verificar se a tradutora está visível na tradução e se manteve os traços culturais do texto original. A análise foi feita por meio do cotejamento do original e da sua tradução para o árabe.

Sendo assim, e amparada pelos estudos da tradução cultural, a teoria de visibilidade de Venuti, incluindo os conceitos de estrangeirização e domesticação, e a autonomia do tradutor, demonstrei que a tradutora manteve ao longo da tradução o aspecto estrangeiro da obra visível, por meio da estrangeirização, e se manteve visível na tradução, por meio de alguns recursos como, por exemplo, a inserção do glossário, a lista de personagens no final do livro e a variação na tradução dos termos conforme a necessidade do contexto. A tradução claramente carrega uma cultura bem diferente da cultura de chegada. Mostra ao longo da leitura que trata-se de um texto estrangeiro e que traz traços de outro povo, de outros hábitos e costumes e de aspectos geográficos diferentes, com a preservação dos traços amazônicos do texto, e, portanto, fica nítido sempre para o leitor que trata-se de uma tradução.

Segundo Venuti (2004) o tradutor tem uma obrigação ética de indicar a estrangeirização do texto fonte e a cultura fonte na tradução. Isso deve ser entendido como uma obrigação que o tradutor possui em relação ao texto e à cultura de origem – para manter, tanto quanto possível, sua identidade separada no idioma e na cultura de destino. O tradutor

deve interromper intencionalmente as expectativas linguísticas do leitor e, quando possível, optar mais pelo empréstimo do que pela adaptação.

A tradução sofre influência de um fator muito importante: o contexto no qual está inserida. Considerando que a tradução não é uma transferência de significados estáveis, ela inevitavelmente sofrerá influência da comunidade interpretativa sob a qual se encontra, evidenciando, assim, sua localização espacial e temporal. Dessa forma, a fidelidade não se respaldará somente no texto de partida, mas naquilo que o tradutor entende como fidelidade, levando em consideração o autor, as normas estabelecidas para o texto em questão e o contexto social.

Para tanto, neste trabalho tratei de alguns objetivos secundários e por meio dos quais apresento algumas conclusões. Primeiro, no segundo capítulo demonstrei a importância da tradução literária sendo interpretada como uma recriação artística no uso do sentido conotativo. Conclui que uma obra literária como “Dois Irmãos” carrega a geografia de um país, a história e a cultura de um povo e, por meio da tradução literária, leva tudo isso até um outro povo. Constatei, também, que a tradução cultural, conforme tratada por Bassnett (2005) e Bassnett e Lefevere (1990) e outros estudiosos da tradução, tem um papel fundamental, dentro do campo da tradução literária, como um esforço simultâneo de compreensão no encontro de duas culturas. Pois, ao fazer uma análise qualitativa por meio do cotejamento de termos e passagens do texto; da obra em questão e de sua respectiva tradução, ficou claro que a tradução cultural do texto de Hatoum abriu para o leitor, na língua de chegada, uma janela a um mundo diferente do seu e possibilitou o conhecimento do outro.

Acostada à linha de pensamento de Edward Said (2011) de que os textos literários, de variadas naturezas, são formas de atuação nas sociedades em que se inserem, construindo, fortalecendo, modificando ou inaugurando formas de pensamentos e comportamentos, temos que a tradução literária é uma das formas mais comuns de transporte da literatura para ser recebida em várias maneiras como na leitura de livros, no teatro, no cinema ou outras.

Constatei, também, que o papel do tradutor, sua autonomia, sua produção artística e a importância do trabalho realizado na cultura e na língua de chegada são cruciais para manter o valor literário do texto de partida. O distanciamento entre as línguas e culturas cria barreiras e dificuldades difíceis de serem vencidas como, por exemplo, as perdas causadas por diferenças linguísticas e extralinguísticas, o hibridismo, expressões idiomáticas, e etc., e cabe ao tradutor solucionar e recuperar. O objetivo é lidar com a perda na tradução da maneira mais racional e sistemática possível, o que implica estar preparado, se necessário, para perder características de grande relevância textual.

A ameaça de perda fica mais óbvia quando o tradutor confronta questões gerais de transferência cultural. No entanto, muitas questões de transferência cultural surgem não de fontes culturais extralinguísticas, mas de fontes intralinguísticas, e especificamente das fontes demonstráveis propriedades formais do texto de partida. Uma solução absolutamente crucial e muito importante é a compensação. Mais do que qualquer outra coisa, a compensação bem-sucedida exemplifica a combinação de imaginação e rigor, que é a marca de um bom tradutor. No entanto, embora a compensação envolva frequentemente transposição cultural e/ou gramatical, é uma operação necessária de tradução.

Com esta autonomia e criatividade do tradutor, o processo tradutório resultará em um produto, um texto com características textuais específicas, confeccionado para atender a uma demanda comunicativa, porém, preserva a cultura do texto de partida e, possibilitando ao leitor o conhecimento de um contexto e uma realidade novos e diferentes dos seus. Lefevere (2007, p. 13) afirma que os tradutores são “corresponsáveis, em igual ou maior proporção que os escritores, pela recepção geral e pela sobrevivência de obras literárias entre leitores não profissionais, que constituem a grande maioria dos leitores em nossa cultura globalizada”.

Conclui, também, após a investigação na versão árabe, que é possível aplicar o conceito venutiano a respeito da visibilidade do tradutor, tendo em vista que o pensador estadunidense sempre deixa bastante claro que mantém as questões do universo tradutório anglófono como seu horizonte de trabalho. Entretanto, Venuti identifica na prática estrangeirizadora uma reação contra uma estrutura etnocêntrica e hegemônica que recusa o capital linguístico e cultural estrangeiro. Por meio do cotejamento de trechos da obra⁷ de Hatoum e sua tradução para o árabe, fica clara a aplicabilidade do conceito venutiano quando o objetivo é demonstrar a visibilidade do tradutor e a estrangeirização da tradução. Sendo assim, e como consequência, é demonstrada a importância da visibilidade e da estrangeirização como formas de preservação da cultural do texto fonte e oportunidade para o leitor em conhecer o outro.

A relevância da discussão exposta neste trabalho de pesquisa é por incidir uma luz à complexidade da tradução e dar a importância e reconhecer a valorização do processo de criatividade e autonomia, as quais resultam na visibilidade do tradutor em um texto. Pois, Venuti acredita que um tradutor deveria enviar o leitor para o exterior, evitando qualquer forma de redução do texto estrangeiro aos valores culturais da língua-alvo. Por fim, neste estudo, me dispus a mostrar como o tradutor transmite conceitos culturais de um idioma para outro e de um povo para outro, principalmente porque essa transferência ocorre em dois idiomas completamente diferentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maria Youssef e AGUILERA, Vanderci de Andrade. A influência da língua árabe no português brasileiro: a contribuição dos escravos africanos e da imigração libanesa, *Entretextos*, Londrina, v.10, n.2, p.5-29, jul./dez. 2010.
- ALVES, F; MAGALHÃES, C & PAGANO, A. Traduzir com autonomia– estratégias para o tradutor em formação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- ARROJO, R. Oficina da tradução: a teoria na prática. São Paulo: Ática, 1986.
- ARROJO, R. Tradução Desconstrução e Psicanálise. São Paulo: Imago, 1993.
- Asma' Min el Tarikh – Safa Gubran (Nomes da História – Safa Jubran), A senhora das letras árabes, disponível em: <http://www.anba.com.br/noticia/16788242/oriente-se/senhora-das-letras-arabes/>
- AUBERT, F.H. Competência em Tradução. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- _____. Descrição e quantificação de dados em tradutologia. **Tradução & Comunicação**, n.4, p.71-82, 1984.
- _____. Modalidades de Tradução: teoria e resultados. In: **TradTerm**, v.5, n.1, p.99-128, 1998.
- _____. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. *Revista de Estudos Orientais*, v. 5, p. 23-36, 2006.
- BASSNETT, S. Translation Studies. Londres: Routledge, 2005.
- BASSNET, S. LEFEVERE, A. Translation, History and Culture. Londres: Pinter Publishers, 1990.
- _____. Estudos de Tradução. Tradução: Sônia Terezinha Gernring, Leticia Vasconcellos Abreu e Paula Rosseto. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- BAKER, Mona. A corpus-based view of similarity and difference in translation. In: ARDUINI, S.; HODGSON, R. (Ed.). Translating similarity and difference. Manchester: St. Jerome, 2004.
- _____. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. *Target*, v. 7, n. 2, p. 223-243, 1995.
- _____. Towards a methodology for investigating the style of a literary translator. *Target*, v. 12, n. 2, p. 241-266, 2000.
- BERBER SARDINHA, T. Linguística de corpus: histórico e problemática. D.E.L.T.A., São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.
- _____. Linguística de corpus. São Paulo: Manole, 2004
- _____. Pesquisas em linguística de corpus com WordSmith Tools. Campinas: Mercado de Letras, 2009
- BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, s/d.
- BRISSET, A. Cultural perspective on translation. **International Social Science Journal**, v.61, n.199, p.69-81, 2010.
- BURKE, Peter e HSIA, R. Po-chia (orgs). A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- CAMPOS, G. **O que é Tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986 (Coleção Primeiros Passos).
- COLOMBO, Sylvia. Contra o regionalismo. 14 de fevereiro de 2009, Folha de São Paulo. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1402200907.htm>>. Acesso em 25 de maio de 2018.
- CORDEIRO, J. M. Estratégias para o processo tradutório. In: Encontro 6º, Circulo de Estudos Linguísticos do Sul. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/Individuais/ESTRAT%C3%89GIAS%20PARA%20O%20PROCESSO%20TRADUT%C3%93RIO.pdf>. Acesso em: 28 de agosto de 2017.

- CORRIENTE, Frederico. Dicionário de arabismos y vocês afines em iberorromance. 2. ed. amp. Madrid: Gredos, 2003.
- COSTA, Andréa Moraes da. John Gledson Reescreve Milton Hatoum: A Teoria e a Experiência da Tradução Cultural. Tese de doutorado, São José do Rio Preto: 2016.
- DARIN, L. C. M. A tradução no contexto do mundo globalizado. Disponível em: www.revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3959/2608. Acesso em: setembro 19, 2017.
- EDWARD, W. Said. Cultura e imperialismo. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FERNANDES, José Guilherme. Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura da Amazônia ou literatura amazônica? In: Graphos. Revista de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. Vol. I, n. 2/1, João Pessoa, 2004
- FREITAS, C.T. de. Ecologia, etnoecologia e uso local de matupás na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, Amazônia Central / Carolina Tavares de Freitas. Manaus: [s.n], 2013.
- GRAIEB, Carlos. Milton Hatoum cria pátria entre dois mundos. Caderno 2, O Estado de S. Paulo, São Paulo, 8 mar. 1995. Disponível em <http://www.miltonhatoum.com.br/>. Acesso em 25 de maio de 2018.
- GONÇALVES, L. B. Avaliando a tradução literária. Revista de Letras, n.21, v.1/2, p.42-46, 1999.
- GONZÁLEZ, Carla Martínez. The Turn In Translation Studies I. monografia apresentada na faculdade de tradução em Barcelona, 2015.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HATOUM, Milton. Artigo “Arabescos Brasileiros”, para a revista Mashriq & Mahjar, Vol 1 No 2, p: 3-13 ISSN 2169-4435, 2013.
- HATOUM, Milton. Dois Irmãos. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HATOUM, Milton. Relato de um Certo Oriente. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HOUAISS, A. As Projeções da Língua Árabe na Língua Portuguesa. Um palestra no Centro de Estudos Árabes da USP em 1986. Transcrição e org. Cecília N. Adum.
- HOUAISS, A. Dicionário Houaiss eletrônico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- HOUSE, J. Translation quality assessment: a model revisited. Tübingen: Gunter Narr, 1997.
- HUSSEIN, B. A. S. The Sapir-Whorf Hypothesis Today. Theory and Practice in Language Studies, (2012). 2(3), 642-646.
- ISER, Wolfgang. O Fictício e o imaginário: Perspectivas de uma antropologia literária. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.
- JACKSON, K. David. The Flowering of Memory in “Eve’s Verandas” 2010. Disponível em <http://www.miltonhatoum.com.br/>. Acesso em 25 de maio de 2018.
- KASSAB, Álvaro. Jornal da Unicamp. Campinas, junho de 2001 – Ano XV – n.163
- KRAMSCH, C. Language and Culture. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- MANTOVANI, Antônio A. O Conflito familiar e o espaço em ruínas em Dois irmãos, de Germano Almeida e Dois irmãos, de Milton Hatoum. In: Congresso Internacional Da Associação Brasileira De Literatura Comparada, XI, 2008, São Paulo. Anais...- Tessituras, Interações, Convergências/ Sandra Nitrini et al. São Paulo: Abralic, 2008. [e-book].
- MARCELINO, J. L. L. Análise do processo tradutório sob a perspectiva discursiva: reportagens turísticas bilíngues da revista Viver Bahia. In: ANAIS DO VII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, Curitiba, 2011. p. 1881-1895.
- MILTON, John. Tradução: Teoria e Prática. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

- MUNNO, Amina DI. Culturas E Linguagem Na Ficção De Milton Hatoum, Artigo publicado no V SIMELP: Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa na Itália. 2017. Disponível em: <<http://sibaese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/viewFile/17959/15310>>. Acesso em: 20 de Dezembro de 2017.
- NIDA, Eugene A. e TABER Charles R. The Theory and Practice of Translation. Leiden: Brill, 1969.
- NIRANJANA, Tejaswini. Siting Translation: History, Post-Structuralism and the Colonial Context. Berkeley: University of California Press. 1992.
- NOGUEIRA, Marcos Diego. “Uma Literatura Difícil de Traduzir”. *IstoÉ*, 27 de maio de 2011 Disponível em: <https://istoe.com.br/139022_UMA+LITERATURA+DIFICIL+DE+TRADUZIR/>. Acesso em: 20 de Dezembro de 2019.
- NORD, C. Modelos do processo tradutório. Disponível em: www.traduzirmedia.blogspot.com.br/2011/02/modelos-do-process-tradutorio.html Acesso em: junho 30, 2017.
- OLMI, A. A Tradução literária: um campo interdisciplinar. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno03-03.html>>. Acesso em: 15 de setembro de 2017.
- OTTONI, Paulo (org.). Tradução. A prática da diferença. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1998.
- _____. Tradução Manifesta, Double Bind e acontecimentos. Campinas, SP: Ed. da Unicamp; São Paulo, SP: EDUSP, 2005.
- PIRES, Monica Kalil. A tradução cultural em romances históricos: análise comparativa entre Léon, l'Africain, de Amin Maalouf, e A Incrível e Fascinante História do Capitão Mouro, de Georges Bourdoukan. Teses de doutorado, Porto Alegre, 2009
- PYM, A. Venuti's Visibility. Versão online, sem páginas numeradas. Publicado originalmente em Target, v. 8, n. 1, p. 165-177, 1996/ 2010 Disponível em: <http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/translation/1996_Venuti.pdf>. Acesso em: 23 de maio de 2019.
- ROBINSON, D. Construindo o tradutor (trad, Jussara Simões). Bauru, SP: EDUSC. 2002.
- RODRIGUES, Cristina Carneiro. Tradução e diferença. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- RÓNAI, Paulo. A tradução vivida. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1981.
- _____. Escolas de Tradutores. Ed. Nova Fronteira, 6ª edição. Revista e ampliada. RJ, 1976.
- SARMENTO, C. A prática da tradução literária. Tradução e Multimídia, 2006.
- SCHOLES, Robert. Structuralism in Literature. New Haven: Yale University Press, 1974.
- SCOTT, M. WordSmith Tools Version 5. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- SNELL-HORNBY, Mary. Linguistic transcoding or cultural transfer: a critique of translation theory in Germany. In: Andre Lefevere & Susan Bassnett (eds.). Translation, history and culture. London: Cassell, 1990.
- SNELL-HORNBY, Mary. The turns in translation studies. New paradigms or shifting viewpoints? Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006.
- SOUZA, J. P. Tradução: uma visão integrada. Revista de Letras, n.20, v.1/2, p.51-66, 1998.
- SAPIR, E. MANDELBAUM, D. HYMES, D. Selected writings in language, culture and personality. Berkeley: University of California Press, 1985.
- TARALLO, Fernando. Aspectos sociolinguísticos da Tradução. In Tradução e Comunicação, Revista Brasileira de Tradutores, São Paulo: nº 04, 1984. P. 91-106.
- VANUTI, L. Escândalos da Tradução. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo; Ed. EDUSC: Bauru, SP, 2002.

- _____. Rethinking Translation: Discourse, subjectivity, ideology. London and New York: Routledge, 1st ed, 1992.
- _____. Translation Changes Everything: Translation and practice. Nova York: Routledge, 2013.
- _____. The Translator's Invisibility: A History of Translation. London and New York: Routledge, 2nd edition, 2004.
- VINAY, J. P.; DARBELNET, J. Comparative Stylistics of French and English: A Methodology for Translation. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- WHORF, B. Language, thought, and reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf. Cambridge: MIT, 1956.

ANEXO I

Fundos do Mercado Municipal Adolpho Lisboa, construído em 1880 com Materiais importados da Europa. Acervo: Museu da Imagem e do Som (MISAM).

As palafitas na beira do Rio Negro.

<https://www.flickr.com/photos/clovisferreira/35948717495>

Manaus Harbour,
http://www.braziltravelbuddy.com/Manaus/Historical_Places

O tacacá é um prato típico da Região Amazônica
<https://www.tudoreceitas.com/receita-de-tacaca-paraense-2915.html>

Jambu é uma erva típica da região norte do Brasil.
<https://www.tudoreceitas.com/receita-de-tacaca-paraense-2915.html>

O tucupi é um suco amarelo extraído da raiz da mandioca
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Tucupi>

O tucupi engarrafado e vendido nas feiras
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Tucupi>